

**UNESP**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“Julio de Mesquita Filho”**  
**INSTITUTO DE ARTES**

**Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado**  
**Área de Ensino e Aprendizagem**

**Experiência em arte-educação:  
Importâncias, relações e sentidos**

**CARLA FRANCISCA FATIO**

**São Paulo**  
**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNESP**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“Julio de Mesquita Filho”**  
**INSTITUTO DE ARTES**

**Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado**  
**Área de Ensino e Aprendizagem**

**Experiência em arte-educação:**  
**Importâncias, relações e sentidos**

CARLA FRANCISCA FATIO

**São Paulo**  
**2009**

**UNESP**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“Julio de Mesquita Filho”**  
**INSTITUTO DE ARTES**

**Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado**  
**Área de Ensino e Aprendizagem**

**Experiência em arte-educação:**  
**Importâncias, relações e sentidos**

**CARLA FRANCISCA FATIO**

Dissertação submetida à UNESP como requisito parcial exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, área de concentração em Artes Visuais, linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem da Arte sob a orientação da Professora Dra. Luiza Helena da Silva Christov para obtenção do título de Mestre em Artes.

**São Paulo**  
**2009**

**UNESP-IA**  
**FICHA CATALOGRÁFICA**

FATIO, Carla Francisca

*Experiência em arte-educação: Importâncias, relações e sentidos.*

São Paulo: 2009 - 388 páginas

+ *CD-ROM* anexo.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov  
Dissertação (Mestrado em Artes)

Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes.

1. Arte – Experiência. 2. Arte-Educação. 3. Imagem.  
4. Artista-educadora

I. Christov, Luiza. II. Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Artes. III. *Experiência em arte-educação: importâncias, relações e sentidos.*

**UNESP-IA**  
**Banca Examinadora**

Professora Dra. Luiza Helena da Silva Christov  
Universidade Estadual Paulista – UNESP  
Orientadora

---


Profa. Dra. Regina Prandini  
Universidade Estadual Paulista – UNESP  
Examinadora

---

Prof. Dr. Renato Brás de Oliveira Seixas  
Universidade de São Paulo - USP  
Examinador

---


Aprovada em: 18/02/2009.



\*\*

**UNESP-IA**  


*In Memoriam* de minha mãe Gianna Estella Fatio e  
de meu pai Norbert Jean Jacques Georges Fatio,  
com todo o meu amor e admiração.



\*\*

## UNESP-IA



### AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a minha querida orientadora Profa. Dra. Luiza que desde o início colocou-me foco e direcionamento em meu próprio desejo de pesquisa; e ao longo dos meses, e nestes dois anos de convivência partilhamos valores como respeito, confiança, diálogo; para culminar em uma relação afetiva de amizade e admiração;

Agradeço aos professores do Instituto de Artes da UNESP por todo o apoio, e compromisso assumido no partilhar o saber, e auxiliar-me nas obscuras dúvidas das inter-relações disciplinares com a pesquisa em questão;

Agradeço a Banca Examinadora de Defesa, nas pessoas de: Prof. Dr. Renato Brás de Oliveira Seixas, Profa. Dra. Regina Prandini e Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov; e aos suplentes: Prof. Dr. Milton Sogabe, e Profa. Dra. Miriam Celeste Martins.



Agradeço a Banca Examinadora de Qualificação, nas pessoas de: Prof. Dr. Milton Sogabe, Profa. Dra. Loris Graldi Rampazzo, e Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov.

Agradeço ao carinho e acolhimento das funcionárias da Secretaria de Pós-Graduação, da Biblioteca e das áreas relacionadas.

Agradeço aos meus colegas e amigos de Mestrado, àqueles que me auxiliaram com esta pesquisa, desde as correções até a tradução; aos meus alunos e amigos de todas as horas e de vida nos encontros e desencontros, em construções de nossa criatividade.

Agradeço aos Diretores da Abaçáí Cultura e Arte por me incentivarem e apoiarem nesta busca do conhecimento.

Agradeço ao meu amigo Luiz, e aos meus filhos queridos Jean e Julianna, por compreenderem e me fortalecerem em tantos momentos desta jornada.

Obrigada aos Seres de Luz.

Obrigada a todos, com todo o meu coração.

Carla



## UNESP-IA



### RESUMO

Esta pesquisa é sobre jovens que cresceram manuseando Arte em área de vulnerabilidade social, cultural e econômica na cidade de São Paulo.

Apresentamos experiências em arte-educação, vividas e reaplicadas nestes sujeitos, e que hoje, passados alguns anos, uma família e uma diretora contam esta história. Narra-se também a historicidade deste projeto sócio-cultural para valorar a importância da Linguagem da Arte em suas vidas, e como promoveram a construção de sua identidade.

Contam se aprenderam com a experiência e de que forma: como se propuseram a uma leitura pictográfica de si mesmos; desenvolvendo-se de forma lúdica e como meio de comunicação, com estímulos às memórias, individuais e coletivas. Porque exploramos juntos suas recordações e afetos, com o desenvolvimento de oficinas artísticas orientadas por esta artista-educadora, permitindo que os jovens trabalhassem valores democráticos como a paz, a tolerância, a negociação, o respeito e a cooperação na diversidade; concomitantemente a uma reflexão com a construção desses sentidos, não apenas em uma visão semiológica da produção, mas com o propósito de avaliar e



pensar também a questão da linguagem em Artes Visuais, como forma de codificação, percepção, e expressão.

Expomos a leitura a temas como um processo contínuo e não fragmentado, dialogando com autores que nos ajudaram a refletir e aprender com esta experiência.

Construímos um sentido à Arte e a vida.

Palavras chave:

1. Arte – Experiência. 2. Arte-Educação. 3. Imagem.
4. Artista-educadora

## UNESP-IA



### ABSTRACT

This research describes and analyses art-education experiences of youngsters who have grown up handling Art in a social, cultural and economic vulnerable area of a big city named São Paulo, in Brazil.

More specifically, this work presents art-education experiences that were explored and lived by a community group some years ago, and are now narrated by a family and a institutional director. Also, the historicity of those experiences is presented to confirm the importance of Art language for their lives and make evident the art-education value to the member's character edification and identity constitution.

Moreover, they tell us if they have learned with the experience and how: their accounts reveal how they intended to develop a stimulus to individual and collective memories of pictured readings of themselves in a ludic way and as a communication process. Regarding the art-education experiences, personal remembrances and affection for the artistic workshops were explored in order to help the youngsters build democratic values such as peace, tolerance, negotiation skills, respect and cooperation. in

an ethnic and cultural diversity. All at once, despite the restricted semiotic view of production and analyses, a concomitant reflection on the building of those values was derived from these experiences to assess and ponder the subject of visual Art language as a way of coding, perception and expression.

Furthermore, this research was enriched by continuous reading, and by sharing the results with specialists who contributed towards a better understanding of those art-education experiences.

Concluding, a broadest sense of Art and life has come out as a significant outcome.

Key words:

1. Art – Experience. 2. Art-Education. 3. Image.
4. Artist-educator



**UNESP-IA****LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b>	<b>23</b>
<b>Figura 2</b>	<b>32</b>
<b>Figura 3</b>	<b>48</b>
<b>Figura 4</b>	<b>50</b>
<b>Figura 5</b>	<b>52</b>
<b>Figura 6</b>	<b>57</b>
<b>Figura 7</b>	<b>58</b>
<b>Figura 8</b>	<b>60</b>
<b>Figura 9</b>	<b>61</b>
<b>Figura 10</b>	<b>71</b>
<b>Figura 11</b>	<b>71</b>
<b>Figura 12</b>	<b>72</b>
<b>Figura 13</b>	<b>74</b>

<b>Figura 14</b>	<b>78</b>
<b>Figura 15</b>	<b>82</b>
<b>Figura 16</b>	<b>83</b>
<b>Figura 17</b>	<b>86</b>
<b>Figura 18</b>	<b>87</b>
<b>Figura 19</b>	<b>91</b>
<b>Figura 20</b>	<b>93</b>
<b>Figura 21</b>	<b>100</b>
<b>Figura 22</b>	<b>104</b>
<b>Figura 23</b>	<b>106</b>
<b>Figura 24</b>	<b>108</b>
<b>Figura 25</b>	<b>111</b>
<b>Figura 26</b>	<b>114</b>
<b>Figura 27</b>	<b>116</b>
<b>Figura 28</b>	<b>137</b>

<b>Figura 29</b>	<b>140</b>
<b>Figura 30</b>	<b>141</b>
<b>Figura 31</b>	<b>142</b>
<b>Figura 32</b>	<b>143</b>
<b>Figura 33</b>	<b>146</b>
<b>Figura 34</b>	<b>150</b>
<b>Figura 35</b>	<b>156</b>
<b>Figura 36</b>	<b>157</b>
<b>Figura 37</b>	<b>158</b>
<b>Figura 38</b>	<b>158</b>
<b>Figura 39</b>	<b>159</b>
<b>Figura 40</b>	<b>159</b>
<b>Figura 41</b>	<b>160</b>
<b>Figura 42</b>	<b>161</b>
<b>Figura 43</b>	<b>162</b>



<b>Figura 44</b>	<b>163</b>
<b>Figura 45</b>	<b>164</b>
<b>Figura 46</b>	<b>165</b>
<b>Figura 47</b>	<b>167</b>
<b>Figura 48</b>	<b>177</b>
<b>Figura 49</b>	<b>191</b>
<b>Figura 50</b>	<b>203</b>
<b>Figura 51</b>	<b>206</b>
<b>Figura 52</b>	<b>224</b>
<b>Figura 53</b>	<b>230</b>
<b>Figura 54</b>	<b>233</b>
<b>Figura 55</b>	<b>233</b>
<b>Figura 56</b>	<b>240</b>

**UNESP-IA****LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>Ilustração 1</b>	
_____	<b>35</b>
<b>Ilustração 2</b>	
_____	<b>95</b>

## UNESP-IA

**SUMÁRIO****Introdução**

---

<b>Quem é a pesquisadora?</b>	
<b>Minha história e o meu interesse de pesquisa _____</b>	<b>02</b>
<b>Por que é importante contar esta história?</b>	<b>17</b>

**Capítulo 1**

---

<b>1. Contexto e memória da experiência _____</b>	<b>18</b>
<b>1.1 O passado e o lugar</b>	<b>35</b>

**Capítulo 2**

---

<b>2. A Experiência hoje _____</b>	<b>46</b>
<b>2.1 Quem é o grupo?</b>	<b>47</b>
<b>2.2 Procedimentos Vivenciados: Quais discursos querem contar?</b>	<b>68</b>
<b>2.3 Contar o que produziram nos Encontros</b>	<b>75</b>
<b>2.4 Contar a experiência</b>	<b>208</b>
<b>2.5 Contar os discursos</b>	<b>219</b>

### Capítulo 3

---

<b>3. Como pensar e aprender com a experiência</b>	<b>244</b>
<b>3.1 Problematização da experiência</b>	<b>245</b>
<b>3.2 Valorização do processo artístico</b>	<b>262</b>
<b>3.3 O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza</b>	<b>287</b>
<b>3.4 Arte em Projeto Social</b>	<b>299</b>
<b>3.5 A formação do professor</b>	<b>311</b>
<b>3.6 A avaliação</b>	<b>322</b>

### Considerações Finais

---

<b>O que aprendemos com a experiência?</b>	<b>331</b>
<b>Como esses jovens adultos se lêem, e como querem ser lidos?</b>	<b>336</b>
<b>Existe o afeto de ser afetado, ou apenas o afeto afetivo de uma aventura plástica e poética dessas leituras?</b>	<b>341</b>
<b>Quais os sentidos por eles produzidos sobre a experiência de arte-educação que vivenciamos?</b>	<b>346</b>
<b>E a pesquisadora, o que aprendeu com a experiência?</b>	<b>348</b>
<b>Considerações em construção</b>	<b>350</b>

---

### Bibliografia

---

**352**



---

**Por que é importante contar esta história?**

---



## Quem é a pesquisadora?

### Minha história e o meu interesse de pesquisa

---

Formei-me em Comunicação Visual na FAAP, e sempre elaborei e /ou participei de projetos e cursos na área de Arte em geral. Dei seqüências aos meus estudos pelo desejo de sempre conhecer mais e poder partilhar. Foi, assim, que cheguei a exercer estas habilidades artísticas na área de Favela que analisaremos juntos. Foi a minha primeira experiência como uma construção pictórica. Assim, por questões diversas e gostando de lecionar, e também já tendo a experiência em trabalhar em área de vulnerabilidade social, as portas se abriram na área de Educação, que informalmente sempre exerci.

Após os cinco anos na Vila Nova Jaguaré, em que exerci as atividades voluntariamente, e somando as atividades profissionais no *Atelier* de Arte, vim a trabalhar por mais cinco

---

❖



anos na Escola Pueri Domus (nas Unidades de Aldeia da Serra e antiga Jacurici) como professora; atuando desde o Jardim até o Ensino Médio, vindo também a ser convidada a exercer a função de Coordenadora em Arteterapia em Projetos Sociais na escola, em períodos alternados, e em ambas as Unidades. Desta forma, projetos foram desenvolvidos com alunos do Ensino Médio e aplicados em comunidades socialmente necessitadas e/ou em instituições como hospitais.

Comecei, concomitantemente, a lecionar, em nível de Graduação na Faculdade de Educação da UNISA – Universidade de Santo Amaro (antiga OSEC), no Curso de Pedagogia, a disciplina Arte-Educação Metodologia e Prática, a qual me propiciou troca de valores e conhecimento, com salas na inicial, de até setenta e dois alunos. Alunos na maioria professores de Arte ou de Pedagogia, oriundos da Rede Municipal e Estadual, geralmente locados na região sul da grande área metropolitana, como Itapecerica da Serra e Embu das Artes.

Adotei na bibliografia básica desta disciplina o livro de Miriam Celeste Martins (1988) e a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa. Desta forma muitos projetos foram desenvolvidos em salas de aula e reaplicados nas respectivas escolas. Depois de quatro anos, nesta área, fui convidada a lecionar na Pós-Graduação de Psicopedagogia, da mesma Universidade, em que enquanto discente concluí um Lato-Sensu e depois um Stricto-Sensu na respectiva área, sempre buscando aperfeiçoamento, e um olhar mais apurado para o

---



déficit de aprendizagem. E venho ministrando aulas, desde então, como artista-educadora em níveis *Lato-Sensu*; além de exercer uma função de assessora em uma Organização Social da Secretaria de Estado da Cultura.

Relato alguns momentos acadêmicos para que se possa compreender que meu caminhar pedagógico se deu inversamente ao que se sucede à maioria dos profissionais. Comecei este meu caminhar como artista plástica, e graças a um grande trabalho de dedicação de *atelier supervisionado* de anos,<sup>1</sup> aprendi a “olhar e sentir” o mundo de uma forma mais bonita, simples e poética.

Um “olhar fenomenológico” como diria Bosi (1990). Existe “algo” que inquieta... Este algo é valioso ao artista, porque o impulsiona a enveredar por caminhos nem sempre confortáveis ou conhecidos... Um sentido que auxilia a transpor barreiras sutis, barreiras imperceptíveis em um processo tangível, e que provoca um estupor de indignação.

Esta história começou justamente por acreditar que cada um de nós precisa e deve fazer a sua diferença: social, afetiva e ambiental, em um sentido maior aos homens e ao planeta Terra.

---

<sup>1</sup> Atelier supervisionado é um termo utilizado por artistas visuais que passam a ter uma supervisão, e estabelecem um diálogo poético e conceitual, sobre a pesquisa plástica. Esses supervisores podem ser desde um artista com mais experiência, com carreira profissional estabelecida, e/ou curadores e críticos de Arte que pelo menos dois anos antes desenvolvem um acompanhamento junto àquela exposição e/ou série.







A linguagem das histórias destas vivências é pela Arte, e não apenas como linguagem; mas, porque se torna um sentido à própria vida, a esta nossa vida atual do século XXI.

Como artista plástica, eu experimentei e vivenciei de forma significativa, especialmente na pintura, a possibilidade de criar, e compreender as re-ações do criar como experiência.

Afetei-me, no sentido de ser afetado, ao perceber em alguns sujeitos a extensa dificuldade de acreditar em sua potência criadora.

Neste sentido de buscas pessoais interagi com o meio social, corroborando para que em grupo ajudássemos uns aos outros a nos potencializar em nossos saberes, transformando nossas vivências em aprendizagens. E nesta ótica, me vi apenas como a artista que vai educar; e fundamentalmente a artista que se educa ao educar, e é deste afeto que estamos narrando.

E neste processo de transformar, e reaprender a partir de seus erros e /ou vivências, passei e muito a valorizar a questão simbólica da imagem de "nós", no ato de atar simultaneamente várias vezes.

Há alguns anos, precisamente quando comecei a desenvolver minhas pesquisas em nível *Lato-Sensu* tive acesso à narrativa da autora brasileira Eva Funari, em seu livro infanto-juvenil "Nós" (FUNARI: 2000). Este livro contribuiu muito ao meu imaginário, sensibilizando meu processo artístico-educacional. E desde então, pelo percurso da pesquisa

---



acadêmica escrevi dois trabalhos; o primeiro na Especialização, *Lato-Sensu*: “Psicopedagogia: nós em nós – a importância da linguagem da arte no afeto da educação” (FATIO: 2003)<sup>2</sup>; e o segundo trabalho Mestrado - *Stricto-Sensu*: “A iconografia da subjetividade no desatar dos nós” (FATIO:2005)<sup>3</sup>, referendando em ambos a criança que enfrenta sua diversidade com altivez, com brilho, com valorização da inclusão, do acolhimento, do afeto, pela conquista de práticas não formais à aprendizagem; e porque esse jovem foi afetado, se potencializa na transmissão desse conhecimento em práticas extensivas à sua vida, família e comunidade; como passagem, como processos peculiares às interfaces geradas pelas ações de ensino e aprendizagem informais, desenvolvidas e potencializadas nas trocas do conhecimento imediato, e guardadas internamente nos desejos de criar e ser valorado. Desejos que são e devem ser compartilhados. Porque acredito que “nós” (simbolicamente) são processos que acumulamos em nossas experiências vividas e não resolvidas, e que se acumulam, também em nosso crescimento psicossocial.

Por ter a Arte em meu fazer, fiquei pensando em crianças pequenas que não tinham acesso a essa liberdade em uma escola. Principalmente àqueles cuja vida se restringia a

---

<sup>2</sup> Pesquisa acadêmica Lato-Sensu em Psicopedagogia, finalizada e aprovada pela UNISA – Universidade de Santo Amaro, em 2003.

<sup>3</sup> Pesquisa acadêmica Stricto-Sensu em Psicopedagogia, finalizada e aprovada pela UNISA – Universidade de Santo Amaro, em 2005.





um espaço compartilhado e amontoado de caixas, papéis e pessoas... Resolvi então me dirigir a uma Subprefeitura para tentar valorar minha iniciativa de cooperar em uma área assim circundada, a qual descreverei com maior acuidade no capítulo 1 dessa dissertação. O fato é que este “fazer como artista-plástica” me impulsionou ao “fazer de educadora” e principalmente o conquistar e aprender formalmente. Assim, o processo de valorizar a ação e partilhar este olhar poético se construiu e fruiu em um momento em que já cansada de convidar outros artistas a desenvolverem “algo em prol maior” dos menos favorecidos, resolvi, por conta própria, visto que as perguntas que voltavam a minha pessoa eram do tipo: o que vou ganhar com isso (?)...; Assim, parti em busca de uma Subprefeitura que compreendesse o projeto, ao mesmo tempo em que pudesse me apresentar a um espaço, a um grupo.

Resolvi dirigir-me a uma determinada Regional da Área Metropolitana de São Paulo, mesmo morando no município de Itapevi. Faço um breve relato deste processo, porque o projeto desde seu “nascimento” foi marcado por situações e pessoas que passaram a acreditar e valorar as intenções: primeiramente colocadas, e depois implantadas. A pessoa nesta Subprefeitura me atendeu com cordialidade; e disse ser “impossível” executar minha proposta em forma de doação de tempo e habilidades artísticas. Naquele instante, por um impulso interno, compreendi que estava no local certo. Uma



semana depois conhecia o PR, CC e RY <sup>4</sup>, que prontamente aceitaram esta iniciativa de “valoração” de cooperar e somar. Portanto, a palavra “valorar” tem sua própria história gravada iconograficamente.

É importante ressaltar que faz parte de minha experiência a questão da valorização da Arte. Não é um ato meramente pejorativo; impulsionado por algo maior, intuitivo, e que fez parte da fruição que será narrada. Porque minha infância foi em uma fazenda no interior do Estado; cresci brincando com colonos, observando o comportamento altruísta de meus pais europeus em valorar a qualidade de vida para estes trabalhadores.

Quando iniciei de forma voluntária este projeto, resolvi mediar minha própria indignação social.

Estamos falando em um momento de vida, no meio da década de 90, em que a maioria das pessoas não pensavam em questões de responsabilidade social, voluntariado, etc. As pessoas que realmente acreditavam em mudanças, simplesmente iam lá e faziam. As histórias reais, que tinham fundamento e perseverança se confirmavam com o tempo. A Imprensa (Mídia impressa: jornais, revistas, etc.) e algumas grandes instituições não se expunham de imediato na

---

<sup>4</sup> Cito estas siglas porque contemplam as iniciais dos nomes das pessoas envolvidas, e para se preservar suas identidades. Ao longo desta dissertação adotaremos esta forma de identificação do grupo, e de cada pessoa. Mesmo que haja autorização de imagem e nome por escrito de cada integrante.





divulgação; já faziam suas papeis investigativos antes de se aventurarem em qualquer história midiática.

Os anos passaram, e este tempo veio em meu favor: no sentido que quando se lida com pessoas e se soma à experiência em Arte precisam-se de cuidados, no sentido de valores. Já era artista plástica com carreira profissional e prêmios na linguagem visual, tanto no Brasil como em alguns outros países da Europa e América Latina, quando iniciei este projeto. As Instituições Culturais já conheciam meu trabalho, como artista na cidade de São Paulo, e investiram neste “cuidado necessário de ser artista que produz em processo de educação”, e cujo valor maior é a ética. Há várias histórias para contar sobre esta questão de ética pertinente a este histórico, e que são narradas no capítulo 1.

Quando as oportunidades surgiram de executar o projeto, em uma grande área de vulnerabilidade social, era meu “olhar de artista plástica” que existia, e apenas este me guiou ao longo de cinco anos para fazermos a diferença em um campo sócio-cultural. Portanto, ao longo do tempo subsequente, busquei meu aperfeiçoamento profissional, e fui encontrar ressonâncias em salas de aula, espaços institucionais de cultura e educação, fóruns, congressos, e também em clínicas e hospitais de atendimento.

Aperfeiçoe-me, e hoje retomo essa análise concomitantemente com uma parte deste grupo, que também cresceu, percorreu diferentes caminhos da própria vida e formação. Hoje adultos, com famílias constituídas, se ❖

---

expressam por intermédio de suas memórias, resgatando parte de sua identidade juvenil.

**Como esses jovens adultos se lêem, e como querem ser lidos?**

**Existe o afeto de ser afetado, ou apenas o afeto afetuoso de uma aventura plástica e poética dessas leituras?**

**Quais os sentidos por eles produzidos sobre a experiência de arte-educação que vivenciamos?**

---

Esta pesquisa apresenta uma análise de imagens que construíram esses jovens em seus percursos infanto-juvenis, e passados sete anos sem estarmos juntos, reencontro hoje esses jovens adultos, entre as faixas etárias de 16 a 24 anos, com carreiras profissionais e novas famílias constituídas.

Utilizamos a linguagem da Arte para acessar esses processos de construção e re-construção, e para poder





observar o processo como um “fenômeno” de reconhecimentos múltiplos nessas histórias que emergem em seus discursos plásticos.

Descreveremos sua produção, sua experiência, e suas histórias de vida.

Observaremos não apenas as possibilidades que se fazem presentes em cada experiência; mas, como em um período descrito (quase quatro anos foram narrados em cinco etapas de aprendizagem), instrumentalizado, e depois uma espécie de “recesso” de observação por um período contínuo (no meu estudo são sete anos transcorridos desde a análise final); e assim, volto para ouvir, sentir, coletar, registrar, avaliar, analisar essa produção de sentido em suas vidas adultas do presente, com esses jovens que continuam sendo moradores da favela, ou seja, a mesma área de vulnerabilidade social. Na verdade, esses jovens hoje adultos refutam a idéia de chamar seu espaço de moradia e convivências múltiplas de “favela”. Esta por toda a sua comunidade é conhecida por “Vila Nova Jaguaré”.

Após estes anos, estes jovens beneficiados pelo processo lúdico de ensino aprendizagem à vida, pelo afeto de suas vivências, encontraram-se antes em outras histórias, das quais, cada um partilha a influência do Projeto Iconografia de um Espaço (nome dado ao projeto em sua formação em 1996); e a qual se manteve viva em suas relações até os dias atuais.



O objeto de estudo é refletir sobre a ressignificação da experiência em arte-educação, e em histórias de vida de pessoas que participaram do projeto Iconografia de um Espaço implantado em 1996.

Apenas para elucidar um mapa de fundo de contextualização desta pesquisa, elaborou-se na etapa inicial, do Projeto Iconografia de um Espaço (1996-2000), a implantação de oficinas de Arte, cujo propósito foi trabalhar com sucatas oriundas de doações de indústrias e da coleta de lixo, na região circundante, realizada pelos próprios participantes.

Enquanto pesquisadora "iconografo" os processos de subjetivação cristalizados nas linguagens artísticas no espaço da favela porque há a versão do significado de "iconografia" pela ótica da missão do Projeto citado no capítulo 1 da dissertação, além do nome próprio de "batismo" do projeto, há a questão semiológica. "Iconografia" é aqui entendido como discurso plástico, quando passamos do substantivo "iconografia" para um verbo, uma forma de ação, significa simbolicamente que estamos "tomando" essa causa como possibilidade de mapear todos os movimentos subjetivos que se sucederam por intermédio desse documento visual que se constitui como uma referência de caráter histórico e geográfico. Cartografa a questão do espaço geográfico e analisa a imagem, "ícone", resultado dos processos em questão. Como coloca Ferreira(1986:912), Iconografia também

Por que é importante contar esta história?







se refere, primeiramente, a Arte de representar por meio de uma imagem.

Há inúmeras possibilidades de trabalho para o arte-educador e artista-educador, porque possibilitam desvelar desejos, conflitos, tramas internas e inconscientes deste sujeito que quer aprender e também ensina.

O percurso de cada um de nós permeia um enredo de vivências que se transformam em histórias, sejam estas narrativas, lúdicas, pessoais, emocionais e/ ou sociais; e constituem em nós a nossa identidade única e pessoal.

Este grupo, movido por uma grande energia de amor, se propõe a reconstruir suas percepções pelo meu olhar de artista, de educadora, de pesquisadora. Esses jovens adultos, hoje, se propuseram a trabalhar com temas que desenvolveram em um contexto específico de identidade.

Nossos pressupostos são se eles têm hoje o que dizer sobre o passado; a experiência do passado provocou algo na vida deles, e se a experiência atual pode favorecer o dizer da construção deste sentido.

Para essa construção necessitamos captar os movimentos de reestruturação, e significação das relações espaciais e espaço corpo, por intermédio das atividades artísticas experienciadas pelos sujeitos desta pesquisa, demonstrando possibilidades lúdicas de aprender e transmitir, potencializados pelos processos de ser-estar, e como esses movimentos armazenados em seu passado próximo ajudaram-no ou não a valorizar suas histórias de vida no momento

---



presente. Mapeando suas memórias (para compreender os processos de subjetivação, construção e produção de sentido), seus afetos, e a percepção da importância da aprendizagem em Arte para os possíveis desdobramentos de sua vida adulta.

Com relação à Metodologia empregada, foi feito um plano de ação de tempo e metas, em conjunto com as possibilidades de dia, e o número de vezes que o grupo, como um todo, poderia atender. Foram planejados encontros, e em cada encontro foi desenvolvido oficinas práticas, de forma a possibilitar o acolhimento, a valoração, e de forma espontânea o diálogo para que as memórias surgissem. Estes dados construídos em conjunto são detalhados no capítulo 2.

O grupo vem ao encontro do processo de analisar as questões imagéticas que passam pelas histórias que foram e são narradas em forma de imagens. Imagens reais, pesquisadas pelos temas escolhidos por eles,, e que se manifestam poeticamente pelos desejos aflorados, por exemplo, pela cor quente e fria das tintas, dos traços vazados sobre as tintas, de pincéis que escamoteiam seu percurso por entre a massa plástica, por tubos de jornais enrolados por seus dedos ágeis. Encontram ressonância em seu "sujeito-autor", que simbolicamente se torna construtor e edificador de sonhos e desejos, inseridos hoje em sua vida adulta. Compreendemos que "sujeito-autor" é uma nova terminologia que além de sugerir ser autor e personagem concomitantemente, é um termo para ressignificar as relações de pensar e escutar do próprio indivíduo enquanto buscador, ❖

---



de sua própria verdade dentro do processo de aprendizagem e autoria de si mesmo na experiência. Assim, os jovens, moradores da mesma área, com extensão de sua própria família, passam a compreender o seu espaço vivencial e as pessoas que nele habitam, a partir de sua experiência artística. Estes dados construídos serão analisados; e levaremos em conta, o contexto histórico de cada ação, e o resultado criativo, baseada nas produções artísticas tanto individuais como as coletivas que veremos detalhadamente no capítulo 2.

Objetivam-se pesquisar categorias que compreendam esta articulação, que evolui para a análise de uma mediação qualitativa, e com o auxílio de recortes sobre histórias narradas e aplicadas em linguagens da Arte; desde a inicial, sobre um grupo restrito de pessoas que participaram no período inicial de 1996 a 2000; e hoje, 2007-8, encontram-se novamente diante de indagações que possam a vir a valorizar ou não seus percursos pessoais, refletidos sobre estes materiais artísticos de escolha comum.

Dou atenção a um material intangível, subjetivo, relacionado com questões específicas para o acolhimento coletivo de memórias que ressoam em seus corações. Valoriza-se o resgate “afetuoso” de um período infanto-juvenil de suas vidas nesta fase adulta e atual.

A prática têm e traz referências educacionais e artísticas evidenciando: o aprender pelo prazer de fazer, e pela própria transmissão de conhecimento vinculado à família

---

e amigos próximos, como um processo simples; e efetivo entre gerações.

Explorar-se-á uma localidade da área metropolitana da cidade de São Paulo que se estende além do município para a área intermunicipal da Grande São Paulo. Compreende-se que esta área é composta por construções de madeira, e/ou conjuntos de habitações toscamente construídas em áreas sem planejamento urbano e muito menos de saneamento básico (FERREIRA: 1993:246 e 1986:762); ou seja, um conjunto de habitações populares, geralmente construídas em morros, e cujo terreno não pertence aos seus moradores; constituindo-se de áreas públicas ou de terrenos de particulares. A não legalização da posse do terreno deixa os moradores em uma situação permanente de insegurança quanto ao espaço em que habitam.

Os dados atuais de apreciação da pesquisa foram coletados a cada Encontro; e o trabalho apresentado cresceu em conjunto com o grupo, pela construção de "objetos artísticos", produto da interação, e comunicação entre todos, através de procedimentos estabelecidos.



## Por que é importante contar esta história?

---

Enquanto artista-educadora retorno ao momento de 2007 para lembrar o passado, junto com um pequeno grupo, para analisarmos as ações que trouxeram um novo “olhar” do viés da linguagem da Arte em nossos processos de vida. E como essas ações de “sentir” a Arte trouxeram reflexos em nossas identidades.

Para esta reflexão, propus pesquisar e compreender as “memórias” deste grupo de jovens que ao longo de cinco anos amalgamaram suas trajetórias nestes caminhos artísticos, de fazer e transformar objetos que a sociedade não queria mais. Colocaram-se e se reafirmaram em um mundo simbólico, para que concomitantemente, pudessem se reconhecer em suas ações e vicissitudes.

Este “viver a experiência” poderia ser decodificado por elementos da própria imagem: pela estética, pela poética da materialidade, e por um viés do imaginário cunhado no passado e decodificado em reviver as sensações do mesmo material utilizado nas oficinas criativas.

Esta sensação de ir e vir, tangenciando o passado e o presente faz parte de um monólogo estabelecido por cada sujeito, em suas possibilidades de lembrar o passado, e



valorizar o caminho trilhado, desde então, para a sua vida atual e adulta. Observou-se seu próprio distanciamento da “área insipta” de moradia enquanto se permitia um devaneio pela linguagem da Arte, para valorizar o quanto isto poderia se tornar constante enquanto encantamento e embelezamento em seu mundo simbólico.

A presente pesquisa, portanto, apresenta nesta introdução a importância de se contar esta história, relacionada à história de vida desta pesquisadora; no capítulo 1 apresenta o histórico do projeto Iconografia de um Espaço para se compreender o contexto destas vivências; relacionando ao capítulo 2 às memórias resgatadas pela pesquisa de campo e a reflexão no presente para se estabelecer como aprender com estes discursos; no capítulo 3 juntamente com a temática discursiva, há o diálogo com o referencial teórico da análise para nos ajudar esta pensar a experiência; e assim, como um processo aberto e contínuo levantar as considerações finais.

\*\*





---

**Contexto e memória da experiência**

---

## **1. Contexto e memória da experiência**

---

O Centro de Juventude, que se chamava na época Centro de Juventude Santa Cruz, teve sempre como objetivo atender as necessidades das crianças e adolescentes na faixa etária de 07 a 14 anos, nos aspectos sociais, culturais e educacionais, com atividades próprias. De forma organizada criava um ambiente acolhedor onde a criança e o jovem desenvolviam as mais diversas atividades; auxiliando-os diretamente em sua formação, para que estes se tornassem adultos críticos e preparados para enfrentar a sociedade em que atuam. Foram criados, conseqüentemente, estes núcleos sócio-educativos para atender a demanda das áreas de vulnerabilidade social da cidade de São Paulo, em horário alternado da escola, e nessa proposta também se fornecia alimentação adequada sob a orientação da nutricionista da FABES.







O Centro de Juventude (CJ) foi o termo designado pela Prefeitura na época. Por exemplo, na gestão da Marta Suplicy (2002-2005), o CJ passou a ser conhecido como ECJ (Equipamento de Centro de Juventude). E em 2007, passou a ser denominado pela gestão da SAS: Secretaria Municipal de Assistência Social por NUSE – Núcleo Sócio Educativo, passando a atender crianças e jovens de 06 anos a 14 anos e 11 meses. Assim, cada governo municipal reaplica suas próprias diretrizes de incentivo e reinserção das políticas públicas locais.

Esta experiência se iniciou em 1996 com apoio da Regional Sé-Lapa<sup>5</sup> da cidade de São Paulo. Implantei oficinas de arte sistematizadas em dias alternados no espaço do núcleo educativo - Centro de Juventude<sup>6</sup> - mantido pela Regional dentro da área da favela do Jaguaré, e exercitando meu trabalho voluntário.

O termo “oficinas de Arte” é aqui empregado no sentido que Allessandrini (2002:45) chama de “oficinas criativas”; ou seja, é o espaço em que “o sujeito consegue restabelecer sua relação com o ato de aprender e aprender com o mundo, e a Arte, no sentido da capacidade que tem o homem de dominando a matéria, por em prática uma idéia. (FERREIRA: 1993:47). Adotaremos esta forma de se relacionar com as oficinas práticas por considerá-las também um acesso a criatividade de cada sujeito aqui indicado, bem como,

---

<sup>5</sup> [http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/plano\\_diretor\\_regional/0001](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/plano_diretor_regional/0001).

<sup>6</sup> [http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/plano\\_diretor\\_regional/0001](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/plano_diretor_regional/0001).



compreendemos que o contexto de tais oficinas ocorre em um espaço aberto, com um método informal à educação artística.

As relações dessa ensinagem ocorreram de maneira peculiar. No princípio era o prazer de fazer e compartilhar. Aprender e concomitantemente ser ensinada. Aprender a ouvir, sentir, compreender e executar. Constatamos uma aprendizagem informal, em um grupo de crianças e jovens. Pelo acesso à aprendizagem pela oralidade, pela transmissão desta forma de compreender, de ser parte integrante de ações vinculadas à comunidade em que nasceram e em que vivenciaram suas descobertas. Estabeleceram-se relações como processo de construção, e aprendizagem deste ser cultural pelo simples prazer de brincar. O processo era lúdico, e se tornou prazeroso compartilhar, investigar, e desenvolver várias possibilidades juntos; de desenvolver formas de driblar materiais não nobres, de reaproveitar materiais que ninguém, até aquele momento, havia pensado em transformar.

Por que é importante contar esta história?





Por que é importante contar esta história?



**Figura 1 - fotolitos velhos e recuperados em forma de folhas pintadas para se tornar novamente um livro.**

---

Lembro-me, como exemplo, do primeiro dia em que usamos tinta látex sobre filmes de fotolito. Todos aprenderam a criar a partir da tinta branca, novas cores, dispostas em garrafas de água cortadas ao meio, e cada qual com seu





respectivo pincel. Era uma folia contagiante: desenhar, pintar sobre aqueles formatos recortados de sobras de revistas (fotolitos) que, um dia, foram folhas impressas. Mas, o que realmente nos faz recordar e rir é o fato que no dia seguinte ninguém conseguia reconhecer seu próprio trabalho. A tinta havia secado, e por estar exposta sobre uma espécie de película/chapa (que é o fotolito), a cor da tinta se adulterava. Todos nós aprendemos a respeitar muito mais, de uma forma simples, a questão da diversidade. Como este exemplo citado, muitos outros trabalhos acabaram também sendo induzidos a um debate construtivo a partir deste ponto. Assim, neste prazer de fazer evidenciaram-se as relações lúdicas como forma de inclusão, transformação, ensino e aprendizagem pelo vínculo da família em suas tradições.

Outro exemplo, para reforçar a idéia de vínculo com a família durante o processo, e suas próprias formas de diálogo entre os membros, equacionamos trabalhar com latinhas de refrigerantes e cerveja que catávamos pela área das vielas da favela. Os pais das crianças conhecedores de nossa intenção resolveram colaborar e muito. Não se jogava mais nada fora, e de todo o “boteco” que houvesse por ali um pai passava e retirava as latinhas. Naquela época não havia ainda o senso comum de se reciclar e de reaproveitar tal material da forma como hoje se insere como mercado paralelo de renda alternativa aos mais pobres.

Crianças e jovens estavam locados em um espaço aberto: experimentando, experienciando, expostas ao olhar

---



interativo da construção pictórica de um objeto; posicionado entre trocas de inúmeras aprendizagens familiares e técnicas artísticas. Esses deslocamentos foram tratados como um devaneio onde cada passo individual trouxe consigo o significado de uma pequena vitória coletiva.

Elucidaram-se também a utilização destas ferramentas artísticas no campo da linguagem e a percepção como fenômeno de interferência, indicando o objeto analisado como mediador de conhecimento destes sujeitos; porque a criatividade, a espontaneidade, tudo fruía em perfeita harmonia. O termo designado por “fenômeno de interferência” se refere a tudo aquilo que nosso olhar pode captar e estabelecer como parâmetro de realidade (real) e não imaginativa. (FATIO: 2005).

As linguagens artísticas corroboraram, assim, para o fator desencadeante da aprendizagem e da valorização do humano mediante a produção de um novo sentido; feita neste movimento subjetivo por crianças e adolescentes à margem da sociedade.

Ao entendermos as relações que se constituíram no meio em que o sujeito estava inserido, este se autorizou a “registrar” interiormente este aprendizado, porque encontrou significado em sua ação e vice-versa.

Estas crianças e jovens (da época) são (e foram) de um meio social paupérrimo de recursos financeiros, habitacionais, educacionais; vivem (e viveram) em constante vulnerabilidade moral e social.





Em 2007-8, enquanto jovens adultos, estes passaram a analisar quais processos se modificaram ou foram modificados em sua realidade. Incluo as habilidades pessoais, potencializadas e valorizadas em cada pessoa, que enquanto indivíduo também se autorizou a aprender, a receber o conhecimento por outro, pelas experiências de sua própria vida, como processo ensino-aprendizagem, como produção de sentido.

Verificam-se possibilidades em como pensar a abertura deste sujeito à sua experiência para acessá-la como processo à sua formação. Porque a presente pesquisa desenvolveu-se em dois momentos do tempo: na inicial, a partir de “memórias”, sensações de reutilizar os mesmos materiais, estes jovens se aceitaram ser “iconografados”, em experiências inconscientes do prazer de fazer; absorvidos pelo seu imaginário lúdico da experimentação que é relatado neste capítulo como parte da história desta construção linear do projeto ao longo do tempo. E na atualidade, enquanto construção das identidades, estes jovens adultos que se permitem ter e rever uma experiência, narrados com maior detalhamento no capítulo 2.

Em nosso momento atual, final da primeira década do século XXI, faz-se necessário e cada vez mais rápido, uma aprendizagem para a compreensão de uma gramática de imagem. Temos acesso diário às várias formas de inserção dos meios de comunicação. Somos “bombardeados” todos os dias ❖

---

com milhões decodificados de informações visuais; nosso olho se adapta aos elementos que constroem um desenho, uma imagem. Para tanto, é necessária a compreensão da forma que se apresenta em nossa Cultura como meio de Comunicação e conseqüentemente sua decodificação, sua leitura.

A comunicação nos auxilia a compreender a importância do acesso aos meios televisivos, *outdoors*, veículos de imprensa, enfim, a produção cultural de consumo e suas relações midiáticas. Estes jovens também têm acesso, embora com maiores restrições efetivas ao consumo. E seu “olhar” se adapta e se compõe visualmente nesta leitura de signos e significados. Isto provoca em cada um de nós a construção de uma linguagem subjetivada, que quanto mais possibilidades de interpretações você compreender de uma mesma referência, melhor. E neste diálogo surge a compreensão e apreensão de cada sujeito que passa a desenvolver sua percepção de mundo, imbuído de conceitos e valores que “moldam” a construção de sua identidade real.

Desenvolvo o termo “virtudes sociais” (prudência, altruísmo, etc) para fazer uma analogia maior e completa ao que realmente é ter uma virtude inserida em um meio social hostil, dialogando com um protagonismo infanto-juvenil. Referimo-nos às estas virtudes como ações potencializadas pelos afetos (processos de afetar e ser afetado), construídos e assimiladas pelos vínculos ao Projeto; e estes reaplicados às vivências pessoais e sociais, para verificar se viriam ou não a

---



modificar a construção de sua identidade; partindo do pressuposto que houve a necessidade de valorização do ser no contexto social, escolar, e etário. E como tal, passa-se a observar também como estas virtudes sociais se manifestaram nas relações vinculares; e como cada virtude imbuída no sujeito o auxiliou ou não a se moldar na construção desta interação sujeito-objeto-aprendizagem.

O objetivo principal da estrutura do Projeto Iconografia de um Espaço foi o desenvolvimento de um espaço comunitário, aberto à diversidade, com integração dos componentes: moradores e freqüentadores da área de favela; com o propósito de desenvolver oficinas criativas e formar e compreensão da percepção artística com objetos de sucata oriundos do próprio espaço, e conseqüentemente, conceitos de respeito e valoração ao meio ambiente.

O Projeto foi baseado em um dos locais de apoio da Prefeitura de São Paulo em comunhão com crianças e adolescentes com deficiência sócio-econômica, deficiência física e deficiência mental leve; e a parceria dos empresários oriundos dessas empresas doadoras de materiais de sobra (sucata). Possibilitamos uma oportunidade de interação e resgate para um modelo de criação e pesquisa do objeto em diferentes áreas: com releitura e interferência na elaboração e montagem visual final dos elementos em questão; no olhar de artista, com interferência direta no espaço público, valorando a participação, o apoio afetivo e a conscientização desta

---







comunidade. Com estas estratégias objetivamos a interação do olhar pelo reeducar, e consolidar uma participação efetiva através de pesquisa da diversidade de materiais de sucatas destas indústrias, lixões de periferia e da rua.

O Projeto Iconografia de um Espaço teve como missão criar uma base modelo de atuação em diferentes áreas de localização geográfica, "iconografando" suas dificuldades e encontrando soluções locais de reaproveitamento de materiais e produtos atóxicos; e com a utilização de diferentes expressões artísticas e formas de comunicação para desenvolver novas relações na comunidade; ou seja: mapear espaços públicos e transformá-los artística e poeticamente com apoio e interação dentro da própria comunidade. Através desta temática de se iconografar a "poética do objeto" em si, resgatamos a memória afetiva, com suas raízes e implicações. Retiramos elementos normalmente jogados fora, e os reintegramos em um novo conceito de "belo"<sup>7</sup> aplicado.

Localizamos o "sujeito da ação" num percurso de resultados coerentes concretos, propiciados através do olhar e sentir, ver e interagir, através do conceito íntimo de existir e coexistir na sociedade; em que a Arte se torna o fluir de uma energia. Porque ao se trabalhar com materiais externos, torna-se uma oportunidade para interagir com o meio ambiente, espaço público. Possibilitam-se retirar dogmas ou

---

<sup>7</sup> Esta questão do "belo" será melhor detalhado no capítulo 3.





tabus, e validar que a Arte seja a comunhão entre reciclar “poeticamente”, e fundamentar o registro da identificação deste espaço ocupado.

Tivemos também a finalidade de prestar atendimento multidisciplinar: pedagógico, artístico, poético, e cultural na reabilitação de crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais e deficiência sócio-econômica.

Como artista plástica procurava me basear nos fatos de uma rotina, instigada para compreender como a construção do conhecimento mediado pela valorização do resgate de pertencimento ao grupo seria importante; e também sua habilidade motora de desenvolver novos objetos oriundos de detritos, por meio de sua criatividade e da flexibilidade do coletivo, para facilitar a concretização de autoria no sujeito enquanto indivíduo. Como sinergia do momento histórico, simultaneamente a partir do ano de 2000, houve uma profusão de ONG’s (Organizações Não Governamentais) espalhadas pelo país, além da rede de construção liderada por Milú Villela no Programa “Brasil Voluntariado”; e que hoje se tornou uma instituição que abriga a CVSP – Centro de Voluntariado de São Paulo, e a Rede Faça Parte, incentivando Instituições a participarem e treinarem seus funcionários para tais lideranças.

Explicamos que Terceiro Setor é um termo designado para se referir ao setor em que se incluem as Organizações não Governamentais, Fundações, Entidades filantrópicas e





demais Associações Cívicas que se utilizam de recursos privados em projetos com fins públicos.

Estamos apresentando esta experiência em forma de narrativa, na intenção afetiva de desenvolver um projeto social sem vínculo financeiro; e promover um vínculo amoroso que começou sob o olhar perceptivo de uma artista plástica que naquele momento tinha a intenção de compartilhar e transformar.

Como diria Merleau-Ponty: "Ainda não tratamos de uma verdade fora do tempo; mas, antes da retomada de um tempo por outro como, no nível de percepção, nossa certeza de abordar uma coisa não nos põe a salvo de um desmentido da experiência nem nos dispensa de uma experiência mais ampla". (1996:55)

Ao registrar esta experiência tem-se, como ponto de observação, o comportamento do ser humano nesta sociedade pós-contemporânea, em que as verdades individuais continuarão em conflito e teremos sempre problemas para entender a mesma realidade. Porque trabalhar com o real é um processo que começa pelo modo de se lidar com os outros. E assim, essa circunstância prevê a criação de espaços de convivência, inter-educação e inter-geração de idéias. Como Mariotti coloca: "Se o ser humano é, como todo ser vivo, uma unidade de conhecimento, viver é fazer parte de um incessante processo de aprendizagem". (2000:80).

E na seqüência, para auxiliar a analisar o pensamento neste contexto histórico, temos novas realidades perceptivas



se sucedendo no processo do projeto, com inserção de valores (interdisciplinaridade, cidadania, meio ambiente), tornando-se virtudes naturais do resgate da qualidade de vida nesse ambiente construído por mais de cento e tantas mãozinhas da favela do Jaguaré.

Porque “a certeza da idéia não fundamenta a da percepção; mas, repousa nela enquanto é a experiência da percepção que nos ensina a passagem de um momento a outro, e busca a unidade do tempo. Neste sentido toda consciência é consciência perceptiva, mesmo a consciência de nós mesmos”. (MERLEAU-PONTY: 1996:42).

Por que é importante contar esta história?



Figura 2 – VÁRIOS GRUPOS TRABALHANDO NO ESPAÇO DA FUNARTE - SP





Este projeto propiciou novas oportunidades a menos favorecidos em reciclar as áreas comuns da favela, sua casa, sua área de moradia, interferindo poeticamente no espaço público para torná-lo efetivamente belo, limpo, mais saudável e habitável. Ocorreu um processo natural à valorização da auto-estima, e conseqüentemente a preservação local. Transcendendo esses atributos, e pontuando a singularidade do indivíduo, propiciavam-se atividades que valorizaram o trabalho coletivo e solidário, possibilitando a questão da integração e da cidadania.

Merleau-Ponty (1996:42) nos faz refletir quando coloca o problema da relação entre excitação e percepção, posto que seja uma questão que interessa ao conhecimento, enquanto ponto de vista existencial, obrigando-nos a encarar o complexo pensamento do homem neste mundo "Será que eu separo o mundo de mim quando me pergunto sobre a relação entre percepção e sensação?".

Nesse projeto que começou com a doação de tintas, pincéis quebrados, pedaços de lycra (tecido), pedaços de lona (tecido mais grosso), sacos de ráfia usados, jornais velhos, começamos a construir um universo simbólico de desejos e afetos não velados. Como Merleau-Ponty complementa: "A certeza que tenho em mim é aqui uma verdadeira percepção: eu me aprendo não como um sujeito constituinte transparente por si e que desfralda a totalidade dos objetos de pensamento particular, um pensamento engajado em certos objetos, um





pensamento em ato, e é a este título que estou certo de mim mesmo". (1996:58).

Observamos que ao passar dos anos, construímos uma identidade fortalecida em memórias que afetaram suas ações do porvir. Porque a criança que participava diretamente do projeto começou a espelhar seu comportamento na escola do bairro bem como dentro de casa. Presenciei relatos de pais que nos vinham visitar no espaço "da transformação".

A criança desenha sem respeitar os parâmetros de geometria, regras de paralelismo, sem se preocupar em seguir fielmente a realidade do objeto. Ela é guiada pelo sentimento que o objeto lhe transmite, e reproduz este momento.

Desenha o objeto da maneira como o vê, à distância, perto, de frente ou de lado, interessando-lhe não como ele é; e sim, como ele se apresenta a ela naquele dado momento. (...) O espaço é constituído pela vivência de nossa experiência corporal no mundo. Essa vivência é dada, em princípio, pela relação perceptiva entre nosso corpo e os objetos dos quais nos utilizamos. (GIKOVATE: 2001:11).

Eu andava por toda a comunidade, e observava que os pais, os irmãos, os primos, começaram também a colaborar no projeto. Naquela época havia já a reciclagem paga por peso; não como hoje! Ainda prensavam no pé... A qualidade de vida melhorou, por exemplo: os bueiros não entupiam mais nas grandes chuvas, e não havia mais risco de desmoronamentos, por conta disso.



Merleau-Ponty (1996:26) afirma: "A percepção de espaço é um lugar privilegiado das complicações intelectualistas. (...) O espaço não é objeto de visão; mas, objeto do pensamento".

O trabalho desse Centro de Juventude foi desenvolvido inicialmente através de voluntárias, e posteriormente através do convênio junto a Secretaria do Bem Estar Social — SUDS/Prefeitura, desenvolvendo-se um trabalho sistemático visando responder aos anseios da população em relação a melhores oportunidades para seus filhos.

## 1.1 O passado e o lugar

---

O projeto nasceu com um ícone, que logo se transformou em sua logomarca: Ícone: borboleta = transformação, metamorfose. Esta Borboleta além de possuir

o significado de transformação, liberdade; tornou-se também a marca visual do projeto, sendo estampada em: camisetas, *banners* e todo o tipo de material impresso.



**Ilustração 1 - borboleta**



*"... Na criança o mundo percebido precede o mundo concebido (pela inteligência)".*

Merleau-Ponty

Na história deste fazer inicial houve o relato de um trabalho sistematizado na favela do Jaguaré, com 35 crianças na inicial, e a potencialização para 450 integrantes ao longo de cinco etapas.

"Projeto Iconografia de um Espaço" foi nomeado; portanto, trato aqui a questão "iconografia" como nome dado, nomeado de forma afetiva, ao projeto desenvolvido por minha autoria em um espaço de favela, situada na cidade de São Paulo, Brasil, ao longo dos anos de 1997 a 2000. Além das possibilidades da palavra "iconografia" mencionada na introdução desta pesquisa.

Centro de Juventude "Santa Cruz do Centro Educacional Comunitário Nossa Senhora Aparecida" está localizado na região Oeste da capital paulista, fazendo divida também com cidade de Osasco, na Rua Açum Preto 53, no Jaguaré.

Esta área de Favela está localizada à margem direita do rio Pinheiros, no sentido Cebolão – USP. Área industrial, no senso de 1997, com aproximadamente 3.000 famílias, e uma estimativa de 12.000 crianças e adolescentes.

Apresentava carências de equipamentos sociais: servida por duas creches comunitárias, atendendo crianças de 2 a 6 anos; um Centro de Juventude (CJ), com crianças de 7 a





14 anos, e quatro escolas públicas próximas à favela que não comportavam a demanda das crianças da favela em idade escolar.

Os recursos de saúde dessa população eram: o Pronto Socorro Municipal da Lapa e do Hospital Universitário da USP.

A favela do Jaguaré não contava com áreas de lazer e nenhuma área infra-estrutura de saneamento básico. Havia serviços de ônibus que serviam em torno da favela.

A população era formada por famílias que apresentavam baixa renda, residentes na própria favela, ocupando, em sua maioria, um mercado de trabalho no entorno: indústrias, CEAGESP (Centro de Abastecimento do Estado de São Paulo), USP (Universidade de São Paulo), (através da contratação direta e indireta), limpadoras e trabalhos domésticos (faxineiras, empregadas domésticas), pedreiros, ajudantes de caminhão, etc.

A maioria das mães e pais, residentes, não apresentava qualificação profissional, e muitos se encontravam em situação de desemprego devido a falências e concordatas ocorridas na região em numero significativo. Isso é um fato que também se sucede atualmente, e no início do projeto em 1997, com a falência na época da empresa CONSID – Cooperativa Agrícola de Cotia, muitas famílias foram atingidas.

Estas famílias, em sua maioria, não apresentavam também formação educacional para acompanhar o desenvolvimento das atividades escolares dos filhos, procurando um ponto de apoio no trabalho.





Esse trabalho de implantação dos Centros de Juventude também foi desenvolvido na inicial voluntariamente e posteriormente por um processo sistêmico a fim de responder aos anseios da população, que na falta de formação educacional viam-se limitados a acompanhar o desenvolvimento das atividades escolares dos filhos. Nessa proposta orientava-se e estimulava-se também a criança e o jovem em sua trajetória de escolaridade; auxiliando nas suas lições, sempre com o intuito de valorizar a presença da escola em suas vidas.

O Projeto nasceu através da Galeria de Ocupação Mário Schenberg — FUNARTE SP (Fundação Nacional de Arte) em maio de 1997. Após esse período caracterizado como ETAPA I do Projeto, este começou a se mover para dentro de outros centros de juventude com a mesma filosofia e ideal de trabalho.

As etapas seguintes foram definidas juntamente com a PMSP (Prefeitura Municipal de São Paulo), através do SURBES (Superintendência do Bem Estar Social) — sempre posicionando que a criança beneficiada diretamente pelo projeto continuaria a ensinar outras crianças e assim conseqüentemente.



## Relato resumido

---

### Etapa I

Local: Favela e FUNARTE.

Ano 1A: início. Maio – Junho 1997.

Público estimado: 600 pessoas.

Outros dados: - Galeria de Ocupação Mário Schenberg – FUNARTE (Fundação Nacional de Arte).

Resultados efetivos: 45 Empresas participaram; 35 + 120 Crianças Beneficiadas; Atendimento Multidisciplinar; Inserção do Projeto na IPA (Fundação Internacional pelo Direito da Criança ao Brincar); Doação de Materiais; Mídia.

### Etapa II

Local: Projeto + IPA e FIESP.

Ano 1B: 1997 – 2º semestre.

Público estimado: 3000 pessoas.

Outros dados: Seminário Latino Americano e do Caribe pelo Direito da Criança ao Brincar - O Brincar com Inclusão Social na FIESP PAULISTA (Federação das Indústrias de Estado de São Paulo).

Resultados efetivos: apresentação do Projeto Iconografia de um Espaço para um público internacional; credibilidade para o projeto; reconhecimento pela IPA/ UNESCO.





### **Etapa III**

Local: Favela + Banco Central do Brasil.

Ano 2: OUT 1998.

Público estimado: 2500 pessoas.

Outros dados: Área Expositiva: Galeria Cultural do Banco Central Do Brasil na Avenida Paulista.

Resultados efetivos: participação no mês da criança; novas empresas de doação de material; expansão do no. de crianças beneficiadas para 240. Sendo que neste ano (1998) houve a interferência direta dentro da comunidade da favela.

### **Etapa IV**

Local: Projeto + MIS (Museu da Imagem e Som) e MAC CAMPINAS (Museu de Arte Contemporânea)

Ano 3: 1999.

Público estimado: 3000 pessoas.

Outros dados: Seminário do Inconsciente no Museu de Arte Contemporânea de Campinas

Resultados efetivos: - Espaço Expositivo; Mídia; visibilidade e realização efetiva.

### **Etapa V**

Local: Favela + Colégio Santa Cruz.

Ano 4: 2000.

Público estimado: 5000 pessoas.

Outros dados: Oficinas com jovens do Ensino Médio + jovens da favela



Resultados efetivos: migração para as escolas como modelo de formação e inclusão; Autonomia; potencialização de saberes; migração para os Povos de Ribeirinha na Amazônia; acréscimo de valores morais e éticos.

Houve uma interação entre alunos do Ensino Médio do Colégio Santa Cruz e as crianças do CJ (Centro de Juventude) ensinando os princípios do projeto para que esses alunos re-ensinassem estes povos de Ribeirinha da Amazônia a limpeza e utilização do lixo como intervenção plástica e social, no ano de 2000.

Empresas, entidades, e pessoas participantes da etapa I: *Renner Dupont* Tintas Automotivas Industriais; *Fundação ACL* (Auto-estima, Conscientização e Liderança); *AFC* Eventos; *Décor & Ação* Feiras e Exposições; *Corset* Artes Gráficas, *Elida Gibbs* - divisão Gessy Lever; *Greco* Fotolito, *Dupont do Brasil* - divisão Fibras Lycra; Grupo *Rakawa*; *TDB* Tecidos Brasil; *EMZ Química*; Lions Clube do Sumaré; *NTS* Consultoria de Comunicação e Marketing; *Starte* Telas; Pincéis *TIGRE*; *Ya'wara* Artes Gráficas; Prefeitura do Município de São Paulo - divisão SURBES SE/LA; *Centro de Juventude Nossa Senhora Aparecida* - favela do *Jaguapé*; *TARGET* Assessoria de Imprensa; *FUNARTE* - Fundação Nacional de Arte de São Paulo; Projeto "O Inconsciente e a Criatividade" - de *Maria do Carmo Ferrari Fagundes* - vencedora do Simpósio de Psicanálise - representando o Brasil em julho de 97; Projeto "Jardins", vencedor do prêmio FENEAD'97, com apoio do





UNIBANCO, Memorial da América Latina/ FEA Jr, PROMOVE - marketing social - equipe de *Danielle Migueletto*; Projeto de *Rodrigo Mendes*, vencedor também do prêmio FENEAD'97 - recuperação de crianças com deficiência física; Projeto "Biblioteca Viva" - parceria da ABRINQ pelos Direitos das Crianças com o *CITIBANK*, - introdução de bibliotecas em todas as favelas do território nacional; Crítico de Arte e Jornalista: *Olívio Tavares de Araújo*; Jornalista: *Nicodemus Pessoa*; Jornal da Tarde: Caderno SP Variedades; TV Cultura: Programa Vitrine; Jornal Folha de SP; Jornal Diário do Pará (Capa e Caderno de Cultura); TV Cultura Pará: Programa Roda Viva.

Empresas, entidades, e pessoas participantes da etapa III: *Banco Central do Brasil* - Avenida Paulista; *Fundação ACL*; *Lytho System Bureau*; *Padaria Perfil* - Sumaré - Projeto "Alimenta Sampa de Madrugada"; *Pincéis TIGRE*; Jornalistas: *Nicodemus Pessoa* - SP; *Pedro Emílio* - Santos; *Marcos Vicente* - Barueri; Grupo *Rakawa*, *Grupo IRA* - Instituto de Reciclagem do Adolescente - papel; *Prefeitura do Município de São Paulo* - divisão SURBES SE/LA; *Centro de Juventude Santa Cruz* - favela do Jaguaré; *IPA* - Instituto de Proteção ao Adolescente. (Hoje: Fundação Internacional pelo Direito da Criança ao Brincar); *PROMOVE*; Jornal da Tarde: Caderno SP Variedades; Rede Globo: Programa "Bom dia São Paulo"; TV Cultura; Caderno Folhinha, (Jornal Folha de SP); Rádio Litoral 90.5 e Jornal Cidade Barueri.





O benefício maior em todas as etapas foi a participação conjunta de pais, crianças, tios, professores, na interferência direta e prática de construção, preservação e intervenção pública local.

Há documentos que comprovam esta historicidade, e a citar, como exemplo, o Caderno de Cultura da Folha da Tarde/ SP 1997; o Caderno de Cultura do Jornal do Pará/ PA 1998; Jornal de Cultura de Campinas/ SP 1999, entre outros.

Inicialmente 132 crianças do Centro de Juventude de 7 a 14 anos, dividiam o espaço com a creche Nossa Senhora Aparecida que recebia mais 120 crianças de 2 a 6 anos, onde de fato, o espaço físico ideal seria de até 50 crianças por período.

Localizados no centro da área de favela, as 132 crianças foram despejadas e acolhidas na Paróquia São José pelo Padre

**PR**<sup>8</sup>, e hoje permanecem com uma bela área recreativa.

Os desdobramentos que o "Projeto Iconografia de um Espaço" propiciou foram muitos, e principalmente a importância da Arte não apenas como ferramenta de inclusão; mas, principalmente, na valorização da Arte como ampliação da linguagem, do conhecimento, da capacidade de pensar, dizer e criar o mundo. Passando a assumir: impacto de caráter público por meio da linguagem da Arte, em nível de interferência coletiva pela atuação específica na comunidade carente;

---

<sup>8</sup> Iniciais de um nome para preservar sua identidade, e todos os outros da comunidade em questão serão preservados.



resgatando objetos descartáveis da coletividade e transformando-os em intervenções plásticas visuais e táteis; impacto de preservação de meio ambiente tangente a evitar desmoronamentos nos morros pelo excesso de garrafas entupindo os bueiros, e conseqüentemente limpeza da área de favela dos famosos lixões; impacto de atuação multidisciplinar entre crianças, pela reeducação de comportamentos educacionais; e ascendência participativa de um ensinando ao outro, em todas diversas faixas etárias.

Em síntese, aprendi muito com o grupo e com tantas outras histórias que paralelamente se inseriam em nossas rotinas de trabalho não apenas na construção da criatividade; e sim, na humanização de nossos processos.

A situação atual não se modificou muito do quadro anteriormente citado. A questão do desemprego é alta, e as crianças que participaram no período de 1996-2000 do projeto estão hoje (2007-8) em condições um pouco mais diferenciadas.

Esses jovens cresceram, geraram filhos, e hoje brincam com seus filhos, e ao reencontrá-los emocionaram-se, envolveram-se, compartilharam. Assim, ouviremos suas histórias, e contaremos por algumas imagens esses afetos no capítulo 2.

Para não nos exceder em volume de informações escolheremos para análise final três participantes de gêneros e idades diferentes. No entanto, é importante ressaltar que todo





o processo desta aprendizagem coletiva e comunitária foi descrito e analisado. E em alguns momentos trazemos suas reflexões, concomitantemente às cenas que lembravam, por trabalharem a mesma gestualidade artística no momento da execução. Por uma questão de facilidade à sua leitura, escolhemos suprimir o todo.

A Historicidade do Projeto, e principalmente esta etapa considerada primeira são fundamentais a serem narradas para ampliar a compreensão do cenário destes jovens hoje adultos, como um todo.

\*\*\*



Por que é importante contar esta história?



---

## **A Experiência Hoje**

---



## A Experiência Hoje

### 2.1 Quem é o grupo?

---

Propomos uma roda, compondo um círculo ou uma ciranda de pessoas. O grupo atual, em 2007-8, consiste em uma mesma família, e uma diretora.

Descritos assim: a mãe **MJC** (42) que tem cinco filhos, e quatro aqui presentes neste momento: **DÉLIA** (24), **ALÊ** (22), **ACS** (20), e **JCS** (16), e que por sua vez tem como prima **JQ** (22). **DÉLIA** traz os dois filhos **ALA** (4) e **AC** (bebê) a participar dos encontros. **AP** (22), **FMS** (21), e **ES** (21) são participantes da época inicial, e que no momento atual tbém se fizeram presentes esporadicamente por motivos diversos. **BÊ** (62) é a diretora atual, e na época era uma das professoras que muito me auxiliou. Todos, em diferentes gerações e momentos, participaram na história do projeto.



Quem é o grupo?



**FIGURA 3** - NEM TODOS ESTAVAM NESTA FOTO, ALGUNS PRECISARAM SAIR MAIS CEDO

Por que é importante contar esta história?

Relato, pela minha memória de pesquisadora, que foi muito positivo, eu diria até “forte”, emocionalmente, retornar ao Núcleo; e encontrar, após sete anos, os objetos dispostos ali, aguardando a possibilidade de serem novamente despertados pelo olhar, pelo toque, pela validação e justificação social, afetiva, cognitiva; e acima de tudo, prazerosa. Representavam as mãos destes jovens que os teceram, confeccionaram, pintaram, animaram (*de ânim*a)<sup>9</sup>. A emoção que senti traduz como eu, enquanto parte integrante, e co-autora destas produções, não estava, psicologicamente,

<sup>9</sup> Como Gepetto *animou* Pinóquio pelo desejo e sopro de vida.



Quem é o grupo?

preparada para este reencontro; que “marcou” minha vida, e minha maneira de trabalhar com a Arte.

Estes objetos são os testemunhos reais e concretos das ações que efetivamos durante o processo, aqui narrado da história, do Projeto Iconografia de um Espaço.

Houve a produção tanto individual como coletiva sobre o mesmo objeto; em alguns casos, houve a interação de ambas.

importante contar esta história?





**FIGURA 4** – TRABALHOS DE UMA ÉPOCA: PAPEL JORNAL TRANÇADO POR 120 MÃOZINHAS – 4 X 5M

---

Trazemos algumas imagens para convidar você, leitor, a estabelecer também uma leitura imagética destes objetos que tanto nos afetaram.



## Quem é o grupo?

A figura 4 foi elaborada em tiras de jornal enroladas uma a uma, cuja participação foi de mais de 120 crianças e jovens. Como no processo a ser descrito neste capítulo, este é um dos objetos que mais marcou a memória destes jovens, pois cada criança pegava uma folha de jornal, enrolava pela diagonal até formar um “canudinho”, e depois prendia as extremidades com cola branca. Após este secagem, um a um era disposto em fileiras e trançados como “palha”.

Por que é importante contar esta história?





**FIGURA 5** – TRABALHOS DE UMA ÉPOCA: LONAS PINTADAS E COLADAS POR 20 JOVENS E CRIANÇAS – 1,60 X 1,20M



## Quem é o grupo?

Após estarem dispostas de forma linear, estas “tiras de palhas” eram retrançadas com novos blocos de “palha”; e assim, consecutivamente, até se alcançar a medida desejada. Mais cola branca era aplicada sobre toda a superfície, com o propósito de se manter o desenho das tranças, e a preservação à umidade, visto se tratar de material perecível.

Na figura 5, cada criança recebia uma sobra de tecido, uma tira em lona de algodão. Trabalhava individualmente sobre ela, de forma livre com todas as cores que escolhia e preparava, desenvolvendo o desenho ou imagem que quisesse.

Vamos contar a importância desta preparação: As cores das tintas eram feitas pelo grupo. Com um galão de tinta branca látex e com pigmentos líquidos misturavam-se tonalidades, uma a uma. As garrafas plásticas eram cortadas pela metade, e com a composição das misturas de cor se formavam as diversas tonalidades, e colocavam-se em cada garrafa a composição cromática produzida.

Ficava uma estética bela e disposta no centro da sala, de forma a convidar cada participante a utilizar aquela cor e seu respectivo pincel. Após esta produção em grupo, cada criança e jovem escolhia a forma e o tamanho de seu pedaço de lona e se colocava a trabalhar. (Veja imagem de ACDS na página 58)

Por que é importante contar esta história?



Com os trabalhos individuais prontos, eu escolhia as peças (todas eram usadas) e as costurava, uma a uma, compondo uma nova interação e percepção desta leitura. Formava-se um "mosaico" construído com diferentes tamanhos. Esta lona virava uma tela, uma única obra. Um chassi (base de madeira) era confeccionado para esticar cada obra, e assim, voltava a sua forma original. Em fato, estas tiras de lona eram sobras oriundas de montagens de telas de artistas.

Esta imagem (figura5 -pag52) é o resultado da montagem de um destes trabalhos.

\*

### **Análise dos 3 sujeitos a serem descritos**

Vamos nomear apenas os três sujeitos, para tornar a leitura mais agradável de identificação com as ações. Os outros integrantes serão apenas apresentados por suas iniciais, e assim, preservadas as suas identidades. Para que haja a interação das relações que aqui analisaremos, entramos em narrativas dos perfis de cada sujeito que compõe esta história: quem é este sujeito, onde está o seu contexto, como ele produziu o objeto e porque produziu.

Por que é importante contar esta história?



## Análise dos três sujeitos a serem descritos

Para conhecê-los, descrevo seus perfis, suas formas de agir e de se relacionar com o Outro e consigo mesmo, baseado em diálogos, e por intermédio do registro de minhas observações.

Escolhemos analisar três sujeitos (os três primeiramente apresentados aqui: ACDS (Delia), JACS (Alê) e EBM (Bê)) e não a totalidade do grupo. Os outros participantes do processo também se encontram descritos em seus perfis resumidos, (na seqüência) para a valoração e iconografia das ações, como um todo, porque cada objeto tem sua história também ressignificado neste coletivo. Por este motivo dei preferência a citá-los, mesmo analisando-os na totalidade.

**Delia** (24), uma das filhas de MJC, é ativa, talentosa, e extremamente criativa. Cria seus filhos com muita determinação e competência. Por não querer depender de ninguém, a cada encontro traz seu bebê CL, e seu outro filho ALA (4), que com muita alegria participam das atividades propostas.

Por que é importante contar esta história?



Análise dos três sujeitos a serem descritos

Não teve uma vida muito fácil, desde joventinha teve perdas pessoais e afetivas; essas questões a tornaram uma mulher corajosa e com um brilho próprio.

A Arte sempre teve um papel muito importante e conciliador de emoções em sua vida pessoal. Por questões das próprias adversidades não pode se dedicar como gostaria.

Com o reencontro, a Arte passou a ser um motivo de monólogo consigo mesma, e um despertar ao talento adormecido.

Por que é importante contar esta história?





**FIGURA 6** – DELIA E SUA LIBERDADE GESTUAL

---



Análise dos três sujeitos a serem descritos

Esta menina Delia, (figura 6) que displicentemente jogava um pedaço de lona sobre as pernas esticadas no chão e ainda conseguia se equilibrar com alegria para pintar, se tornou uma "porta-voz" amorosa dos processos de descrever estas experiências.

No segundo dia do encontro, presenteou-me com um lindo vaso de flores artesanais, feito "tudo" por ela.



**FIGURA 7** – AFETOS PRODUZIDOS POR DELIA E ALÊ.

\*

## Análise dos três sujeitos a serem descritos

**Alê** (21), irmão de Delia e filho de MJC; é um rapaz excepcional, no sentido positivo, sobre diferentes aspectos. Primeiramente porque é um jovem esforçado em todos os sentidos, e extremamente talentoso com as mãos. Infelizmente se acha feio, e é muito tímido. Como sua irmã Delia, no segundo encontro presenteou-me com um desenho em lápis grafite de quase meio metro de altura e 40 cm de largura: um auto-retrato, belíssimo, emoldurado. (figura 7)

Com o desenvolver do processo das dinâmicas desta experiência, ele por ser tão meticuloso e dedicado acabou encontrando um novo caminhar... .

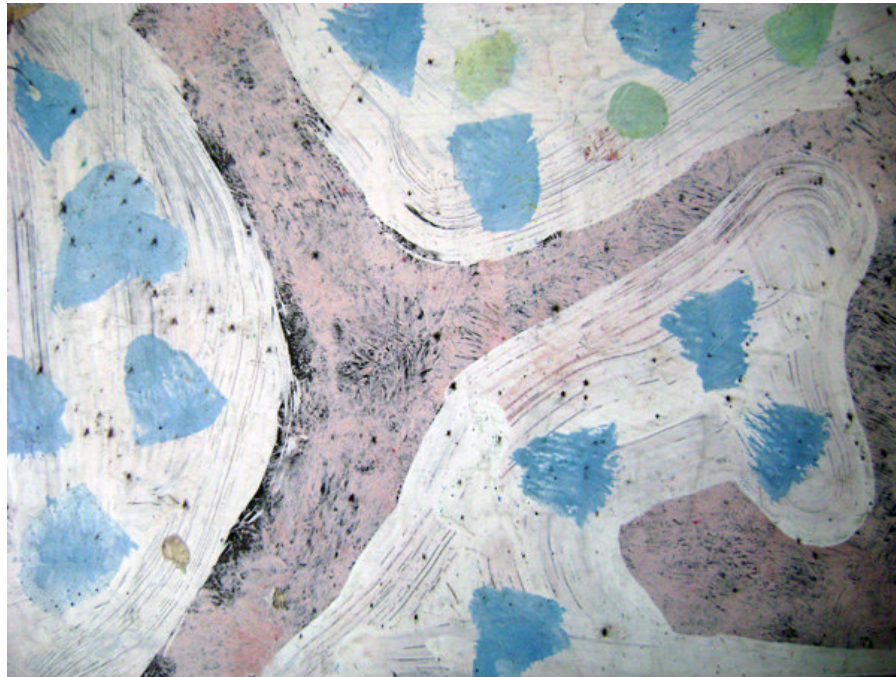
Do meio para o final do processo de resgate dessas histórias de vida, começou a elaborar com o grupo uma "morada". Esta forma poética de traduzir a experiência foi desenvolvida principalmente por sua intervenção e a de Délia com o grupo familiar. E a partir desses experimentos de arte, esta morada fez renascer em seu interior muitas outras moradas, que passaram a ser um produto comercializado por meio de encomenda no período de natal (dezembro de 2007).

Por que é importante contar esta história?



Análise dos três sujeitos a serem descritos

Por que é importante contar esta história?



**FIGURA 8** – FOTOLITO PINTADO 3

Descrevo esta passagem porque foi, extremamente, importante este “afetar” novamente no percurso de sua vida. Ele manteve um emprego como carregador de sacos de farinha, e esta possibilidade artística lhe desvelou um novo brilho em seu olhar, e em suas ações para si mesmo.

Quando pequeno foi um dos primeiros a observar que a cor da tinta sobre o fotolito mudava a aparência do trabalho no dia seguinte. E pela gestualidade, **ALÊ** tão pequeno, mostrava aos outros como reconhecer seu trabalho pintado sobre estes filmes. (figura 8)





Análise dos três sujeitos a serem descritos



**FIGURA 9**– BÊ E MILHARES DE FOTOS

**BÊ** (62) é a atual Diretora do Núcleo, e na época foi uma professora muito dedicada a estimular o grupo de crianças e jovens a participarem do Projeto; principalmente a saírem da comunidade para conhecerem outras possibilidades.



## Análise dos três sujeitos a serem descritos

Por que é importante contar esta história?



Quando nos reencontramos foi muita emoção por ambas as partes. E graças a sua boa vontade, o Núcleo passou a ser aberto aos sábados ou domingos, conforme a programação que o grupo havia planejado.

Subordinada ao Padre PR (66), na época e também no período destas atividades, foi sempre muito conscienciosa de suas responsabilidades e possibilidades. Assim, decidi traçar o desenho de nossas atividades em comum acordo. Com a surpresa de lhe solicitar participar efetivamente com a narrativa de vida sobre a sua ótica de educadora. Ela passou a desenvolver as mesmas ações que o grupo em cada encontro, ciente de seu papel coadjuvante, ao mesmo tempo de seu papel de formadora.

BÊ sempre morou na Vila, e até que próximo ao Núcleo. Sua dedicação tem sido a sua vida a este espaço que se tornou parte de si mesma e de sua família.

Quando retornei ao Núcleo em 2007, e a fui visitar sem avisar, fui prazerosamente surpreendida não só por encontrá-la como Diretora; mas, por esta também me partilhar todos os objetos construídos ao longo dos cinco anos, cuidados, expostos, ali, ainda "vivos", como se o tempo não houvesse passado. Atrás da cadeira de sua mesa, por exemplo, a



primeira coisa que vi foi uma obra minha pintada e doada ao Núcleo há 11 anos!

\*

### **Análise do grupo a ser descrito**

As outras pessoas envolvidas no processo serão aqui descritas em seus perfis e analisadas somente como grupo, e de maneira a se expor à experiência, porque sem exceção, todas permeiam as redes que se estabelecem com as três pessoas analisadas (DÉLIA, ALÊ e BÊ).

**JCS** (16) é a caçula de MJC. Mimada e cuidada pela família, é uma garota que mostra os mesmos princípios éticos de seus irmãos. Foi a caçula também a participar do último ano que ministrei o Projeto naquele tempo. Com carinho relata lembranças do grupo, o qual já vinha caminhando junto ao meu trabalho há cinco anos. Seus dois irmãos, acima citados, tiveram a oportunidade de vivenciar o projeto no Espaço Museológico da FUNARTE. Ela, JCS não; ficou na área do Núcleo “tecendo” aquilo que estes multiplicadores iniciais haviam aprendido comigo, e replicavam para o grupo maior, no espaço do Centro de Juventude.

JCS é meiga, dedicada, apesar das dificuldades de aprendizagem que apresenta. Tem vergonha de si mesma, e,

Por que é importante contar esta história?



### Análise do grupo a ser descrito

se autocensura ao desenvolver atividades de escrita. Projeta que seus irmãos são mais talentosos que ela, e de uma forma equivocada, não se mostra.

Percebe-se que sua postura é de retraimento porque sempre teve alguém para fazer, agir e cuidar por e para ela.

\*

**ACS** (20) é um rapaz bonito, amoroso e filho de MJC. É irmão de DÉLIA, ALÊ e JCS. Tiveram uma infância conjunta na Vila e no Núcleo. Participaram concomitantemente no Projeto Iconografia de um Espaço.

Não pode estar muito presente aos Encontros porque era escalado para trabalhar aos sábados no carregamento dos sacos de farinha. Sempre teve muita boa vontade em todas as suas ações.

\*

**JQ** (22), prima de ACS e dos outros quatro, foi muito presente em todos os anos do Projeto, principalmente na inicial, que foi o Espaço da FUNARTE (Fundação Nacional de Arte).

Veio pelo afeto, pela memória de suas próprias histórias, e é claro, trazida pela família. Lembro-me daquela

Por que é importante contar esta história?



## Análise do grupo a ser descrito

menininha sujando a mão na farinha e acenado para a fotografia, depois de abrir o saco de estearina para pintar.

É uma jovem amorosa, espontânea e muito sincera com seus desejos. A falta de vontade, melhor nomeada como “preguicinha” faz parte de sua fase de se descobrir nesses reencontros.

A Tia, MJC, “fica em cima” e de forma amorosa, ri muito do jeitinho de sua sobrinha. Todos riram, quando percebemos que JQ não consegue chegar tão cedo ou não vêm ao Encontro.

\*

**AP** (23) é uma menina que como JQ, e JCS e DÉLIA, participou como uma das primeiras multiplicadoras do Projeto no primeiro ano. Não tem nenhum parentesco, apenas vínculos afetivos. Extremamente talentosa e decidida da vida, está trabalhando como cuidadora na creche do Núcleo, faz aulas de teatro e está estudando Pedagogia.

Percorre distâncias porque não mora mais na Vila e seus deslocamentos a fizeram desistir de estar, presencialmente, aos Encontros; sendo que não “abriu mão” de participar por outras formas. E uma das maneiras que encontramos foi pela Internet.

Por que é importante contar esta história?



## Análise do grupo a ser descrito

Por que é importante contar esta história?



\*

**FMS** (21), como outros e por apoio de Padre **PR** fez, ao sair do CJ (Centro de Juventude), o curso profissionalizante e também como **ES** foi trabalhar em uma transportadora no Jaguaré. Quase com 18 anos conseguiu entrar na faculdade particular, e apesar dos altos e baixos em sua vida profissional continuou os estudos na área de Educação Física, e hoje há quase um ano, está em um projeto social do Governo Federal "O Programa Segundo Tempo". Tem tido oportunidade de referendar nossas ações do Projeto Iconografia de um Espaço trabalhando na faculdade com 10 atividades diferentes: garrafa, árvore, *pet*, entre outros. Após os primeiros encontros não participou mais, e também não mandou mais notícias.

\*

**ES** (22) é uma jovem muito dedicada e delicada em suas ações. Também foi uma de minhas multiplicadoras iniciais e sempre trabalhou com seriedade. Infelizmente seu pai adoeceu, e ela neste percurso precisou abandonar inclusive o emprego para se dedicar exclusivamente a cuidar de seu pai. As notícias que recebia eram apenas por intermédio da atual diretora do Núcleo.

Como todo o jovem teve que deixar o CJ (Centro de Juventude) aos 14anos. Com o incentivo do Padre PR fez aos 16 anos um curso profissionalizante "Jovens Profissionais do



## Análise do grupo a ser descrito

Jaguaré”. Com a ajuda do próprio Profissionalizante, apenas com 17 anos, começou a trabalhar em uma transportadora, o que veio a modificar totalmente a sua vida pessoal. Voltou a se dedicar à noite aos estudos, concluindo o Ensino Médio. Foi uma oportunidade de quase três anos. E como hoje precisa cuidar de seu pai, aprendeu outra profissão, e a exerce em casa. Sonha em entrar em uma faculdade de Enfermagem.

\*

Padre **PR** (66) apesar de não participar diretamente dos Encontros, eu gostaria de citá-lo. Como diz o velho ditado “o mundo dá muitas voltas”. PR de origem canadense ficou alguns anos trabalhando no Brasil, e depois voltou ao seu país.

Na época em que propunha a uma subprefeitura a possibilidade de como artista desenvolver um projeto social, em uma área com necessidades sócio-culturais, foi este senhor que veio me conhecer acompanhado da Diretora RY do Núcleo da época, e do professor CC, responsável pelo apoio financeiro. Padre PR sempre foi muito reservado em ações relacionadas ao Projeto; aprendemos a nos respeitar e muito.

Cito que nesse intervalo de sete anos voltei ao Núcleo, em 2002; só a Diretora RY se encontrava. BÊ havia sido transferida, e o Padre PR estava no Canadá.

Fiquei triste e fui embora. Quando retornei em 2007, por conta desta pesquisa, Padre PR estava também de volta a Paróquia, e me acolheu de uma forma especial. Aceitou o meu reingresso na comunidade, desde que eu partilhasse minhas ações previamente. Sua posição menos conservadora desta



vez me auxiliou a estabelecer novos vínculos que continuam se multiplicando.

\*\*

## **2.2 Procedimentos Vivenciados: Quais discursos querem contar?**

---

O público descrito é de uma comunidade muito específica, como narrado no capítulo 1 desta pesquisa. Entre tantos fatos, passamos também a avaliar que estes jovens cresceram em ausências. Por exemplo, em ausências afetivas de seus pais, cuja maioria trabalhava distante, muitas vezes, percorrendo longos percursos; ausências sociais de moradia e qualidade de vida; ausências de alimentos; ausência de escolas suficientes e posto de saúde local para atender a todas as demandas. Ausências que se tornaram parte de uma rotina. Acostumaram-se a muitas ausências. Como algo que precisava apenas ser aceito, porque não era possível mudar. E é





## Procedimentos vivenciados

necessário relatar estas ausências neste processo de “viver a experiência”, porque nessas ausências estes jovens se superaram e se potencializaram.

Como a presente dissertação compreende a área de Ensino e Aprendizagem em Arte, é interessante ressaltar que muitos dos paradigmas atuais não servem mais para explicar o comportamento da juventude. Explico: o jovem hoje se insere em contextos de incertezas, com ausências como as acima descritas, suas buscas, no entanto, são mediadas por seus desejos, e observamos dentro de um contexto sócio-cultural que não existe uma cultura brasileira homogênea, como diretriz de nossos comportamentos e de nossos discursos, e nem mesmo a Arte nos brinda mais com certezas. E este jovem se vê diante de constantes riscos, em busca de verdades em constantes transformações.

Está se valorizando uma visão pluralista (aberto à realidade dos outros), e focada na formação de crianças e jovens afetados por suas culturas sociais; ou seja, de crianças e jovens afetados por “suas ausências e permanências” cotidianas; portanto, permanências para justificar hábitos adquiridos em suas ações rotineiras. Observamos como a ausência passa a se manifestar como algo natural, normal no meio em que vivem; porque cada comunidade rege suas percepções em relação a estas verdades sociais; da mesma forma em que há a necessidade de se criar oportunidades para este jovem exercitar a prática de se ver em seu papel

Por que é importante contar esta história?



## Procedimentos vivenciados

coadjuvante de ator cultural junto à sua família, escola e comunidade.

Nesta construção de observar e reter o maior número de informações registradas e descritas, bem como, as não registradas; mas, valorizadas em sua poética, nos fez reconhecer a experiência enquanto grupo e como “produtores deste fazer”.

Estabeleceu-se uma união maior entre nós, e com uma respectiva construção de vínculos. Houve a transformação das atividades em produção: imagens poéticas, sensíveis; objetos tangíveis em seu toque, intangível em seu despertar; produção que contribuiu para o devaneio infantil, imaginário; próprio da memória de uma infância que, em áreas de vulnerabilidade social, insistia em não brincar.

Por que é importante contar esta história?



Procedimentos vivenciados



**FIGURA 10 E FIGURA 11** – MOMENTOS DA INFÂNCIA NO PROJETO

Analisamos neste trabalho temas, cuja análise nos auxiliou a entender o universo pictórico que se estendeu destas experiências compartilhadas.

Vamos primeiramente dialogar com **DÉLIA**, e verificar as possibilidades de interação e fruição desta história de vida, amizade, e arte.

A segunda pessoa é um rapaz, **ALÊ**, muito envolvido no conceito de produção artística, apesar de não exercê-la.



### Procedimentos vivenciados

Depois convido a refletir sobre a experiência da pessoa em **BÊ** que sempre os orientou e auxiliou em diversos momentos de suas vidas familiares, sociais e escolares.

Do que vamos falar? Vamos falar de: Histórias e percepções, desenhos, cenários, uma morada.



**FIGURA 12** – EXERCÍCIOS GESTUAIS:  
UMA VISÃO

---

Esta pesquisa foi retomada como forma de uma leitura “iconográfica” da história do(s) sujeito(s) imerso(s) na sociedade brasileira, com classes sociais mais vulneráveis; e



## Procedimentos vivenciados

conduzida pela Arte e, em parte, do pressuposto do meu olhar como artista-educadora. Afirmo, porque eu também tive minha história de vida modificada a partir dos afetos construídos, e esta história foi imbricada como produção cultural, e como nova forma de comunicação destes relacionamentos. Lembrando a importância do contexto social e geográfico, em que está situada a proposta de verificação desta presente pesquisa. Assim, por intermédio de oficinas práticas resgatamos novamente as tradições com os pais, vínculos sociais e afetivos, motivando os demais familiares à reinserção ao período do tempo que escolhemos.

O grupo, formado por gêneros, idades e etnias diferentes, trouxe um espelhamento da diversidade, ao mesmo tempo em que se re-alinharam com este novo acolhimento.

Ressalto que nem todos estiveram presentes a todos os Encontros, e estes depoimentos se apresentam na seqüência desta proposta de trabalho.

Os Encontros começaram programados; por motivos diversos e mencionados na descrição de cada pessoa, houve também ausências.

Para cada Encontro estabeleci um roteiro de ações conjuntas e atividades artísticas individuais. Precisava mergulhar em suas memórias, percebê-los integralmente, associados aos seus desejos e histórias de vida. A tarefa não ❖

---



## Procedimentos vivenciados

me assustava; pois, os jovens apesar de crescidos se colocavam diante de mim com o mesmo coração sensível e aberto às possibilidades.



**FIGURA 13**– TRABALHO DE AL (4) HOJE

Pelo roteiro proposto, cada Encontro geraria “re-ações” que me dariam subsídios para alinhar e ligar a construção e a produção. Estava consciente que estas reações gerariam conflitos.

O importante era retomarmos ao sentido em que o processo gerado pela experiência nos fez parar e indagar. E quais caminhos a partir da reflexão seriam possíveis de se escolher. Sendo mencionado pela minha pessoa, como facilitadora de todas as ações, que cada trabalho seria individual e confidencial ao outro, e que somente eu enquanto pesquisadora e a orientadora teria acesso aos originais.

O que produziram? Eles produziram desenhos, cenários, uma casa (morada); e narrativas de histórias de vida.

Em síntese, cada um se colocou nos trabalhos; se lembrando de ações da infância que ainda reverberaram em suas memórias.

Escreveram, pintaram, por exemplo, pequenos e grandes corações, preenchendo-os ou não. De maneira que



para cada ação que executavam houve novas possibilidades. E naturalmente, cada re-ação gerou posicionamentos diferentes, e alguns conflitos.

Por que é importante contar esta história?



## **2.3 Contar o que produziram nos encontros**

### **(por três sujeitos-autores)**

---

No primeiro dia foram programados cinco encontros (uma vez ao mês no segundo semestre de 2007) com o novo grupo; ao se desenvolver o planejamento de cada encontro, e a aplicabilidade das respectivas ações, resolveu-se em grupo, propiciar construções conjuntas com esta pesquisadora, e construções individuais de reflexão orientados e tematizados. E prolongar tanto quanto fossem necessários os respectivos Encontros. Assim, cada Encontro permitiu que os jovens trabalhassem valores democráticos como a paz, a tolerância, a negociação, o respeito e a cooperação na diversidade; e se ❖

---

## Contar o que produziram

comprometessem com a realidade na busca de soluções, exigindo uma preparação maior.

Este grupo, que ao final dos onze encontros <sup>i</sup> também acabou se restringindo a uma família e uma diretora como um todo; se propôs a desenvolver (como meio de comunicação e como forma lúdica) um estímulo à memória de uma leitura pictográfica de si mesmo por intermédio da linguagem da Arte. Não houve a leitura em forma de anamnese; e sim, uma leitura desprovida de interpretação neste primeiro momento, valorando o processo como descrição da construção de um sentido à sua própria identidade.

\*

Por que é importante contar esta história?





Contar o que produziram

## Encontro 1



### CORAÇÃO

1º Encontro em 23 de junho

---



No primeiro Encontro houve muita expectativa.

Chegamos ao espaço da Comunidade, que é cuidada pela Subprefeitura da Lapa e pela Paróquia São José.

Era um sábado de manhã; estávamos todos muito ansiosos.

BÊ já estava lá, e na seqüência foram chegando um a um. Alguns movidos pela saudade, outros pela curiosidade, todos aqueles que puderam comparecer estavam com os corações mais acelerados.

Os recados foram transmitidos “boca-a-boca” duas semanas antes. Era o nosso grande dia: de afeto, de amizade, de solidariedade, de saudades... Abraçamos, choramos, rimos, e tiramos muitas fotos!

Por que é importante contar esta história?



Encontro 1

O espaço ocupado durante todos os encontros foi o refeitório do Núcleo da Paróquia São José, situada na Vila Nova Jaguaré, cuja mantenedora é a Congregação do Colégio Santa Cruz.



**FIGURA 14** – AS CRIANÇAS DE HOJE FILHOS DAS CRIANÇAS DE ONTEM NO NÚCLEO

A sala era constituída de mesas longas com bancos cumpridos e colorida. Cada fileira era muita alegre.

Por que é importante contar esta história?



Encontro 1

Por que é importante contar esta história?

As crianças, filhos e sobrinhos das crianças de tempos passados estiveram presentes como uma dádiva.

Neste 1º Encontro, trabalhamos com a dinâmica do coração, porque este símbolo foi o mais importante no tempo de infância deles, e também pelo curso de cinco anos juntos. Como uma maneira de reintegrar o grupo, esta dinâmica visava à sensibilização de cada um por meio de música, respiração, e conexão pessoal. E ao se propor tematizar “corações”, foram surgindo, naturalmente, as memórias relacionadas aos desenhos, em forma de diálogos. “Trabalhar com o coração” foi um tema recorrente quando minha intenção era permitir que cada um não se preocupasse com o resultado; apenas com a fruição do processo de desenhar e pintar.

Neste primeiro dia, elaboramos um pré-projeto diante das possibilidades daqueles que se dispunham a narrar e vivenciar seus processos pessoais. Trabalhamos com papel sulfite, e canetinhas. Materiais simples, com a intenção de valorizar o conteúdo humano, e esta aproximação.

Ao longo da manhã, fui observando as ações e o empenho maior ou menor de cada um sobre sua própria proposta criativa.



## Encontro 1

Por que é importante contar esta história?

Cada qual se posicionou em espaço próximo um do outro; o suficiente para se esparramar com o material e com a construção deste material. E assim, foram os Encontros subseqüentes.

Algumas ações narradas serão em forma de pergunta-resposta, e outras por gestos pictóricos sobre superfícies diferentes.

Neste primeiro Encontro, houve um processo circunstanciado de auxiliar os sujeitos a se localizarem no "tempo-espaço" de seus objetivos para um resgate simbólico de sua juventude, no período do projeto Iconografia de um Espaço. O ícone "coração" foi a imagem mais evidenciada em seus primeiros trabalhos individuais.

Eu não estava preocupada com nenhum resultado visual. Queria que o grupo se re-conhecesse e pudesse se permitir experimentar. Mesmo assim, alguns desenhos surgiram após a dinâmica do coração, o que serviu como um elo entre os dois primeiros encontros.

\*



Encontro 1

**Diálogos individuais**

---

**As produções e escritos de DÉLIA no 1º encontro**

---

Tentarei descrever as ações de DÉLIA em cada encontro, em um processo seqüencial por sujeito-autor escolhido para as análises.

DÉLIA, quando iniciamos os reencontros em 2007, estava com 24 anos e dois filhinhos pequenos que sempre a acompanhavam, e um mais velho de seu companheiro que não a acompanhava.

Sempre muito atenta, liderava de certa maneira seus irmãos e amigos nesse mergulho à memória visual e plástica que acompanhava nossas oficinas de Arte e aventura.

**DÉLIA e sua história**

---

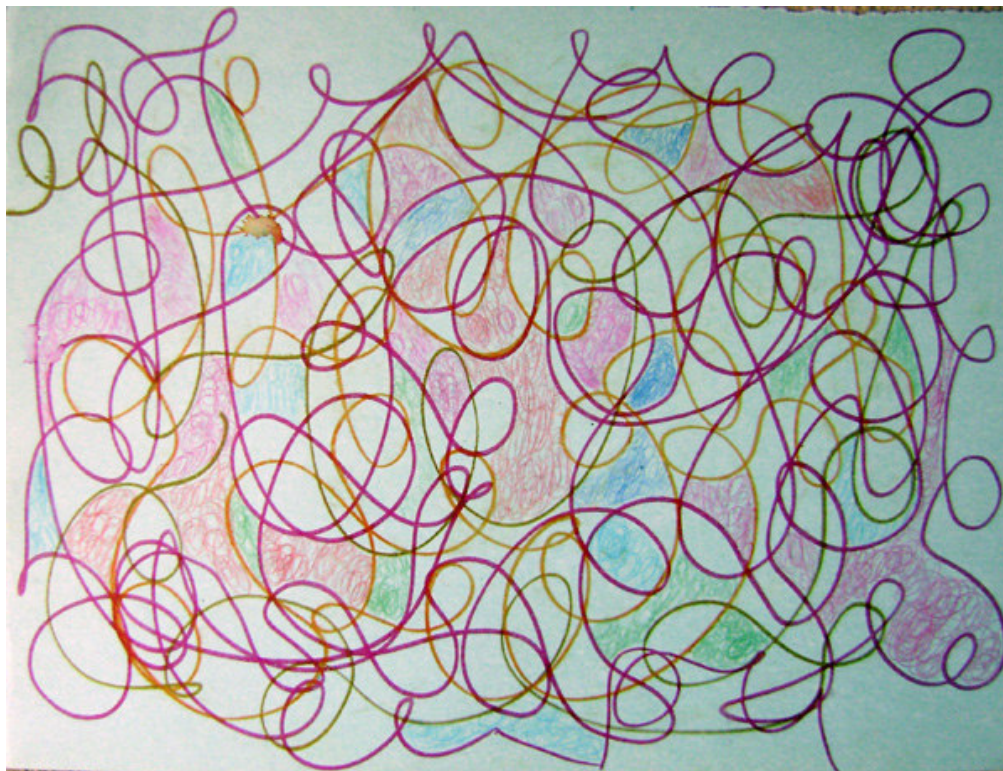
**O que eu faço?**

*- Hoje eu não trabalho fora, cuido da minha família com dedicação, gosto muito dos meus filhos que foram a maior realização da minha vida.*

Por que é importante contar esta história?



Encontro 1



**FIGURA 15** - RESULTADO I DO TRABALHO EXPERIENCIADO POR DÉLIA

---

**O que eu fiz?**

*- Já trabalhei muito, mas não onde eu queria. Sempre gostei de ter meu próprio dinheiro para não ter que pedir sempre que eu precisasse.*

*- Sempre quis pintar, e fazer tudo o que se pode imaginar, mas a única oportunidade que eu tive foi naquela época em que eu ainda sonhava em ser uma artista plástica, hoje sou*



*mais realista e tenho esse sonho em meu coração.*



**Relato de DÉLIA:**

---

*- Eu não imaginava reencontrar amigos de uma época tão linda e especial de minha vida, uma época em que tudo o que fazíamos era com o coração, uma época que cada dia se imaginava e se criava algo diferente, época que jamais esquecerei.*

*- Em um pequeno espaço fazíamos uma grande revolução, entrando em contato com o nosso interior, com a nossa alma. Fazíamos o que*



*gostávamos; o que vinha na mente, mente de  
criança que hoje já uma adulta não mudou  
porque gosta da fazer o que meu coração diz,  
pois sei o nosso coração é o nosso melhor  
amigo.*

*Beijos de uma aluna amiga que te  
admira demais (D+++)*

**FIGURA 6** – DELIA E SUA LIBERDADE GESTUAL

---

**OBS/análise:** Sentimos DÉLIA sincera, feliz pelo retorno, e com muitas memórias a compartilhar. Delicia-se simplesmente com o manuseio do material.

\*





Encontro 1

**Diálogos individuais**

---

**As produções e escritos de ALÊ no 1º encontro**

---

Tentarei descrever as ações de ALÊ em cada encontro, em um processo seqüencial por sujeito-autor escolhido para estas análises.

ALÊ quando iniciamos os reencontros em 2007 estava com 22 anos, solteiro, e sem muitas perspectivas de trabalho. Adorava estar com o grupo, e ficava muito triste quando pelo trabalho no “Moinho” não podia comparecer.

Sempre muito solícito, e com uma incrível habilidade artística, ajudava sempre DÉLIA nas tarefas conjuntas, e ambos lideravam o entusiasmo da produção.

\*\*

**ALÊ e sua história**

---

**O que eu fiz?**

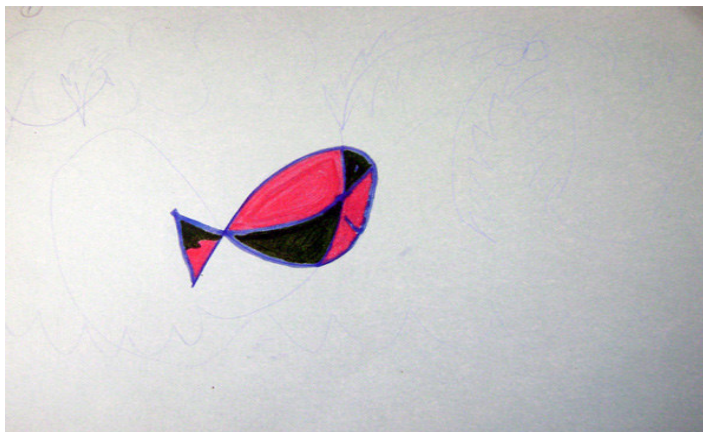
*- Tive que parar meus estudos por causa do trabalho. Parei faltando pouco menos de um mês para terminar o colegial.*

Por que é importante contar esta história?



Encontro 1

O que eu faço?



*Hoje eu trabalho sem registro, não tenho horário de entrada ou saída, e o que eu faço é muito pesado. Trabalho no Moinho entregando farinha de trigo. Já fui oficial hidráulico, fiz curso de agente comunitário ambiental.*

**FIGURA 17** - RESULTADO DO TRABALHO EXPERENCIADO POR ALÊ

---

Por que é importante contar esta história?



Encontro 1

Por que é importante contar esta história?

**O que eu quero?**

*- Arrumar um bom emprego, construir minha vida, e fazer parte da vida artística (arte).*



**FIGURA 18** – DETALHE DO RESULTADO DO TRABALHO EXPERENCIADO POR ALÊ

**Seu desenho no papel:**



**- coração com uma flâmula** *“este coração em forma de um anjo significa uma pessoa muito especial que não me abandonou e que hoje voltou”. Têm um halo e asas.*



### Descritivo de ALÊ:

---

- Foi realmente uma época em que me marcou totalmente. Lembro-me até hoje os traços que fazia com a tinta e o pincel. Não havia ali uma pessoa nos ensinando a pintar havia ali um anjo em forma humana nos ensinando a viver; eu tinha em minhas mãos a arte de ser criança, quando eu realmente era criança, no tempo em que fazíamos todos aqueles trabalhos nos revelando todos de tinta.

- Era tão bom estar ali naquele momento, parava eu de pintar, olhava para todos os lados, e eu via que todos faziam a mesma coisa que eu estava fazendo, todos usavam uma única ferramenta: o coração era o único meio de transição que nos levava a estar ali.

**OBS/análise: ALÊ está emocionado, entregue ao deleite de mexer nas cores, mesmo sendo apenas canetinhas. Desenvolve um desenho com lápis grafite, muito suave, em grandes curvas, que se encontram e que acabam se tornando traços imperceptíveis, na fotografia.**



\*\*

Encontro 1

### **Diálogos individuais**

---

#### **As produções e escritos de BÊ no 1º encontro**

---

Tentarei descrever as ações de BÊ em cada encontro, em um processo seqüencial por sujeito-autor escolhido para estas análises.

BÊ quando iniciamos os reencontros em 2007 estava com 62 anos, casada, com 2 filhas formadas e trabalhando nas respectivas áreas. Já era avó. Morou a vida toda na Vila Nova Jaguaré.

Sempre muito educada, graças a sua intervenção junto ao Padre **PR**, nos foi viabilizado o uso do espaço da Paróquia para os reencontros desta pesquisa.



Encontro 1

Por que é importante contar esta história?



**BÊ**

---

**O que eu fiz?**

- *Mostrei a realidade para muitos jovens que hoje estão crescendo na vida.*

**O que eu faço?**

- *Continuo trabalhando com adolescentes, sempre lutando para o crescimento da vida deles – para um mundo melhor de paz e amor, sempre é essa mensagem que costumo trabalhar com eles.*



Encontro 1



**FIGURA 19** - RESULTADO DO TRABALHO  
EXPERENCIADO POR EMB

**Desenho no papel: coração preenchido  
com pontinhos**



**O que eu quero?**

- *Ter Amor ao próximo e com os outros.*
- *"Tudo o que queremos nos podemos", lembro uma frase que me marcou muito (para mim – sic), que era "faça com o coração, e não copie um desenho".*

92

LEMBRANÇAS...



## Experiência em arte-educação: importâncias, relações e sentidos

*-E sempre saíram trabalhos maravilhosos. Eu aprendi o que se faz com amor sempre conseguimos o que queremos. E nunca nos falta nada. Cada vez tenho mais.*

*- Outro momento que marcou foi o reencontro de adolescentes que passaram comigo na época, fazendo um belo trabalho de artes com a Carla, parece que eu estava naquele momento de alguns anos atrás...*

**OBS/análise: BÊ está enérgica em suas ações (positivamente), com controle dos jovens, e feliz pelo seu trabalho ao longo dos anos.**

\*







**FIGURA 20** - GRUPO EM TRABALHO

\*



Contar o que produziram

\*

## Encontro 2

### LINHAS E O TEMPO

#### 2º Encontro em 21 de julho

---

No segundo Encontro com a seqüência da data, segue o descritivo das ações relacionadas à narrativa escrita e visual de cada participante. Após uma prévia descrição de como os jovens se vêem e se sentem no meio em que habitam, elaborei uma dinâmica para ajudá-los a perceber a importância da memória, e como esta memória poderia ou não tê-los auxiliados em suas escolhas de vida.

Nesta etapa, os jovens apresentaram muita disposição, e BÊ me auxiliou a construir este espaço de Encontro em um dia que seria para descanso. Falamos das relações de "ser e estar", e como este "ser" poderia ser mais cuidado.

Por que é importante contar esta história?



## Encontro 2

Trouxe os materiais como lápis de cera (crayon), lápis de cor, canetinhas, papel sulfite, papel *color plus* de várias tonalidades, linhas de lã, arame, outros.

Desenvolvemos uma oficina baseada simbolicamente por linhas reais e linhas formadas em nossa imaginação. A dinâmica baseou-se na linha do tempo e foi sintonizada para a linha da vida individual. Estimulando-os a perceberem o espaço ocupado por cada um dentro dessas trajetórias.



**ILUSTRAÇÃO 2 –**  
RELEITURA DE OBRA  
DE KLEE <sup>10</sup>

Criamos um espaço de cor com os papéis e as canetas, e conforme avançamos nas respostas que eu solicitava pela dinâmica, as interações e risadas se faziam presentes. Principalmente quando foi solicitado que desenhasse com uma linha inteira, sem cortá-la, um só objeto que estivesse

---

<sup>10</sup> Releitura de Paul Klee por Hannah Kohl (8 anos) In (KOHL: 2001:72). A proposta desta oficina é trabalhar com uma linha só e única, ou seja, sem cortá-la.



Encontro 2

presente nesta memória de ações e sensações. A seriedade voltou “simbolicamente” quando tiveram que fazer a opção de escolher uma das pessoas do grupo para “dar” a sua linha, dividir se quisessem ou não.

Depois deste momento, fizeram uma reflexão com o parceiro do exercício presente, e de um momento que se lembrassem juntos.

**REFLEXÃO:**

**O mundo é formado por linhas....**

**O que é uma linha para você?**

**QUESTÕES:**

- 1. O que é o tempo para você?**
- 2. Como é a linha do tempo da minha vida?**
- 3. Inverter materiais – quem usou lápis de cor usar canetinhas e vice-versa.**
- 4. 1º folha - Preencher um espaço nessa sua linha do tempo com 3 cores.**
- 5. 2º folha – Escolher qualquer material para preencher com 4 cores.**
- 6. Qual é o pedacinho de vida que vocês estão pintando?**
- 7. É um cantinho? Por quê? Tem qualidade?**

Por que é importante contar esta história?



Encontro 2

Por que é importante contar esta história?

**8. Brinquem sobre a vida de vocês... Soltem-se...**

**9. Por que eu escolhi esta cor de papel/ lápis?**

**10. Se eu tivesse que construir algo com uma linha, o que eu construiria?**

- **Desenhem com a linha – a linha de “ser”.**

- **Qual é o tempo sobre a linha?**

- **Qual é o caminho?**

- **Você entregaria a linha para outra pessoa, para dividir com você, PENSE...**

- **Com o outro, escolha 2 pontas: você hoje, e você com a Carla naquele tempo – Compartilhe sua Experiência.**

**Material:** linhas de lã, arame, outros.

Houve resultados das ações escritas e desenhadas.



Encontro 2

**Diálogos individuais**

---

**As produções de DÉLIA no 2º encontro:  
DÉLIA escolheu desenvolver seu escrito sobre  
papel branco.**

---

**1. O que é o tempo para você?**

*- O tempo para mim é viver intensamente cada momento da vida como segundo ele fosse acabar.*

*- O tempo são passagens onde nós temos que escolher o caminho a seguir, com o caminho do bem ou o caminho obscuro.*

*- Fazendo o bem seu tempo será curtido de forma satisfatória, e agente verá que esse caminho é o melhor a ser seguido e aproveitado; pelo outro lado seu tempo será pouco e quando olhar para trás, e ver o que fez, verá que seu tempo não foi aproveitado do jeito que deveria ser, e verá que perdeu tempo demais.*

Por que é importante contar esta história?



*- Eu pintei alguns momentos da vida, pois eles estão presentes na vida; eles são os obstáculos, os labirintos, as barreiras, etc., onde só quem tem força de vontade consegue atravessar com vitória.*

---

**Neste exercício, DÉLIA escolheu traçar as linhas sobre papel verde.**

---

Por que é importante contar esta história?

## **2. Como é a linha do tempo da minha vida?**

*- Os pontos verdes são o tempo que passei no projeto: o primeiro foi a creche, o segundo foi quando cheguei aqui, o terceiro foi quando te conheci.*

*- O ponto amarelo sou eu hoje.*



Encontro 2



**FIGURA 21** - RESULTADO DO TRABALHO I EXPERENCIADO POR DÉLIA NESTE EXERCÍCIO

---

- 3. Inverter materiais – quem usou lápis de cor usar canetinhas e vice-versa**
- 4. 1º folha - Preencher um espaço nessa sua linha do tempo com 3 cores**
- 5. 2º folha – Escolher qualquer material para preencher com 4 cores**
- 6. Qual é o pedacinho de vida que vocês estão pintando?**

**OBS/análise: Pelo desenho de DÉLIA, observamos que está mais completa, maior; expandindo-se no presente momento.**

---



Encontro 2

---

**Neste terceiro momento, DÉLIA escolheu o papel branco.  
DÉLIA troca de cor de papel para descrever suas percepções.**

---

**7. É um cantinho? Por que? Tem qualidade?**

– *Tempo*

*Para mim, muitas vezes o tempo parece não passar, e às vezes parece não existir, por passar depressa demais.*

- *O tempo é vida, é o começo de tudo, muitas vezes inexplicável.*

- *Temos muito a aprender com ele, isto eu digo por experiência própria, por estar diante dele constantemente é algo que nunca nos abandona, seja qual for o nosso momento: seja bom, ou seja, ruim;*

- *Com ele fazemos escolhas certas e erradas; mas, com ele também aprendemos, pois não tem nada como um dia após o outro.*

Por que é importante contar esta história?



Encontro 2

Por que é importante contar esta história?

- *O tempo, eu posso dizer que é a vida: toda a nossa vida seja ela qual for.*

- *Eu pintei três tempos; um deles foi em uma época muito difícil da minha vida, que foi uma parte em que eu não tinha muita segurança nem em mim mesma, para mim tudo e todos pareciam estar contra mim.*

- *A outra parte era um momento em que eu começava a me encontrar, a ver a vida com mais clareza, e na mente ter a segurança de que eu poderia fazer a diferença.*

**8. Brinquem sobre a vida de vocês...  
Soltem-se...**

- *A terceira parte do meu desenho tem a ver com a minha liberdade com meus filhos, meu marido, e as coisas que nos rodeiam hoje em dia.*

*Gosto muito das cores que escolhi. Gosto do colorido, pois deixa a vida com mais alegria.*



Encontro 2

Por que é importante contar esta história?



**9. Por que eu escolhi esta cor de papel/  
lápiz?**

- Com o outro, escolha 2 pontas: você hoje, e  
você com a Carla naquele tempo:

- *Amarelo = sou eu no começo, de minha vida*

- *laranja = sou eu hoje*

- *Azul = momentos com a Carla*

**10. Se eu tivesse que construir algo com  
uma linha, o que eu construiria?**

**Com as observações complementares  
citadas nas questões acima escritas.**

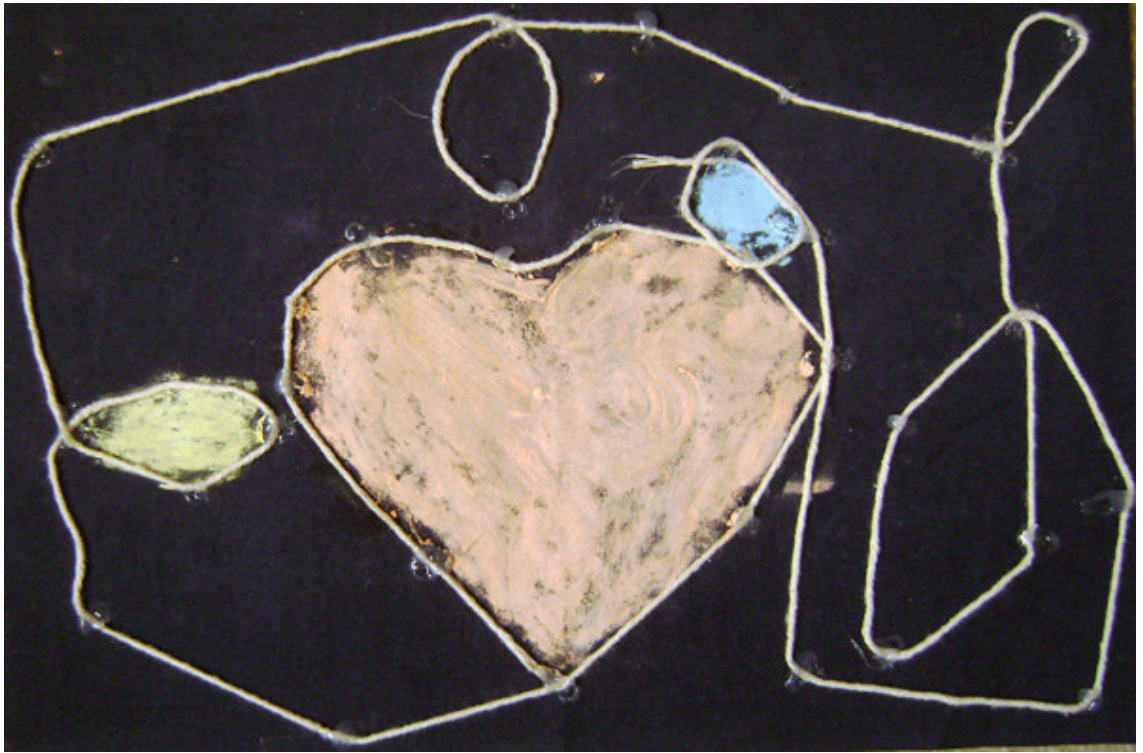
Solicitei que cada um compartilhasse sua experiência  
com o outro.

**OBS/análise: Neste desenho de DÉLIA a expansão de sua memória é  
plena e frui naturalmente. O coração foi sempre a nossa grande força  
de comunicação, diálogo, respeito e integração.**

**No desenho, o elemento é central, e ocupa a maior parte de suas  
interligações do barbante. O processo cresceu (do azul) para o momento  
atual (laranja) como reverberações de um valor permanente.**



Encontro 2



**FIGURA 22** - RESULTADO DO TRABALHO II EXPERENCIADO POR DÉLIA  
NESTE EXERCÍCIO SOBRE PAPEL PRETO.

---

\*



- Encontro 2

### **Diálogos individuais**

---

#### **As produções de ALÊ no 2º encontro:**

**ALÊ escolheu desenvolver seu escrito sobre papel branco.**

---

##### **1. O que é o tempo para você?**

*– Meu primeiro desenho representa a minha infância, todo aquele bom tempo, bom tempo de ser criança; as duas cores que eu usei aqui tem.*

##### **2. Como é a linha do tempo da minha vida?**

*A - O mais claro representa minha alegria, felicidade.*

*B - O mais escuro representa minha tristeza, infelicidade, por isso tudo a minha volta no desenho está sem cor.*

Por que é importante contar esta história?



Encontro 2

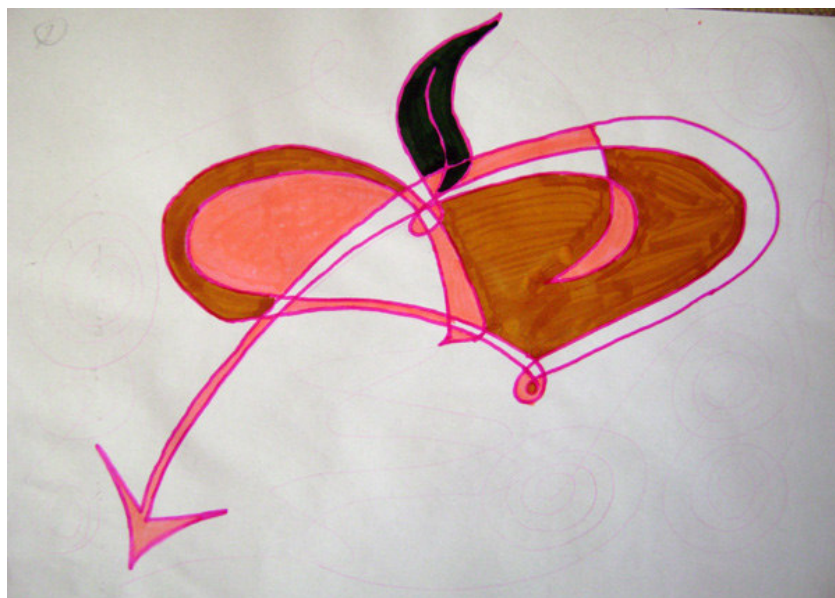
**OBS/análise:** Neste desenho de ALÊ há um desenho feito em lápis grafite por baixo, e em gesto contínuo ao longo da parte colorida, que representa uma área muito maior sem cor do que com cor. ALÊ está triste, sua vida perdeu a cor. Não teve como reproduzir a imagem, pela delicadeza da pressão do lápis grafite que não dá leitura no *scanner*.

---

**Neste exercício, ALÊ escolheu desenhar sobre papel branco**

---

Cor verde



**FIGURA 23** - RESULTADO DO TRABALHO II EXPERENCIADO POR ALÊ NESTE EXERCÍCIO



Encontro 2

Por que é importante contar esta história?



**3. Inverter materiais – quem usou lápis de cor usar canetinhas e vice-versa**

**4. 1º folha - Preencher um espaço nessa sua linha do tempo com 3 cores**

**5. 2º folha – Escolher qualquer material para preencher com 4 cores**

**6. Qual é o pedacinho de vida que vocês estão pintando?**

*– Meu segundo desenho relata a forma de um coração com uma folhinha em cima, eu me retrato através deste desenho.*

**7. É um cantinho? Por quê? Tem qualidade?**

*\_ Eu vou explicar: Meu coração "dá em árvore", pois ele está aberto para todos, e é bem colorido, pois hoje sou feliz, meu coração é enorme, e tem disposição de sobra para ajudar qualquer "um".*

\*



Encontro 2

**OBS/análise:** Neste desenho, ALÊ se mostra como ele sempre foi: um coração enorme, uma alma maior ainda de amor. Sempre foi generoso, apesar de sofrer discriminações. Sempre pronto a ajudar ao outro, mesmo que este outro não o ajudasse.

\*

---

**Neste terceiro momento, ALÊ escolheu o papel verde.**

---



**FIGURA 24** - RESULTADO DO TRABALHO III EXPERENCIADO POR ALÊ NESTE EXERCÍCIO – PAPEL AVELUDADO VERDE

---





Encontro 2

Por que é importante contar esta história?



**8. Brinquem sobre a vida de vocês...**

**Soltem-se...**

**9. Por que eu escolhi esta cor de papel/  
lápiz?**

- Verde.

**10. Se eu tivesse que construir algo com  
uma linha, o que eu construiria?**

- O tempo.

**- Desenhem com a linha – a linha de Ser**

**- Qual é o tempo sobre a linha?**

**- Qual é o caminho?**

*O tempo é uma forma de condução que temos  
para poder ir onde nós precisamos ir.*

*O tempo nos dá portas abertas, para seguir em  
frente e fazer que nos dá vontade.*

*O tempo é o passaporte da nossa existência.*

*E o tempo, quem nos dá tempo, de ter tempo,  
de fazer tudo que temos tempo.*

*O tempo perguntou pro tempo: qual é o tempo  
que o tempo tem?*

*O tempo respondeu pro tempo, que não tem  
tempo de ter tempo para responder pro tempo,*

*Que o tempo que o tempo tem, é o tempo que  
a gente tem.*



Encontro 2

- **Você entregaria a linha para outra pessoa, para dividir com você, PENSE...**

- Sim.

- **Com o outro, escolha 2 pontas: você hoje, e você com a Carla naquele tempo**

- A Flor.

- **Compartilhe sua Experiência.**

**OBS/análise: Neste desenho ALÊ se expandiu. Deixou-se invadir pela alegria que contagiou o grupo ao se permitir sentir, fruir, e experimentar as cores, o barbante, a tinta, os papéis.**

\*\*



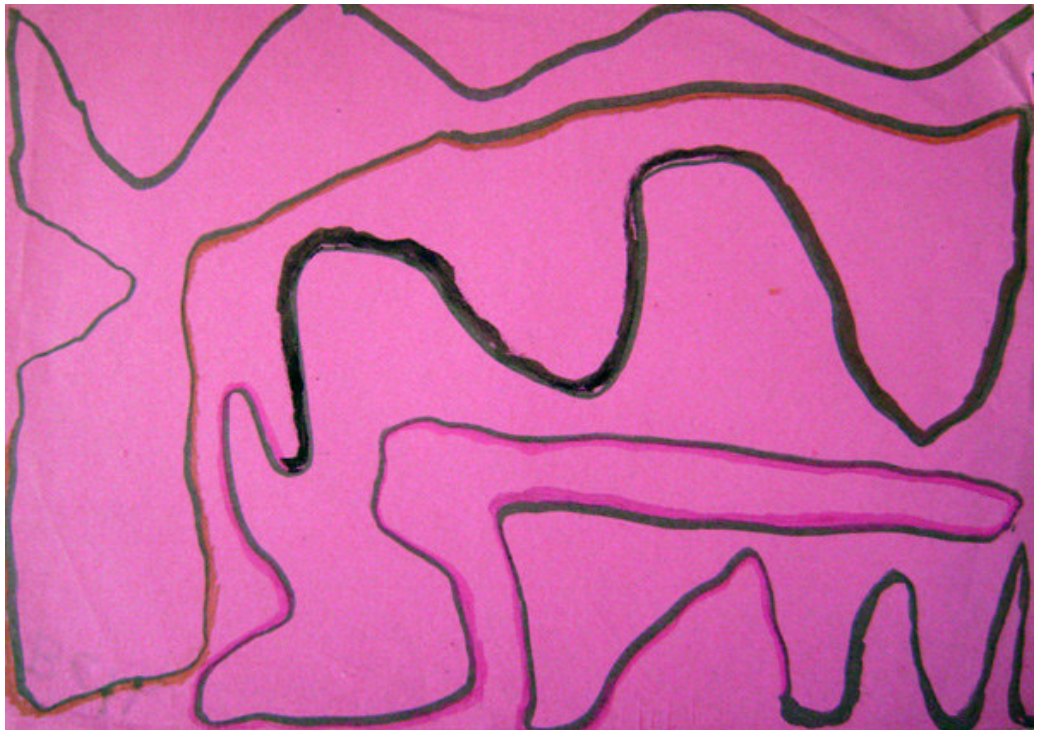
Encontro 2

**Diálogos individuais**

---

**As produções de BÊ no 2º encontro:  
BÊ escolheu desenvolver seu escrito sobre papel  
branco.**

---



**FIGURA 25** - RESULTADO DO TRABALHO I EXPERENCIADO POR BÊ NESTE EXERCÍCIO.

---



### 1. O que é o tempo para você?

*– As linhas do tempo, por isso temos altos e baixo; e a reta, pois, às vezes, estamos estáveis numa reta final, principalmente, quando temos nossos objetivos para atingir. Não importa se temos dinheiro ou não, o que importa é o nosso objetivo a ser atingido, e o que eu quero conseguir.*

### 2. Como é a linha do tempo da minha vida?

*– O tempo é o que passamos na nossa vida. Por isso, temos que aproveitar todos os minutos de nossas vidas temos os altos e baixos; mas, tudo passa muito rápido, por isso temos que aproveitar ao máximo, curtir os bons momentos, e os ruins vamos deixando passar, que logo virão as coisas boas.*

\*





**OBS/análise:** Neste desenho BÊ trabalhou o conceito de tempo, e como as curvas e retas de seu traçado pudessem validar esta trajetória.

Expressa-se de forma a tentar não passar o limite do papel rosa, como se fosse obrigada a se manter no “limite”.

Em fato, é um conceito que carrega consigo: a necessidade pela sua atuação de sempre manter os limites das crianças e o bom exemplo.

**3. Inverter materiais – quem usou lápis de cor usar canetinhas e vice-versa.**

**4. 1º folha - Preencher um espaço nessa sua linha do tempo com 3 cores**

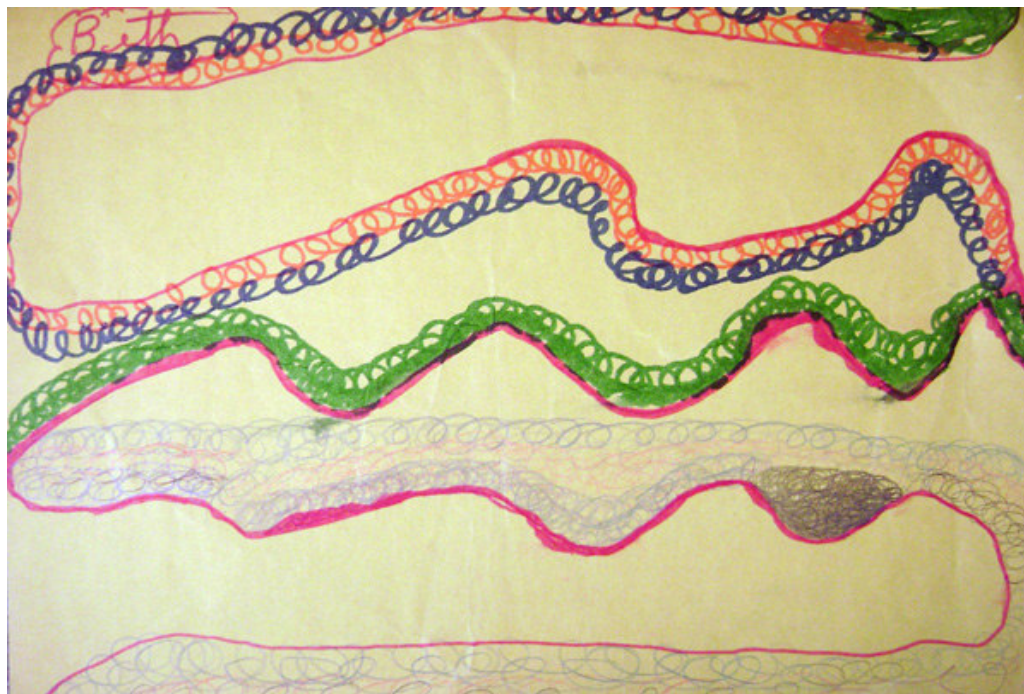
**5. 2º folha – Escolher qualquer material para preencher com 4 cores**

---

**Neste segundo momento do exercício, BÊ escolheu escrever sobre papel branco e desenhar sobre papel amarelo.**

---





**FIGURA 26** - RESULTADO DO TRABALHO II EXPERENCIADO POR BÊ NESTE EXERCÍCIO.

---

**OBS/análise: BÊ se mostra compreensiva com seu percurso de vida. Mesmo com as curvas, sabe elaborar as dificuldades como etapas naturais de sua aprendizagem, e as valoriza para seus pupilos. Não está só em seu caminho. Como menciona, não vale a pena "dar tempo" as coisas ruins.**

Encontro 2

Por que é importante contar esta história?



---

**Neste terceiro momento, BÊ escolheu  
escrever sobre papel branco.**

---

**6. Qual é o pedacinho de vida que vocês  
estão pintando?**

– *Eu estava no meu projeto com adolescentes no ponto laranja. Eis, que chega a Carla com um lindo projeto, e foi no ponto azul que iniciamos um projeto que se chama Iconografia: "pinte com o coração não com a mente".*

**7. É um cantinho? Por quê? Tem  
qualidade?**

– *O colorido; sempre trabalho com cores alegres. Isso reflete muito na vida da gente a partir do momento em que trabalho com as cores, alegres, viva; e assim, é que vejo a vida, sempre incentivando crianças, jovens, para verem a vida por esse lado colorido, mesmo enfrentando obstáculos; mas, que irão passar um dia, uma hora, e que a vida, ela, será sempre colorida como o arco-íris.*



Encontro 2

**OBS/análise:** Olhando mais próximo o trabalho II acima de BÊ, vemos a importância das cores, e a liberdade com que este gestual permite a ela se inteirar da Arte, e usufruir, mesmo com materiais tão simples, como papel cartolina e canetinhas hidrográficas. Transforma a simplicidade em incentivo criativo aos outros, ao mesmo tempo em que escolhe seu cantinho para “observar”.

---

**Neste quarto momento, BÊ escolheu desenhar sobre papel verde.**

---



**FIG 27** - RESULTADO DO TRABALHO III EXPERENCIADO POR EMB NESTE EXERCÍCIO – PAPEL AVELUDADO.





Encontro 2

Por que é importante contar esta história?



**8. Brinquem sobre a vida de vocês... Soltem-se... !**

**9. Por que eu escolhi esta cor de papel/ lápis?**

- Verde...

**10. Se eu tivesse que construir algo com uma linha, o que eu construiria?**

- **Desenhem com a linha – a linha de Ser.**

- **Qual é o tempo sobre a linha?**

- **Qual é o caminho?**

*– Eu pintei o início de um trabalho com adolescentes, onde eu percebia a alegria, euforia com que eles participavam daquele trabalho. O colorido mais forte é onde, os adolescentes começavam a perceber a importância daquele trabalho, onde eles se deixavam se envolver pela arte de fazer com o coração, e o de colher sucatas, para construir alguma obra de arte nas linhas que eu fui preenchendo.*

*- Cada vez mais forte, e os momentos que eu percebia que eles descobriam a arte, que eles criavam com sucatas; eu, pessoalmente, me animava e os incentivava para que eles crescessem, cada vez mais. Esse é o caminho.*



Encontro 2

**OBS/análise: Neste trabalho III (acima), vemos as mesmas curvas; mas, agora menos sinuosas e mais objetivas em seu senso de direção. É como “dissessem”: eu sei onde quero chegar!**

**Há interferências de um pequeno desenho azul, que sugere a própria BÊ: bem situada e bem sinalizada no processo! Ou seja, mostra sua autoria com altivez, mesmo que os percursos sejam ainda incertos.**

**Dá sentido à sua origem, não a nega; e sim, a integraliza ao seu discurso atual.**

\*\*



Contar o que produziram

### Encontro 3

\*

#### MUDANÇA E OS SENTIMENTOS RELACIONADOS

##### 3º Encontro em 18 de agosto

---

O 3º Encontro já provocou mais “re-ações”. Primeiramente pela distância de quase um mês que não se viam, para trabalharem juntos artisticamente; e segundo, se sentiam como crianças, sempre querendo mais. Este desabafo de “quero mais”, foi geral. Assim, se propôs um novo calendário.

Pensando e refletindo sobre o autor espanhol Jorge Larrosa, a dinâmica foi em cima das palavras.

Neste Encontro resolvemos, em conjunto, “equacionar palavras” e associar palavras com sensações e símbolos, e permitir a fruição da experiência.

No primeiro momento a palavra foi associada à mudança, e em outro momento ao sentimento. Na seqüência precisaram associar a palavra a um objeto; assim, foram se desenvolvendo categorias desta fruição.

Por que é importante contar esta história?



## Encontro 3

Por que é importante contar esta história?



Conforme o exercício ia avançando, o grupo que, no primeiro momento da manhã, sentiu-se confuso, passou a relaxar diante das “brincadeiras”; e, realmente, a não se importar tanto com os resultados pictóricos. Não que estes não fossem validados; mas, o grupo passou a compreender que era melhor deixar o “coração intuir”, do que pensar “minhocas” como um deles colocou, espontaneamente. Até porque, o resultado da dinâmica fechava em associar partes de seu próprio corpo, e estendê-lo, novamente, a associação de uma árvore ou flor. Muitos resultados plásticos nasceram.

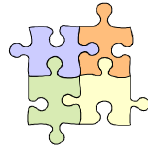
Desde o primeiro encontro houve muita camaradagem, e o respeito se estabeleceu de uma forma sincera e amiga. O grupo atual já estava definitivamente constituído pela “família”, acolhendo inclusive a diretora nesta terminologia.

As personalidades já apontavam para aqueles que realmente levavam a história à sério, e aqueles em que a preguiçinha ou medo começavam a imperar. Afinal de contas, já estávamos todos íntimos (novamente) e o papel de “bonzinho” não precisava mais ficar tão em evidência.



Encontro 3

**Questões e imagens a serem construídas:**



**Palavras**

- 
- Quais palavras aparecem com "mudança"?
  - Quais palavras aparecem com "sentimento



**Objeto**

- 
- Qual objeto aparece com a palavra "mudança"?
  - Qual foi das palavras que vocês escolheram?



**Mudança**

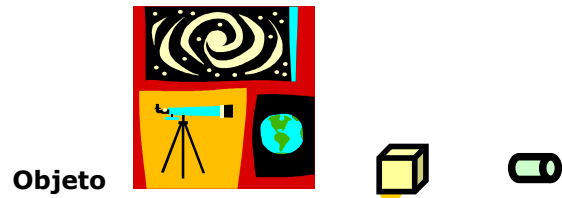
- 
- Qual foi a mais forte? Mais significativa? Circule.



**Sentimento**

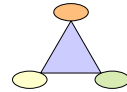
- 
- Qual foi a mais forte? Mais significativa? Circule.





- Qual foi a mais forte? Mais significativa?

Circule.



- Com os 3 escrever uma sentença.

- O sentimento é positivo ou negativo, por quê?

- Esse sentimento de onde ele vem?

**Corpo**

---



- Qual é a parte do corpo em que ele aparece?

- Como é seu corpo para você?

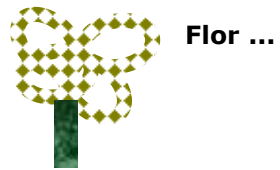


- Seu corpo tem limite? Sim, não, onde?

- Se este corpo fosse uma árvore ou uma flor como ele seria?



Encontro 3



**Material:** garrafa pet, papelão, jornal e revistas velhos, arames, fios de arame, fios de metal, fios de linha, fios de lã, cola quente e cola branca.

**PALAVRAS, SENTIMENTOS....**



Encontro 3

**Relatos descritos e desenhados**

**Diálogos individuais**

---

**DÉLIA no 3º encontro apenas escreveu e usou cor em suas palavras “coladas” pela experiência.**

---

**Palavras...**

- Quais palavras aparecem com

“mudança”?

- Quais palavras aparecem com

“sentimento”?

**Mudança**

- Qual foi a mais forte? Mais significativa?

**Circule ou coloque em outra cor.**

**Mudança =**

*Liberdade*

*Paz*

*Vida*

*Tempo*

**Compromisso**

**Sentimento...**

Por que é importante contar esta história?





Encontro 3

Por que é importante contar esta história?



- Qual foi a mais forte? Mais significativa?

Circule ou coloque cor.

**Experiência**

**Sentimento =**

**Competência**

*Tristeza*

**Alegria**

**Medo**

*Incerteza*

*Segurança*

*Saudade*

*Felicidade*

**Objeto...**

- Qual objeto aparece com a palavra

“mudança”?

- Qual foi das palavras que você escolheu?

**Casa.**



Encontro 3

**OBS/análise:** Aparecem palavras incisivas colocadas por DÉLIA, palavras maduras que calam, profundamente, para não ressoar com a força que deveriam: compromisso – competência - medo. Esta seqüência estabelece imediatamente categorias e/ou temas; mas, quando DÉLIA é solicitada a nomear o objeto, este aparece de vez e mostra sua espontaneidade novamente: casa. Diante de tantas privações sociais e financeiras que a vida sempre lhe colocou, como um desafio maior, é natural que seu lado materno, hoje, fale mais alto, e queira uma qualidade aos seus filhos pequenos.

**- Com os 3 escrever uma sentença:**

*Com uma grande mudança veio a experiência que me deu uma das maiores alegrias da minha vida que foi ter a minha casa.*

**- O sentimento é positivo ou negativo, e por quê?**

*- É positivo, porque foi assim que ganhei experiência de vida, aprendi a ser mais*



Encontro 3

Por que é importante contar esta história?



*responsável, e dar mais valor ao que está ao meu redor.*

**- Esse sentimento de onde ele vem?**

*Esse sentimento vem da mente e do coração.*

**- Qual é a parte do corpo em que ele aparece?**

**- Como é seu corpo para você?**

**- Seu corpo tem limite? Sim, não, onde?**

*Por é aonde vem todos os meus sentimentos; é onde eu sinto segurança, e ao mesmo tempo, a sensação de insegurança às vezes.*

*Meu corpo é meu alicerce, sem ele não teria o meu Eu, meu coração; sim, a fala. Porque nem sempre posso falar o que desejo.*

**- Se o corpo fosse uma árvore ou ma flor, como ele seria?**

*Orquídea = mãe.*

*Árvore florida e cheia de liberdade.*



**OBS/análise:** Este exercício artístico lhe permitiu entrar em contato com seu desejo mais profundo, e expressar sonhos que ainda habitam seu espírito.

É a árvore, florida, que precisa: sentir, fruir, e se permitir ainda viver desejos de menina que cresceu rápido demais. Seu corpo de menina, com responsabilidade de adulta.

O símbolo da orquídea é o néctar à vida, ao belo, a intensidade da cor e forma, ao mesmo tempo em que a necessidade de ser contemplada, cheirada, prestigiada, existe e urge.

### Diálogos individuais

\*\*

---

**ALÊ no 3º encontro apenas escreveu e usou cor em suas palavras "coladas" pela experiência.**

---

**ALÊ**

---

**Mudança =**

*Mudança, transporte, algo que muda para outra coisa melhor*

**Sentimento=**

*Alegria, medo, raiva, desespero, tristeza, desengano.*

**Objeto=**

*Caminhão, celular (telefone)*

**OBS/análise:** ALÊ se permite colocar com os desejos, e entre os mais próximos que ainda lhe faltam na vida real. Mas, compartilhe sempre sua alegria, por mais dificuldades que enfrente.

Encontro 3

Por que é importante contar esta história?



**- Com os 3 escrever uma sentença.**

*Eu sei que tudo **vai mudar**, de algo que **muda para** outra coisa **melhor**, pois um **desengano** vem a qualquer momento, até mesmo pelo **celular**.*

**- O sentimento é positivo ou negativo, e por quê?**

**- Esse sentimento de onde ele vem?**

*- Negativo: porque tudo muda quando menos esperamos, sempre nos cai uma bomba na cabeça, pois a tristeza também vem por celular.*

*- Este sentimento mexeu no meu coração; pois, uma simples lembrança do que já passou, dói, e dói muito.*



Encontro 3

**- Qual é a parte do corpo em que ele aparece?**

**- Como é seu corpo para você?**

- Meu corpo para mim é a máquina que trabalha para que eu possa comer, possuir minha casa e meus bens.

- Meu corpo e a cabeça me dão (dá – sic) tudo o que preciso.

**- Seu corpo tem limite? Sim, não, onde?**

- Sim, tem. Meu coração, porque sem ele como eu poderia viver, como poderia eu nadar, falar, ouvir, etc.

**- Se o corpo fosse uma árvore ou uma flor, como ele seria?**

O meu corpo seria como uma flor que simplesmente brota (nasce), cresce, vive, tem seus momentos de alegria, tem seus dias ensolarados, e depois como todos vão, eu também vou.



**OBS/análise: ALÊ está no conflito, e não é um conflito momentâneo; mas sim, longo e profundo. Acredita e tem esperança, e isso o torna mais forte para enfrentar até perdas simbólicas passageiras.**

**ALÊ cresceu. Pensa e age na sua parte mais racional. Lida com a descrição, não com sua superficialidade; lida com a objetividade.**

**Descreve, mas, não se envolve emocionalmente. Está ali para o que "der e vier".**

## Diálogos individuais

\*\*

---

**BÊ no 3º encontro também apenas escreveu, usufruiu do momento e pintou cores em suas palavras.**

---

**BÊ**

---

### **Mudança =**

*Mudança é **transformar**, mudar a rotina, fazer algo novo diferente, traçar novos caminhos, novos horizontes, rumos diferentes.*

### **Sentimento =**

**Medo** – de tentar algo novo ...

**Novo** – fazer algo novo.

### **Objeto =**

**Carro**, casa, árvore



Encontro 3

**OBS/análise: BÊ coloca situações que não perturbem a harmonia. Sente-se confortável em estar sempre no lado positivo das coisas e das respectivas ações, apesar de ter consciência que nem sempre tudo é assim, ou como gostaríamos que fosse.**

Por que é importante contar esta história?

- Com os 3 escrever uma sentença.

Quando penso em **transformar** e para fazer algo **novo** porque não comprar um **carro** novo, do meu **gosto**, cor.

- O sentimento é positivo ou negativo, e por quê?

- **Sentimento** de prazer alegria porque tinha uma meta e consegui alcançar.

- Sentimento positivo porque era algo que eu sempre quis; e lutando, trabalhando, sempre procurando abrir caminhos para conseguir.

- Esse sentimento de onde ele vem?

- Ele é positivo porque eu lutei e trabalhei, e sempre quis; batalhei para conseguir.

- E vem de uma grande luta e garra que eu sempre tive de longos anos de caminhada.

- Qual é a parte do corpo em que ele aparece?





### Encontro 3

*-A parte que aparece mais é a cabeça, e o coração. A cabeça pensa, o coração é o sentimento daquilo que pensei, e o carinho com que vou conseguir o que pensei, e o desejo de conseguir.*

#### **- Como é seu corpo para você?**

*- O corpo para mim é perfeito. Deus criou, não há nada imperfeito, adoro meu corpo e eu acho se eu não gostar de mim eu não vou gostar de ninguém, para mim meu corpo é muito importante.*

#### **- Seu corpo tem limite? Sim, não, onde?**

*- O meu corpo tem limite. Nada posso fazer para prejudicá-lo. A parte mais importante é o coração, sem ele não podemos sobreviver.*

#### **Se o corpo fosse uma árvore, como ele seria?**

*- Uma árvore de frutas gostosas, e muito bem cuidadas.*

*- Bem forte e cheia de folhas e frutas porque foi bem cuidada quando foi plantada. Tudo que plantamos com amor, carinho, e com cuidados, ela cresce viscosa, sadia, forte e dão bons frutos.*

**OBS/análise:** Nos primeiros exercícios já estava evidenciada que BÊ nesta sua fase de vida precisa do “conhecido”, de uma rotina segura para se sentir acolhida.

**Quer explorar, quer fazer parte do “novo”, mas precisa de um estímulo maior. Quer transformar; quer avançar; tem barreiras sutis prendendo-a.**

Contar o que produziram

\*\*

**Encontro de lazer**

### **SESSÃO CONFORTO**

**Encontro de amigos em 7 de setembro**

---

\*\*



Houve um encontro informal que poderíamos nomear de "intermediário". Em fato, não foi um encontro programado no espaço da Vila Jaguaré; e sim, um encontro pelo simples prazer de estarmos juntos.

Foi um encontro aberto, e a "família" veio completa, com exceção da Diretora BÊ. Aconteceu no Parque da Água Branca, em São Paulo, dentro do Programa Revelando São Paulo,<sup>ii</sup> no qual atuo também profissionalmente.

Fez parte do meu planejamento, proporcionar ao grupo a possibilidade de entrar em contato com outras manifestações culturais, com o propósito de reacender a chama da Arte em seus corações. Durante os anos que se passaram sempre trabalhamos com sucata e materiais que ninguém mais queria... . Esta possibilidade de olhar e



Por que é importante contar esta história?



## Encontro de lazer

compartilhar com artesões seria, sobre a minha ótica, um fator enriquecedor para a construção desta linha identitária de cada um. E assim, criar uma provocação para fazê-los se questionarem ou não, sobre possibilidades da Arte.

Foram momentos prazerosos, que apesar do “tempo corrido”, pude compartilhar valores da Cultura Tradicional e virtudes intergeracionais dos expositores, referendando um pouco da importância da construção da memória e da identidade.

---

**Não houve produções; houve nutrição no processo de encontros.**

**Toda a família estava presente.**

---

**OBS/análise: Foram momentos de descontração. Tive oportunidade de “olhar” a família fora de seu ambiente, em outra realidade ativa.**

**Adorei tê-los neste ambiente, e poder valorizar esta amizade de tantos anos.**

**Não houve conflitos. Houve muita solidariedade entre o grupo, o tempo de percurso, o cansaço, a curiosidade, e a fome necessária ao corpo e ao espírito.**

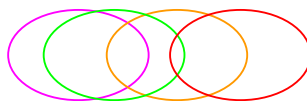
\*\*



## Encontro 4

### LINHAS DA MEMÓRIA E DESENVOLVER DE PALAVRAS

#### 4º Encontro em 22 de setembro



No 4º Encontro, em 22 de setembro, estávamos todos rindo e recordando os momentos no Parque da Água Branca.

BÊ verbalizou sua ausência e sentiu-se acolhida pelos relatos.

Estavam todos felizes pela oportunidade, apesar de terem perdido em torno de 2hs de condução para conseguir chegar até lá para me encontrar.

Por que é importante contar esta história?



Encontro 4

Por que é importante contar esta história?



**FIGURA 28** – GRUPO EM TRABALHO

Comentavam que nunca haviam visto tanta gente junta, e muito menos as “coisas” maravilhosas de tradição popular que o Estado produz.

Com estas imagens “vivas” em suas experiências do passeio, retomamos às arvores e flores em construção tridimensional, que havíamos iniciado anteriormente.

Utilizamos linhas de barbante, arames, fios de cobre, linhas de lã, palitos de sorvete, jornais velhos.



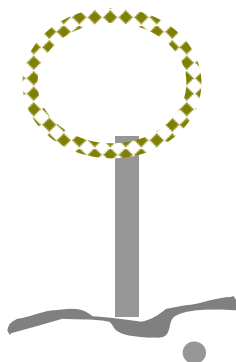
## Encontro 4

Este 4º Encontro foi um processo natural de se desenrolar as linhas do tempo, e da memória, e depois de explorarmos palavras construímos um sentido maior pelas metáforas. Sempre com uma atitude do coração, silêncio, e buscando espaços para solitude pessoal.

### ÁRVORES, FLORES...



Árvore...



Flor ...



**1. Construção pictórica das imagens, elaboradas a partir de linhas, arames, fios de cobre, linhas de lã, palitos de sorvete, jornais velhos.**

**\*\***

---

**DÉLIA desenvolveu suas produções em conjunto com os outros no 4º encontro.**

**Não houve depoimentos por escrito.**

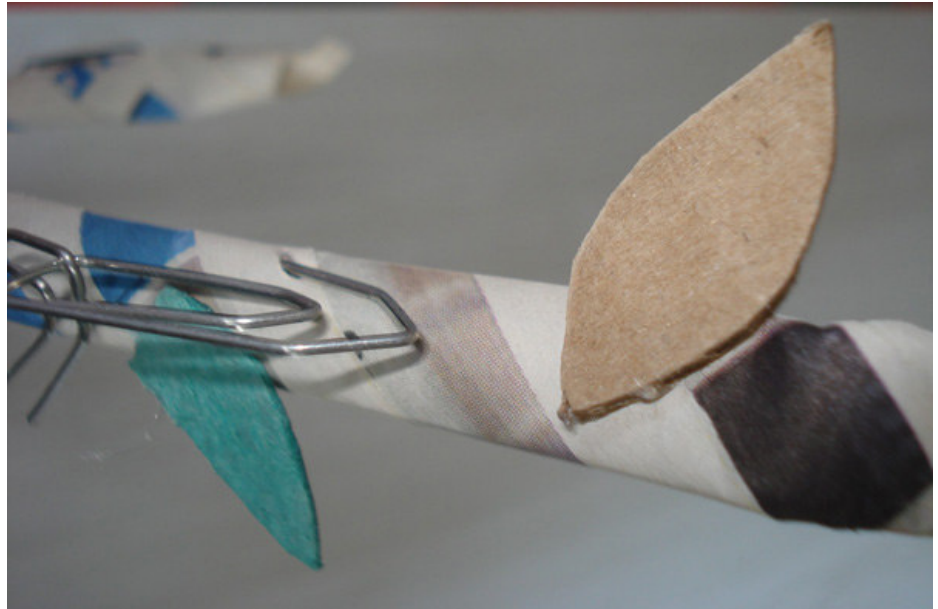
---

A escolha da linguagem tridimensional foi essencial para auxiliá-los a se metaforizarem em seus sentimentos. Eram flores ou árvores. Simples e sem muita reflexão. Releram suas anotações do encontro anterior para validarem suas emoções e baixar a ansiedade que estava presente ao ambiente.

Por que é importante contar esta história?



Encontro 4



**FIGURA 29** – DETALHAMENTO DO TRABALHO

---

Trabalhamos também, além dos materiais artísticos, com arames de alumínio, fios de cobre, fios encapados e coloridos, lãs coloridas e barbantes, e garrafas plásticas (pet).





Encontro 4



**FIGURA 30** – DETALHAMENTO DE PRODUÇÃO

---

A proposta era o objeto e sua construção. Não houve tempo hábil para a escrita, simplesmente para a imersão em materiais convidativos, e coloridos. Falou-se muito, e as brincadeiras sempre fizeram parte de nossos debates.

Nesse dia também comemoramos o aniversário da **BÊ**.

\*



Encontro 4



**FIGURA 31** – OUTRO DETALHAMENTO

---

Encontro 4



**FIGURA 32** – TRABALHO PRODUZIDO EM SUCATA

---

**OBS/análise: Os trabalhos foram desenvolvidos com muita descontração, com muitas iniciativas individuais, fusão de idéias, e respeito. Pareciam os garotinhos de alguns anos atrás: brincando, rindo, cortando, moldando; ajudando uns aos outros. Senti que eles também estavam se percebendo e se permitindo re-experimentar as "sensações" da Arte, neste tempo. Estavam em seu próprio "tempo".**

\*\*



Contar o que produziram

## Encontro 5

### MINHA MORADA

#### 5º Encontro em 06 de outubro

---



O 5º Encontro foi diferenciado. Tínhamos produtos prontos em nossas mãos, e todos, inclusive eu, estamos ávidos por construir mais “produtos” para a composição deste cenário. Os sentimentos e a vontade de produção artística, de trabalhar com as mãos eram intensos.

Com os materiais em uso, acrescentamos cola branca em litro, revistas e jornais velhos, papelão e caixas velhas diversas.

**BÊ** nos lembrou de como enrolar os canudinhos de papel para a construção que estávamos pensando... Cada qual se colocou, e prontamente várias idéias surgiram.

Por que é importante contar esta história?



Encontro 5

Foi uma grande folia, porque ao mesmo tempo em que todos estavam trabalhando e fazendo pequenos projetos, conversávamos sobre as histórias infantis e suas analogias com a vida real.



**FIGURA 33** – TRABALHO EM GRUPO

---

Recordamos a história dos “Três Porquinhos e do Lobo Mau”. Como foi fácil para o Lobo Mau assustar os seus personagens (porquinhos), e como foi o roteiro que este Lobo escolheu para atingi-los.

## Encontro 5

As questões surgiram, naturalmente; cada um ficou imaginando as cenas: "Qual foi a primeira casa que o Lobo ameaçou (?), a segunda (?), e o quê aconteceu na seqüência da terceira casa (?)".

Metaforizamos estas imagens com as nossas intenções diárias; e principalmente, com a proposta que começava a se apresentar pelo grupo na construção de reavaliar nossa própria história do Projeto Iconografia de um Espaço.

**OBS/análise: A idéia pré-concebida e metaforizada com a História Infantil era propiciar a manifestação do medo, para então, enfrentando-o, poder anulá-lo, ou aceitá-lo.**

**Trouxemos esta questão porque a palavra medo apareceu, muitas vezes, nas narrativas**

### Diálogos individuais

---

**DÉLIA desenvolveu suas produções em conjunto com os outros no 5º encontro, e também fez suas próprias narrativas.**

---



Encontro 5

Por que é importante contar esta história?



**1. O que é o uma morada para você?**

*– Para mim uma morada seria a minha vida, o meu tudo: é como o passado, o presente e o futuro. Temos muitos tipos de morada como,*

*por exemplo, a morada do coração onde abrigamos, na maioria das vezes, alegria, paz, harmonia e também tristeza.*

*A morada que eu mais gosto é a minha casa, pois nela eu guardo tudo junto: alegria, paz, tristeza, etc.*

*É onde eu me sinto segura, um lugar para onde ir, seja nos momentos bons ou ruins.*

**2. Do que é feita uma morada?**

**- Analogia às três casinhas da história dos três Porquinhos e o Lobo Mau.**

*– A minha casa por mais humilde que seja, é o meu lugar, é meu ponto de partida e de chegada.*





Encontro 5

*É nela em que eu guardo e realizo os meus sonhos, a vontade de ter uma vida melhor, é onde eu ajudo como posso as pessoas que estão a minha volta; é um lugar acolhedor, é onde eu me sinto bem.*

*Este é o meu lar.*

### **3. Como eu construiria minha morada?**

*– A minha morada é feita de muita luta; às vezes de briga; mas, na maioria das vezes, é de sorriso, abraço, carinho, companheirismo; é uma casa que estará sempre em construção de vida.*

**OBS/análise: DÉLIA fala sempre da morada do coração, morada da vida real.**

**Seu maior medo era não conseguir dar uma casa de alicerces aos seus filhos.**

**Morada das experiências da vida, morada de partilha. Morada de afeto.**

**Estas, sim, são do Universo de DÉLIA.**

**Observo que uma característica deste grupo familiar é a “presença”, o carinho, o respeito entre eles. Há a preocupação financeira sempre; mas, o ponto maior é o amor. E por amor às memórias e a esta pesquisa estão lá comigo: buscando, sorrindo, se integrando.**



Encontro 5

**- Diálogos:**

**DÉLIA**

*- Vamos construir uma casa de todos, bem grande, por onde passamos... Com a Carla.*



**FIGURA 34 – TRABALHO EM GRUPO**

---



## Diálogos individuais

---

**ALÊ , como todos, trabalhou em grupo no 5º encontro,  
e também escreveu suas percepções.**

---

**ALÊ**

---

### **1. O que é o uma morada para você?**

*- Bom, a morada depende de bens convincentes. Minha morada é assim: ela não tem teto nem parede, não tem porta, não tem chão, minha morada é minha vida, as pessoas que estão perto de mim que são a minha família. O fato de eu ajudar alguém, de ensinar alguém, tudo aquilo que aprendi todo este tempo em que me entendo por gente, as oportunidades que eu tenho de fazer parte na vida de outro alguém, só aumenta ainda mais a minha morada, que aos poucos estou construindo; eu estou bem perto de terminar o meu castelo (a minha morada).*

Por que é importante contar esta história?



Encontro 5

**2. Do que é feita uma morada?**

**- Analogia às três casinhas da história dos três Porquinhos e o Lobo Mau.**

*- A minha morada é feita de sorrisos, de alegrias, de bons papos entre amigos.*

**3. Como eu construiria minha morada?**

*- Minha morada não depende somente tetos e paredes, depende também, de amor e carinho, afeto e ternura.*

**Diálogo**

**De ALÊ**

*- Uma maquete... . Vamos construir...*

*- Mal sabe o AL(4) que quando crescer um pouquinho mais vai passar por aqui...*

**OBS/análise: ALÊ positivamente me surpreende. Está cada vez ciente das limitações que se auto-impôs, ao mesmo tempo em que trabalha o desprendimento com muita tranquilidade e sabedoria.**

**Aprendeu a viver no “aqui e agora”. É um fato. Portanto, torna-se uma qualidade sua pessoal ao manejar suas ações.**

\*\*



Encontro 5

**Diálogos individuais**

---

**BÊ estava no grupo e participando ativamente no 5º encontro.**

**Seu processo de escrever é mais intenso.**

---

**BÊ**

---

**1. O que é o uma morada para você?**

*- Morada é aconchego da família aonde depois de um dia de trabalho você vai para sua morada encontrar os seus, e conversar; contar o dia que teve, se foi bom, se foi ruim, sentir os filhos juntos de você, e eles colocarem o que teve nesse dia, o que fizeram.*

*- Morada é o local mais importante da nossa vida. Onde unimos nossa família, nela a gente cria coisas, novas plantas, jardins, tudo o que queremos para fazer dela um ambiente gostoso, para todos, depois de um dia cansativo de trabalho.*

Por que é importante contar esta história?



Encontro 5

Por que é importante contar esta história?

*Morada é o espaço de nossas vidas.*

## **2. Do que é feita uma morada?**

### **- Analogia às três casinhas da história dos três Porquinhos e o Lobo Mau.**

*- A minha morada é feita de muito amor e carinho, onde sempre todos são bem recebidos. Não importa cor, raça, rico ou pobre; dentro da minha morada todos são bem-vindos.*

### **3. Como eu construiria minha morada?**

*- Na vida não importa a morada ser de tijolo, madeira ou palha, o que importa é o calor humano que existe dentro dela, onde as pessoas se entendem bem.*

*- Na minha morada todos gostam dela.*

### **Diálogos de BÊ**

Lembra em como fazer os rolinhos de jornal:

*- Amasse as tiras, fica mais fino. Corte o jornal ao meio e enrole com o palitinho, como vocês faziam...*

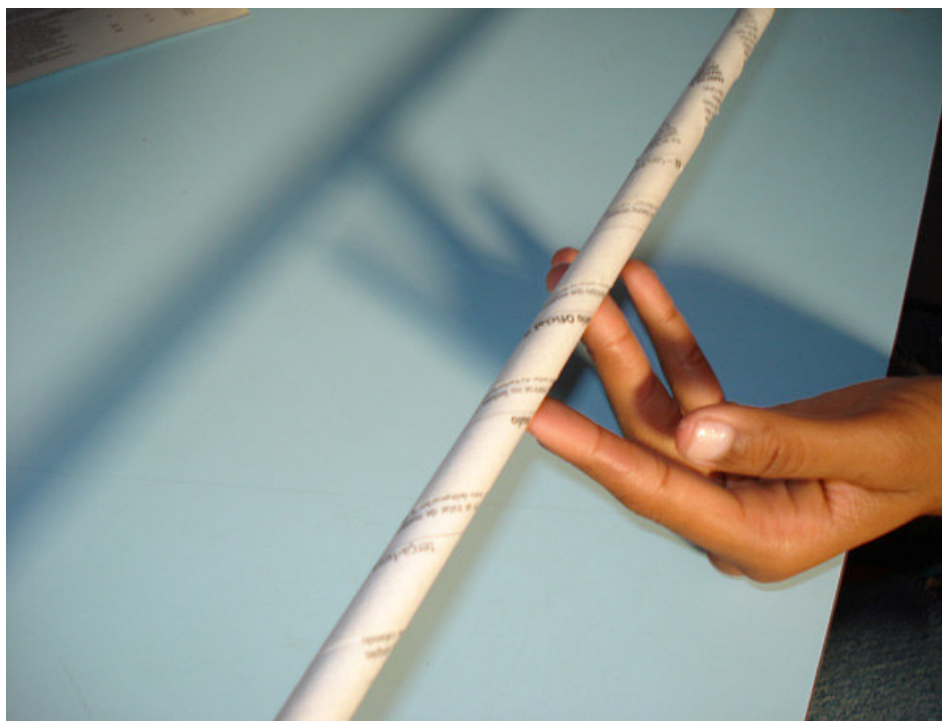


Encontro 5

**OBS/análise: BÊ é romântica, traz a paz e a simplicidade em todos os seus gestos de pertencimento e oferecimento. Morada é um elemento simbólico; e aqui, se torna uma metáfora ao seu espaço de ocupação. Um processo maior e mais profundo de se permitir ser, e resgatar este "ser" que ficou ali "dentro" quietinho pelo tempo de privação, e/ ou pelo tempo de buscas pessoais: processos inerentes a cada ser humano que vive sua experiência.**



Encontro 5



**FIGURA 35** – DETALHAMENTO DA CONSTRUÇÃO  
EM JORNAL

---

\*\*







**Composição de um cenário conjunto**

**FIGURA 36** – COMPOSIÇÕES FEITAS EM SUCATA

---

\*



Encontro 5



**FIGURA 37** – DETALHAMENTO DE CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO

---

\*



**FIGURA 38** – DETALHAMENTO 1 DO TELHADO

---



Encontro 5



**FIGURA 39** – DETALHAMENTO 2 DO TELHADO

---

\*



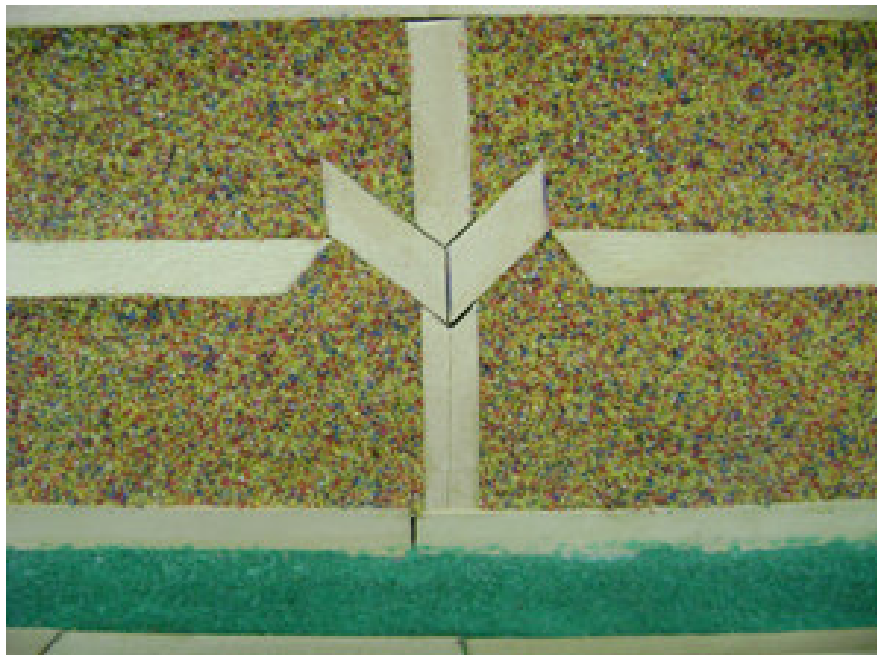
**FIGURA 40** – DETALHAMENTO 3 DO TELHADO E PAREDE LATERAL

---

\*



Encontro 5



**FIGURA 41** – DETALHAMENTO DA PAREDE

**OBS/análise:** Desenhos, maquetes, enroladinhos, “puxadinhos”...  
**Muitos dedos em ação:** trabalhando, enrolando, tecendo, girando,...,  
**Todos com cola;** sujos, amorosamente em desordem, produzindo  
sensações, emoções, recordações.  
**Estes dedos livres, soltos em ação,** trazem seu sujeito-autor  
ao encontro de sua afetividade juvenil.  
**Ao encontro de momentos vividos e que não voltam,**  
**mas ressurgem ávidos pelo acolhimento, pela compreensão,**  
**pela liberdade de desenhar, pintar, cortar, construir.**

**FIGURA 42** – DESENHO DE AL

---



Por que é importante contar esta história?

Contar o que produziram

## Encontro 6

### FOTOLITOS

#### 6º Encontro em 18 de outubro

---

O 6º Encontro, em 18 de outubro, foi seqüencial. Haviam trabalhado na casa de **DÉLIA**, e uma grande casa começava a aparecer... Queriam colocar e construir todo o tipo de material que havíamos trabalhado nos idos tempos. Por exemplo, na época da infância deles trabalhamos muito com



Encontro 6

fotolito que depois se tornaram livros coloridos: com poesias escritas, e ou com pensamento de alguns filósofos.



**FIGURA 43** – FOTOLITOS RECORTADOS

A intenção era construir “minis” livros e colocar no interior da casa. Analisaram que o interior da casa era como o grande coração pulsante, vivo e pleno de afetos que sempre nos uniram em nossas histórias. E lembraram, mais uma vez: que a minha fala constante era a linguagem pelo coração.





**FIGURA 44** – FOTOLITO PINTADO 1

---

Encontro 6



**FIGURA 45** – FOTOLITO PINTADO 2

---

Queriam trabalhar a energia das mãos artisticamente. O coração pedia apenas imagens construídas em grupo. Não houve registros escritos, apenas produção artística, porque a solicitação de escrever naquele dia, não “colou nenhuma palavra...”.





---

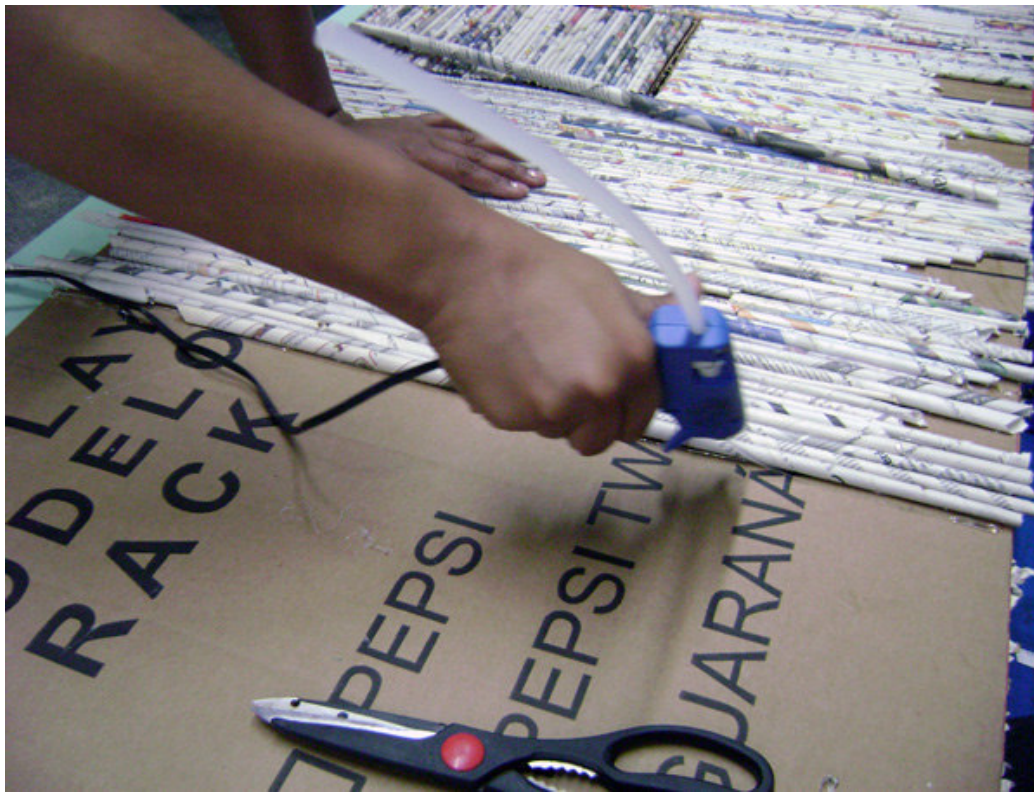
**DÉLIA desenvolveu suas produções em conjunto com os outros no 6º encontro, e com sua habilidade artística sempre liderava as novas execuções.**

---

**OBS/análise: O grupo crescia em produção. Variavam.**

**ACDS e ALÊ lideravam, BÊ comandava, simbolicamente, o grupo, talvez por sua hierarquia. Nem sempre a acatavam, principalmente, pela questão de horário.**

**Com intuito de ajudá-los, inventamos diferentes dias e horários para os Encontros com o intuito de ter a acessibilidade ao maior número deles, juntos, e em ação.**



---

**FIGURA 46** – DETALHAMENTO DE PRODUÇÃO



**FIGURA 47**– DETALHAMENTO DE PRODUÇÃO

\*\*

Contar o que produziram

## Encontro 7

### SESSÃO CINEMA

#### 7º Encontro em 26 de outubro

---



#### 1. – Exposição do filme: *Proibido Proibir. Brasil.*

O 7º Encontro teve o apoio diretamente do Padre **PR**, que viabilizou e estendeu o convite a toda a comunidade da Vila Jaguaré.

Vimos em um sábado à noite, assistir ao filme: “É proibido proibir” de Cao Hamburger.

Foi um momento diversificado para a comunidade que como uma grande família pode avaliar as situações familiares, de drogas e de violência que atingem a todos, sem exceção.

No processo das experiências houve perdas de pessoas queridas ao grupo, inclusive jovens do próprio grupo, e essas cicatrizes ficaram nos corações de cada um no passar dos anos.

Por que é importante contar esta história?



Encontro 7

Por que é importante contar esta história?



E como em um desabafo, eles colocaram que a arte teve o significado de *balsamo* para aliviar a dor que em muitos encontros sentiam. Fosse à arte pela música, pela pintura ou desenho, e também pelo afeto de estarem juntos, identificavam um lugar “seguro” e prazeroso.

Nesta noite, lembramos as pessoas queridas que haviam feito parte de nossa história. Choramos e rimos juntos.

O vínculo de amizade, compreensão, e lealdade, geraram um afeto impar em nossas relações pessoais. Sempre nos sentimos à vontade para conversar e externar nossas dúvidas e sentimentos. Com estes novos reencontros ao longo de 2007, estes vínculos estavam mais fortes e “profundos”. *O tempo não existe para nós*, foi o que **DÉLIA** verbalizou diante de todos.

**NÃO POSSO, NÃO DEVO; PROIBIDO...**



Encontro 7

**Diálogos individuais**

---

**DÉLIA foi com o marido assistir ao filme.**

**Sendo que raras vezes deixou seus filhos com a mãe**

**MJC.**

**Sua narrativa expressa este sentimento de completude.**

---

*- Para mim o filme fala, realmente, como a vida é, na favela e em outros lugares também. Porque a violência e o racismo não moram somente no meio dos pobres.*

*- Este filme mostra uma realidade que as pessoas sabem que existe; mas, nem todos já viram; e os que viram e vêem se calam, com medo de ser mais um morto sem motivo, e injustamente.*

*- No filme, ainda, tem gente que luta pelos direitos dos menos favorecidos, das pessoas que no lugar do estudo e do conhecimento, só conhecem o trabalho duro.*

*- Gostei muito do filme, porque tem muita coisa que a gente vê, e acha lindo; mas, não temos a capacidade de*

Por que é importante contar esta história?



*ver o que há por trás de tudo, como diz  
o ditado "nem tudo o que parece é".*

**OBS/análise: DÉLIA me contou sobre seu primeiro marido.  
Seu grande amor, pai de um de seus filhos, e como este  
foi assassinado.  
O conflito é um valor de compra e venda. Não é um  
processo meramente emocional. Têm seus territórios,  
seus códigos e limites.**

\*\*

---

**ALÊ estava feliz e descontraído, por estarmos juntos.  
Estavam presentes sua irmã DÉLIA e seu cunhado.  
Mas, o tema do filme o incomodou e muito.**

---

### Diálogos individuais

**ALÊ**

---

*- Comunidade injusta e incrédula é a  
comunidade de policiais corruptos, onde  
todos dependem de seus abusos de  
autoridade para ter medo de viver a  
morte de um garoto, e o testemunho de  
um rapaz que tentou socorrer a vítima.  
Mas, foi em vão; e a partir daí passou a*



Encontro 7

*viver escondido por perseguição desses policiais desigualmente loucos por drogas, que foi o motivo da morte deste garoto. E o rapaz (testemunha) acabou sendo levado para longe, pelo seu amigo e namorada, que tanto o amavam e lhes queria bem; apesar disto, achavam que o melhor era escondê-lo, assim mesmo.*

**OBS/análise: Confidenciou-me um pedacinho de sua vida; e todos os preconceitos que sofre por ser fisicamente da maneira que é. Não tem nenhuma dificuldade motora, mas é discriminado, e muito. A favela? Ah eu não tenho idéia... Ainda bem, justifica-se a mim.**

\*\*

**Diálogos individuais**

---

**BÊ era uma das colaboradoras do processo de permitir uma sessão de cinema no espaço da Paróquia.**

**Vieram famílias inteiras.**

**Ela estava acompanhada do marido, e das netas.**

---





## Encontro 7

Por que é importante contar esta história?

**BÊ**

---

*-Como educadora da convivência com os jovens da favela, o filme relata a realidade que vive os nossos jovens e adolescentes, sem perspectiva de vida e sem metas para seu ideal. Quando você conversa e orienta esses jovens muitos acatam e tomam um novo rumo na sua vida, outros não.. Experiência do filme é experiência já vivida dentro da vila.*

*- Por ter conhecimento do modo de vida destes jovens, que passaram comigo, eu orientei e sempre incentivei para que estudassem, e hoje ao cruzar com eles sempre tenho surpresas; pois, eles me comunicam que atenderam aos meus pedidos, e que estão estudando. Vários estão fazendo uma faculdade e trabalhando.*

*- Hoje o quê esta faltando para estes jovens é o incentivo que não tem por parte dos pais; pois, a maioria deles é analfabeta. Geralmente, eles passam a vida que tiveram para os seus filhos que foi no Norte, onde ninguém tem estudo e se contenta com o que tem; vem para a cidade grande, e se encontra em uma realidade diferente do que esperavam, tornando-se para eles uma frustração por falta de emprego e moradia; muitos retornam para o Norte.*



*- Outros jovens encontram as más companhias que os incentivam para o caminho das drogas e violências, que foi o que vimos no filme, "Proibido Proibir", é bem esta a realidade na vida deles!*

**OBS/análise: BÊ estava coordenando esse evento junto com outras "meninas" da cozinha, e o Padre PR da Paróquia. Queria todos "belos" e felizes com a programação. E todos, com seus familiares e amigos estavam realmente em júbilo. Era uma noite de Festa. Mas o tema veio a "incomodar" a muitos... As perdas emocionais se fizeram visíveis. Muitos podiam contar suas respectivas histórias. E era essa a intenção de PR e BÊ: conscientizar a comunidade sobre o espaço; e alertar em ter o cuidado com os seus familiares e amigos.**

\*\*



Contar o que produziram

## Encontro 8

### LEMBRANÇAS

#### 8º Encontro em 10 de novembro

---



O 8º Encontro foi na semana seguinte, ou seja, o intervalo nos Encontros estava diminuindo como solicitação geral.

A intenção era “despertar palavras” adormecidas dentro de nós, para *acordar* a nossa *morada* interior.

Colocar e recolocar as palavras que dariam “sentido” a nossa experiência.

As lembranças nos propiciaram um retorno à memória, e a construção identitária da raiz do Projeto Iconografia de um Espaço.

O grupo teve algumas ausências; todas justificadas por motivo essencialmente de se preservar o emprego. Mas, estes ausentes se prontificaram a elaborar suas narrativas posteriormente, ou até mesmo, em casa.

Por que é importante contar esta história?



## Encontro 8

Por que é importante contar esta história?



**DÉLIA** tornou-se minha facilitadora no processo de ajudá-los a concluir, caso não houvesse tempo hábil nos encontros futuros.

Neste Encontro a proposta seguia a fruição anterior de viver *cada* momento da experiência atual.

A proposta eram PALAVRAS: seriam os dicionários do sentimento; a maneira de se traduzir o imaterial para o racional, e assim cristalizá-lo em um breve momento apenas para dar seqüência novamente a novas palavras. Este processo de cristalização seria um rápido *flash* de uma máquina fotográfica. Estes *flashes* seriam as lembranças que quereríamos resgatar para tematizar a construção da linha do tempo, e fazê-los perceber as próprias escolhas ao longo do processo; passando a verificar se a Arte teve ou não um processo conciliatório em suas histórias e experiências pessoais.

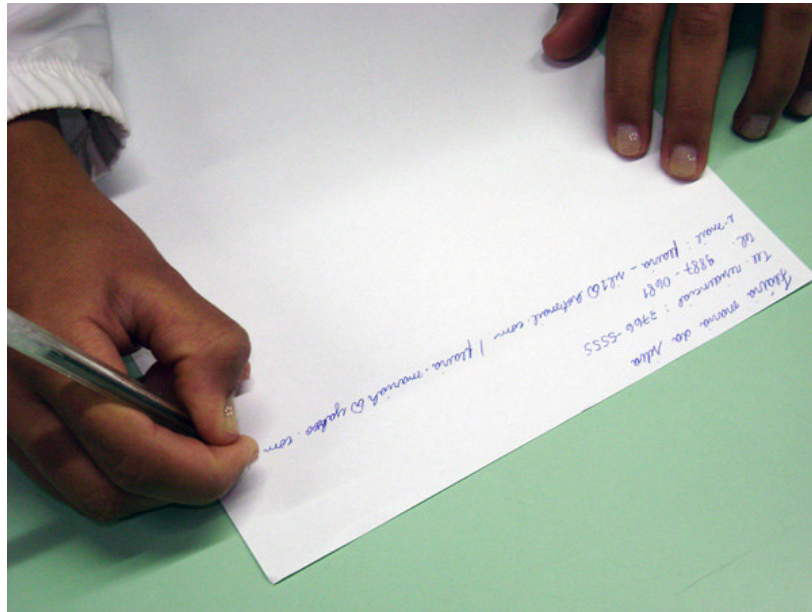
A construção da “morada” era uma categoria bastante interessante deles se colocarem, realmente, dentro da história, porque ao construí-la, iam lembrando objetos que edificaram no passado, e as ações que movimentaram as amizades naquela época.

O grupo foi externalizando sensações, ao longo do período de trabalho, ao se permitirem entrar em contato, novamente, com estes sentimentos. No primeiro instante as reações foram positivas, e era uma lembrança pura de um determinado instante; houve conflitos internos, porque ao se



## Encontro 8

lembrarem de outros momentos, lembraram de pessoas que caminharam junto, e não mais estavam presentes.



**FIGURA 48** – EXPERIÊNCIA ESCRITA E NARRADA

Valores e sentimentos muito importantes foram manifestados: amor, dor, carinho, saudade, solidariedade, partida, emoção, harmonia, acolhimento e a amizade, se apresentaram em suas falas e registros. E valorizando, sempre, a atitude do coração: o silêncio e a necessidade de espaço para esta solitude.

Por que é importante contar esta história?



Encontro 8

**QUESTÕES:**

- 1. Palavras relacionadas com a palavra MORADA**
- 2. Escolher as 4 ou +**
- 3. Associar as 4 palavras às lembranças da época (momentos)**

Como **DÉLIA** escreveu: “foi nesse projeto que eu aprendi a confiar, a ter mais segurança em mim mesma”. E **MJC**: “mesmo com toda a dificuldade eu ouvia com muita alegria meus filhos falando como era importante para eles o projeto que estavam fazendo”.

Por que é importante contar esta história?



Encontro 8

**Diálogos individuais**

---

**DÉLIA fez, primeiramente, suas questões, e depois desenvolveu suas produções em conjunto com os outros no 8º encontro; e como sempre, elaborou a execução do telhado com as pessoas presentes.**

---

**DÉLIA em suas questões:**

---

**1. Palavras relacionadas com a palavra**

**MORADA**

- *Amor, emoção, alegria, carinho, acolhimento, solidão, paixão, ilusão, coração, tristeza, abrigo, sorriso, choro, conjunto, amizade, felicidade, dor, cumplicidade, capacidade, saudade.*

Por que é importante contar esta história?



## Encontro 8

Por que é importante contar esta história?



### 2. Escolher as 4 ou +

- *Saudade, amor, acolhimento, solidão, alegria, sorriso, amizade, felicidade, capacidade, choro, coração, dor, emoção.*

### 3. Associar as 4 palavras às lembranças da época (momentos)

- LEMBRANÇAS

- *Lembro com muita **alegria** dos momentos em que passamos no projeto, foram momentos muito especiais onde encontrávamos alguém que nos **acolhesse**, alguém que **confiasse** na grande capacidade que os jovens tinham de desenvolver trabalhos fantásticos com sucata; ou seja, o que as pessoas jogavam fora como lixo, lixo esse que foi usado, e que deles extraímos trabalhos lindos. Eu gostava e gosto muito das lonas, em formas de tiras; em que pintávamos, e pintando eu esquecia todos os momentos ruins; porque só havia lugar para o sorriso, e a alegria para cada trabalho que eu terminava; e ansiosa, eu começava outro. Eu sentia **paz** em meu coração, eu ficava leve ao pintar, é algo que eu não posso explicar.*





Encontro 8

Por que é importante contar esta história?



- Quando íamos ao projeto, todos nós ficávamos juntos, a nossa amizade era grande; diferente de hoje, que a maioria se casou, e foi, cada um, cuidar das suas próprias vidas; não é como antes, que fazíamos tudo em grupo, onde havia cumplicidade, o amor e a felicidade.

- Foi nesse projeto que eu aprendi a confiar, a ter mais **segurança** em mim mesma.

- Quando acabei o projeto tomou conta de mim a saudade e a solidão, o choro se fez presente mesmo sem ter sido solicitado; fiquei muito triste; mas, sempre estiveram em meu coração todos os momentos em que passamos juntos.



**OBS/análise: DÉLIA sempre se mostrou muito prestativa, desde menininha, em todas as ações do Projeto.**

**Incentivava a todos, e adorava “criar junto”.**

**Nunca imaginei que ao finalizar o Projeto que se estendeu até o ano 2000, as crianças e jovens pudessem estar se sentindo como o relato de DÉLIA. Em fato, eu nunca quis deixar o processo que caminhava, mas as contingências impostas na época por novas pessoas me fizeram refletir sobre os meus próprios valores, e assumir um caminho.**

*- E hoje, estamos de volta, não são todos; mas, os que estão aqui, hoje, reacendem a **chama da Arte** que nunca se apagou, e que está mais forte do que nunca.*

\*\*



Encontro 8

**Diálogos individuais**

---

**ALÊ sempre preferiu “fugir” de qualquer escrita; mas desta vez, resolveu sentar, como a maioria, e deixar-se levar pelo pensamento para transformá-lo em texto e depois transformá-lo em conjunto, em poesia visual com a construção do telhado... .**

---

**ALÊ**

---

**1. Palavras relacionadas com a palavra**

**MORADA**

*- Amizade, harmonia, atitude, amor.*

**2. Escolher as 4 ou +**

Por que é importante contar esta história?



### 3. Associar as 4 palavras às lembranças da época (momentos)

- Como é de fato a **amizade** que tínhamos era imensa, todos ajudavam uns aos outros freqüentemente no decorrer do curso.

- O **amor** que tínhamos por nossos trabalhos era grande, principalmente, eu com os meus fotolitos.

- **Harmonia** entre parentes e amigos era muito linda, era graciosa, no fim do projeto quando finalmente houve a tão esperada exposição de nossos trabalhos espalhados por todo o salão; aquilo tudo era D+; mas, o mais importante de tudo mesmo, foi a atitude dos visitantes elogiando tudo o quê viam, e batiam palmas com os olhos repletos de satisfação.

*Essas lembranças eu guardo desta época.*

**OBS/análise: ALÊ se lembra e partilha suas lembranças... Gostaria de poder solicitar mais tempo de suas memórias... .**

**Você quando adulto não imagina realmente como um pensamento infante-juvenil pode traduzir a realidade, ou o quê , momentaneamente, pode “tocar” um menino que aguarda o momento máximo de mostrar seus trabalhos ao mundo em um espaço expositivo, uma Instituição Cultural. Este menino, que projeta seus desejos através do fazer artístico, se vê “completo” ao observar os visitantes “encantados” com os resultados de todo um processo conjunto de dialogar a Arte como suporte e valorização de sua criatividade.**

\*\*



Encontro 8

**Diálogos individuais**

---

**BÊ** *prefere escrever, faz parte de sua rotina desenvolver o pensamento e depois organizá-lo para um relatório.*

*Trabalhou suas questões e depois desenvolveu suas produções do telhado, em comum acordo .*

**BÊ**

---

**1. Palavras relacionadas com a palavra**

**MORADA**

- *ACOLHIDA: um ambiente gostoso e acolhedor, para desenvolver os trabalhos.*

**2. Escolher as 4 ou +**

- *VALOR: que percebam o seu valor para desenvolver o seu trabalho com amor e carinho.*

Por que é importante contar esta história?





### **3. Associar as 4 palavras às lembranças da época (momentos)**

- *AMOR: criar um laço de união para que sintam o amor e o carinho que temos por eles; e eles possam se valorizar ao saber construir algo com amor.*

- *CARINHO: com nossa convivência criar um laço de carinho, onde possam sentir que temos muito carinho, um para com o outro.*

- *DEDICAÇÃO: ao desenvolver o trabalho, fazer com grande dedicação para sermos bem sucedidos na vida.*



**OBS/análise: BÊ está em um momento de muito trabalho no ECJ.**

**Esteve presente em todos os Encontros, porque dependíamos dela para poder ter um espaço de trabalho, mais adequado à elaboração de memórias e afetos.**

**Mas, em algumas ações, ao final do semestre, BÊ se mostrou quase que em um "piloto automático", pelo cansaço que a abateu. Mesmo assim, sempre sorridente, nunca nos negou tempo e dedicação, como ela mesma se coloca.**

**Sua vida foi essa dedicação às crianças, ajudando-as a terem uma condição um pouco melhor, ensinando-as, formando-as para acreditarem em seus sonhos.**

\*



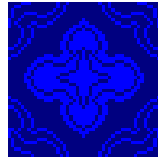
Contar o que produziram

## Encontro 9

### VAMOS SOLTAR O CORAÇÃO

9º Encontro em 24 de novembro

---



O 9º Encontro foi duas semanas depois. **BÊ** estava muito atarefada com o fechamento de calendário de ano, entrega de relatórios para a sua Secretaria Municipal, e principalmente, porque pela primeira vez, o Núcleo permaneceria fechado de meio de Dezembro até o final de Fevereiro. Sua disponibilidade teria que ser reconsiderada, afinal, sem sua imensa colaboração, não teríamos um lugar próprio para esses Encontros.

A primeira intenção para este dia era poder viabilizar um discurso de começo, meio e fim das atividades propostas durante o ano de 2007. Não sabíamos se poderíamos efetuar mais um encontro ou não antes do novo ano.

Por que é importante contar esta história?





## Encontro 9

Por que é importante contar esta história?

Antes de iniciar a atividade, comentei que durante o período dos Encontros havia feito uma avaliação própria e pessoal de todo o significado que este processo trouxe à minha vida pessoal e profissional. Comentei que na seqüência destes anos, eu passei como artista plástica, a me identificar com a metáfora da semente, e com a semente da vida humana que é o nosso próprio corpo; e pensar concomitantemente às ações que nos propomos a executar. Assim, este pequeno "ícone" semente tinha, em meu coração, um grande significado para crescer, armazenar, nutrir e reproduzir.

Propus uma elaboração ao sensível de minha experiência, trazendo a possibilidade de incluir as sementes que eles identificassem em seus trajetos pessoais; se eles quisessem mudar sua forma, e a renomeassem de outra maneira, faria parte deste descobrir, e desvelar, da proposta deste Encontro.

O grupo, poucas pessoas presentes neste dia, estava triste. Não estavam mais com aquele júbilo dos Encontros anteriores.

Sabiam que era mais um momento em nossas vidas; mas mesmo assim, não conseguiam disfarçar seus sentimentos.



## Encontro 9

Por que é importante contar esta história?

Alguns expressaram esta angústia, outros mediram, e reafirmaram como **DÉLIA**, que entre nós nunca mais haveria separação, porque o tempo em fato não existia entre nós. E logo, eu estaria dando “vida” às histórias narradas por eles (...).

Puseram a mão no trabalho para finalizar o que era necessário, como **ALÊ** não estava presente, **DÉLIA** sentiu-se um pouco perdida. Porque ambos foram os idealizadores e defensores da construção da Morada.

**MJC** se colocou de uma maneira a estimulá-los, a espantar a tristeza: “Para mim estes encontros têm sido como uma semente, que você joga na terra e planta. E ela não cresce, ela brota flor – fruto, e nos alimenta. **BÊ** foi firme e completou: “estamos construindo uma *casa*, que é a nossa morada, em que dentro está um pouco de nossas histórias...”.

Em todos os encontros estimulavam-se os mesmos valores: harmonia com o coração, silêncio e solitude.

### QUESTÕES INDIVIDUAIS A SEREM ELABORADAS

1. Relembrando: coração, linha, tempo, flor, árvores, morada, lembranças...
2. Forma/ semente

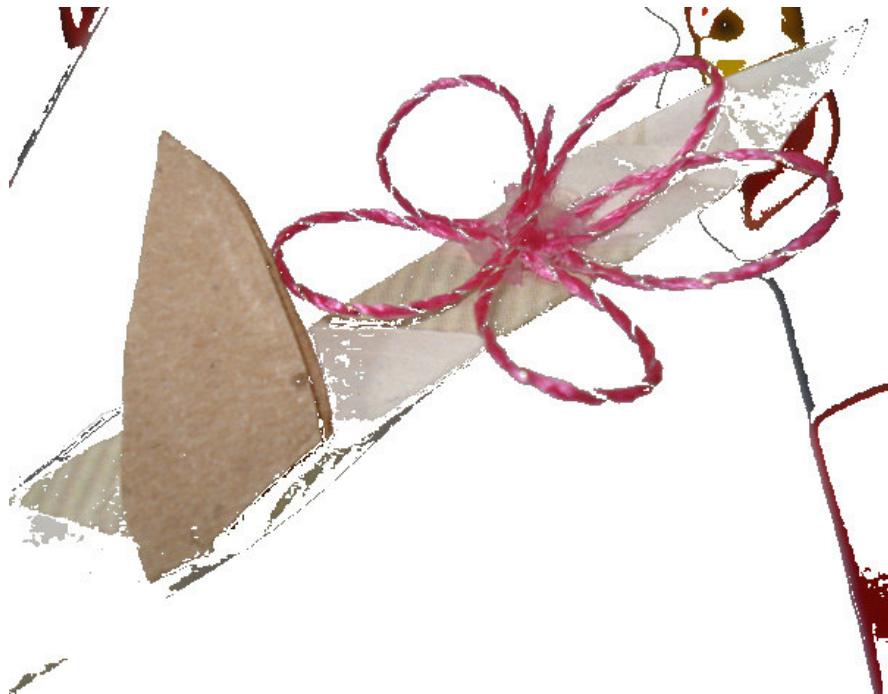


Encontro 9

**3. Forma semente ou vida plantada?**

**4. Processos dos encontros até hoje...**

**5. Muitos obstáculos: vida, filosofia, guerreiros de luz..**



**FIGURA 49** – TRABALHO CONSTRUÍDO E DIGITALIZADO 1

Encontro 9

**Diálogos individuais**

---

**DÉLIA respondeu às suas questões e depois desenvolveu as produções em conjunto com os outros, e como sempre, com valoração do processo.**

---

**DÉLIA**

---

**1. Relembrando: coração, linha, tempo, flor, árvores, morada, lembranças...**

– *Amor, alegria, felicidade, carinho, paixão, amizade, emoção, convivência, capacidade, choro, abrigo, sorriso, passeio.*

**2. Forma/ semente**

– *Amor, alegria, amizade, sorriso, emoção, carinho, capacidade, convivência, choro, coração.*

**3. Forma semente ou vida plantada?**

– LEMBRANÇAS

Por que é importante contar esta história?



## Encontro 9

Por que é importante contar esta história?



*O amor é uma coisa muito importante por cada um de nós, temos amor ao próximo; no projeto que a gente fez só tinha muita alegria, e outras coisas mais, como a emoção.*

#### **4. Processos dos encontros até hoje...**

*– A minha maior emoção é saber que temos muitas amizades com as outras pessoas, porque podemos ajudar as pessoas, para que depois possamos ser ajudados por elas mesmas.*

*– A minha maior capacidade é de saber que tenho muitos amigos que possam conviver comigo, ou seja, não ficar comigo pelo que eu tenho; mas por quem eu sou. O choro é um momento da alegria e sofrimento; mas, no meu caso não é isso, é de felicidade e de saber que eu os tenho ao meu lado.*

*- O sorriso é uma forma de mostrar para as pessoas que eu sou feliz; e que tenho muito carinho com a minha família, e as pessoas que eu amo no fundo do meu coração.*



## Encontro 9

Por que é importante contar esta história?



## 5. Muitos obstáculos: vida, filosofia, guerreiros de luz...

### O início:

- Quem diria que uma pequena e frágil semente se tornaria uma vida, é assim, que eu me sinto: uma semente frágil que sozinha eu não conseguiria seguir em frente, eu não teria dado frutos e ter uma verdadeira família, não só em minha casa; também, na escola, com todas as dificuldades, e os preconceitos que eu vivia. O CJ foi um lugar que eu gostava muito, e o projeto foi onde eu encontrei um refúgio para mim, pois muitas vezes, eu me sentia agredida e usada, por não ter o reconhecimento do meu trabalho, e do meu esforço. Sempre alguém estava à minha frente, alguém sempre para me passar para trás.

- Carla, me desculpe por este último parágrafo; mas, é o que estou sentindo neste exato momento. Hoje é um dia em que não estou bem, meu coração está demonstrando um sentimento de tristeza. Aconteceu algo que eu não queria, foi inevitável.



**OBS/análise:** Durante o processo de resgatar as memórias do grupo, para construirmos dados para esta pesquisa, propus ao grupo e, principalmente a mim mesma, que preferia não ler os relatos até o término de todos os Encontros. Facilitando, assim, um não condicionamento às respostas que fossem sendo construídas. Só tive acesso ao sentimento de tristeza e “abandono” de DÉLIA neste momento, onde passo a observar a fragilidade emocional, e a construção de vínculos com todos os jovens envolvidos.

DÉLIA viveu duas vezes uma separação temporária de seu sonho de menina.

Jamais em “sã” consciência teria permitido este sentimento fluir sem resposta adequada no momento em que ocorreu.

Tornou-se uma guerreira, decidida por si e por seus filhos. A Arte faz parte de sua trajetória de se colocar no mundo, e expressa intensamente em diferentes momentos esta percepção.

A ausência da Arte em sua vida atual, a faz “vazia”, não lhe permite “sonhar”, e ter a “leveza e paz” que sempre carregou em seu coração. Mas devo lembrar que os tempos eram outros, suas responsabilidades, e a forma de “olhar” sua experiência era outra.



\*

## Diálogos individuais

---

**ALÊ enviou a proposta do trabalho por MJC.  
Estava trabalhando neste dia; mas, como relatou, foi  
direto à produção, depois com calma, quis pensar  
em responder a estas reflexões.**

**(Normalmente havia começado também a trabalhar aos  
sábados)**

---

**ALÊ**

---

### **1. Relembrando: coração, linha, tempo, flor, árvores, morada, lembranças...**

*- Todo mundo fala que pensar no passado é pensar para trás; mas, neste caso é bom, e faz bem pensar em tudo aquilo que nós fizemos; assim, bem dizer, eu não preciso estar relembrando tudo àquilo, porque é uma coisa que está presente no meu dia-a-dia, é uma coisa que está na minha cabeça o tempo todo; pois, minha vida é arte, e disso todo mundo sabe.*

Por que é importante contar esta história?





## Encontro 9

Por que é importante contar esta história?



## 2. Forma/ semente

*– Nem tudo é lixo, pois, pode se aproveitar quase tudo; é reciclável, eu mesmo tenho em minha casa vários objetos compostos de materiais reciclados, bem dizer, feitos de lixo. São objetos feitos por mim mesmo, coisas no reencontro com você (Carla), eu pude estar mostrando alguns deles. Pra minha felicidade agradeço muito ter feito parte do projeto; pois, hoje, tenho conhecimento mais iluminado sobre a arte de aproveitar materiais recicláveis.*

## 3. Forma semente ou vida plantada?

*– Cada dia que passamos sem nos encontrar foi até bom para ver se sozinho poderia dar continuidade ao aprendizado ao seu lado (Carla), mesmo assim melhor (foi mais que bom, foi demais) te reencontrar novamente.*

## 4. Processos dos encontros até hoje...

*– Hoje eu tenho o caminho aberto pro mundo da arte, pois relembro a época do projeto onde eu estava aprendendo a fazer uma coisa, onde graças a Deus, eu já gostava, eu era apenas uma criança naquele tempo; hoje já estou com*



*pêlos no queixo! Estou adulto; pois, estou fazendo parte agora destes reencontros adoráveis que nos fez estar no mesmo lugar, onde estava há onze anos atrás.*

### **5. Muitos obstáculos: vida, filosofia, guerreiros de luz...**

*- Eu, Graças a Deus, pude pular por cima de todos eles (obstáculos), por exemplo: porque nossa vida é um obstáculo; e se estamos vivos até hoje, é porque nenhum obstáculo vai estar a nossa frente enquanto estiver em nossa frente um propósito: o pódio mais alto para subir.*

Por que é importante contar esta história?



**OBS/análise:** ALÊ, espontaneamente, coloca que sua vida é Arte, e o passado não é passado porque nossa história do Projeto está sempre com ele. Viveu momentos de aprendizagem “iluminada” que sempre o auxiliou a reaproveitar objetos pelo “olhar” da Arte. Colocou a distância de nossa separação como um breve momento para aprender a caminhar sozinho e ver suas próprias possibilidades; a semente plantada que precisou germinar, e se tornar a árvore de hoje. Não há obstáculos que não sejam superados. É um rapaz corajoso, e muito amoroso.

\*\*

### Diálogos individuais

---

**BÊ** estava preocupada com a entrega de um relatório;  
**Mas, como sempre, extremamente solícita a todos  
 e a tudo.**

**Estávamos lembrando vários momentos,  
 e todos nutridos pelas saudades de um tempo.**

**BÊ**

---

*Bom dia?! Que este dia seja cheio de  
 energias positivas para todos...*

Por que é importante contar esta história?



Encontro 9

Por que é importante contar esta história?



**1. Relembrando: coração, linha, tempo, flor, árvores, morada, lembranças...**

*- Ao decorrer dos dias, meses, e ano sempre depositamos uma semente em tudo o que fazemos, ou passamos para os outros.*

**2. Forma/ semente**

*- Semeio amor e carinho no coração dos adolescentes, enfim, do ser humano. Fazendo com que consigam transmitir para sua história e sua vida, com carinho e amor, e que plantem outras sementes para germinar.*

**3. Forma semente ou vida plantada?**

*- Enfrentamos muitos obstáculos no caminho que percorremos; durante esse tempo que nos encontramos, após alguns anos de separação. Todo aquele trabalho que fizemos com a Carla, há alguns anos atrás, veio a minha mente; lembrei com muito carinho todas as aventuras que fizemos com os adolescentes, e com tudo o que construímos: exposição com garrafas pet, panos, treliças de jornal, a alegria que os adolescentes construíam os objetos, ansiosos para ver o que ia acontecer no final. Enfim, o*



Encontro 9

Por que é importante contar esta história?



*grande dia esperado por todos: a exposição. Eles se sentiam grandes artistas no dia. Tudo isso veio a minha mente com a volta da Carla.*

#### **4. Processos dos encontros até hoje...**

*- Hoje com alguns dos jovens da época, voltamos a nos encontrar para continuar um pouco de nossa história.*

*- Começamos com o coração, que sempre a Carla lembra que temos que construir com o coração.*

#### **5. Muitos obstáculos: vida, filosofia, guerreiros de luz...**

*- Ao desenrolar do tempo, estamos construindo a linha do tempo em que vivemos com uma linha reta, ao passar dos dias, e se embaralhar, entramos numa reta de trilhos. Assim, é a nossa caminhada onde sempre encontramos obstáculos; mas, se temos um coração grande nós conseguimos atingir os nossos objetivos, e ter nossa história construída; sempre semeando uma semente para germinar.*



Encontro 9

*- Estamos construindo uma casa que é a nossa morada, em que dentro está um pouco de nossas histórias...*

**OBS/análise: BÊ se coloca como a semeadora. Suas sementes foram multiplicadas inúmeras vezes por tantas crianças que se tornaram jovens adultos em suas mãos responsáveis.**

**Esteve sempre presente ao Projeto durante todos os anos de construção e muito nos auxiliou.**

**É mais que merecido o posto que ocupa, hoje de Diretora do ECJ.**

**Houve mudanças; mas, o padre PR que sempre acompanhou o Projeto por 5 anos, também está de volta a Paróquia.**

**Estamos dentro de uma morada. Estamos escolhendo e valorizando cada passo de nossa comunhão, e como sempre, dialogando juntos.**

\*\*



Encontro 9



**FIGURA 50 – PARTE DO TELHADO**

---

\*\*



Contar o que produziram

## Encontro 10

### UMA CASA. VÁRIAS MORADAS

10º Encontro em 8 de dezembro

---



Por que é importante contar esta história?

O 10º Encontro e último antes do término do ano foi corrido. Em fato, para **BÊ** este Encontro não deveria nem ter se realizado. Todos estavam atribulados com trabalho, relatórios, prestação de contas ou estudos de final de ano.

Foi um encontro simbólico. Olhamos a morada construída... Detalhes veriam no período de férias, onde cada qual se propôs a reavaliar as próprias ações.

Novamente, pelo momento do ano, alguns não puderam estar.

A cada Encontro, eu trazia um bolo, e **BÊ** ou mesmo o grupo também trazia refrigerantes. Em uma das ocasiões fomos agraciados por uma bela torta de frango que **MJC** nos proporcionou. Cheguei a brincar que eles compareciam pelo estômago e não para nutrir o espírito!





Materiais foram deixados na casa da **DÉLIA**, que proporia encontros para a finalização da “morada”.

Neste processo eles apresentaram dificuldades em relação a perdas pessoais. Alguns se mostraram ávidos por terem a oportunidade de trabalhar com a Arte, e na contrapartida, poder se articular com este meio novamente.

Foram 11 momentos de reflexão conjunta. Etapas programadas e cumpridas. Agora era necessário organizar o pensamento, e refletir sobre o todo. Poder articular sobre o intangível, sem cristalizá-lo.

\*

Por que é importante contar esta história?



Neste 10º encontro, estavam muito emocionados e contemplam a construção do cenário pelos seus corações.



FIGURA 51 - CENÁRIO

**OBS:** Lembrei-me de uma citação que foi publicada no *folder* da exposição do Banco Central do Brasil na Avenida Paulista em 1998.

“Gente, vamos trabalhar com o coração; a arte não é uma casinha, é um coração...”

*Gabriela Cristina dos Santos*



Encontro 10

Por que é importante contar esta história?



Por meio de algumas questões elaboradas em forma de narrativas, foi possível avaliar “simbolicamente” o grau de acolhimento desta produção no tempo, e estabelecer relações entre as memórias coletivas e o tempo atual, concomitantemente, ao impacto sócio-cognitivo e afetivo do Projeto Iconografia de um Espaço, em um processo individual.

Para tanto, foram escolhidos três sujeitos-autores, que nos cederam suas palavras, e estas “coladas” à experiência, nos mostraram seu pertencimento ou não. É o caso dos relatos acompanhados até aqui de DÉLIA, ALÊ e BÊ. Ao final, o grupo quis fazer um depoimento individual baseado em questões abertas.

É importante ressaltar que estas narrativas foram escritas após o término de todos os Encontros em dezembro de 2007.



Contar a experiência

## 2.4 Contar a experiência (por três sujeitos-autores)

---

### Diálogos individuais

---

#### Descrição da SEMENTE e outras por DÉLIA

---

O Projeto começou como uma pequena semente que em pouco tempo cresceu e deu os mais belos frutos que se possa imaginar.

Quando o Projeto começou, eu em particular, não estava muito bem. Minha vida estava indo para o lado errado, na minha casa o clima não era dos melhores.

Por que é importante contar esta história?



## Contar a experiência

Por que é importante contar esta história?

Foi indo ao Projeto que eu descobri que na vida há esperança para tudo, principalmente, quando se tem um sonho. Eu sempre gostei de desenhar, e no desenho eu me sentia livre, e era assim, que eu me sentia quando íamos ao Projeto; lá eu podia colocar para fora tudo o que eu tinha de melhor: a vontade de melhora e de superar os limites da Arte. Eu me soltava, ou seja, eu era feliz. Era um dos poucos momentos que eu podia ser eu mesma, e valorizar o trabalho que fazíamos cada um com um material diferente; mas, com o mesmo propósito: colocar em cada trabalho o que havia em cada coração: as alegrias, as tristezas, entre outras coisas.

E esta semente cresceu até hoje, de uma forma inexplicável, porque anos depois viemos a nos encontrar, não todos; mas, não menos importante porque somos poucos; com vontade de mudar esta realidade em que vivemos, e muitos já se acostumaram, porque é bem mais fácil chutar uma pedra que está em seu caminho, do que pegar cada uma delas e fazer de escada para o sucesso!

Eu me lembro de um momento em que pintamos as mãos com tinta e colocamos no tecido<sup>11</sup>, eram mãos pequenas; mas, são nestas mãos que está o futuro do mundo. Lembro-me, também, que em uma das vezes que fomos ao Projeto, e que estávamos no meio do caminho, e a ponte caiu.



---

<sup>11</sup> Ver figura 52 na página 228. É a ponte do Jaguaré sobre a Marginal Tietê, no ano de 1997.



## Contar a experiência

Isso mesmo! Não podíamos ir nem para frente, e nem para trás; foi muito engraçado; mas, conseguimos chegar!

---

### **Descrição da ROTINA e outras por DÉLIA**

---

A minha vida mudou muito, hoje estou casada, e tenho três filhos: dois de sangue e um de coração. Apanhei muito para chegar onde eu estou.

Minha rotina está um pouco corrida, pois, cuidar da casa, e dos três filhos não é "mole"; mas, tenho força e coragem de aceitar, e cumprir todas as minhas responsabilidades. Neste caso, acho que puxei à minha mãe que sempre foi uma mulher guerreira que nunca se deixou abater, pelas constantes dificuldades que a vida colocava, e coloca, até hoje em seu caminho.

A minha mãe MJC é uma mulher que eu admiro, e me orgulho muito dela.

Eu confesso que quando soube que você (Carla) estava reunindo as pessoas que fizeram parte do Projeto, eu não acreditei! Eu não acreditava que a mulher que tanto procurava e admirava estava a minha procura, parecia um sonho te



## Contar a experiência

reencontrar, e retomar o Projeto, mesmo depois da minha vida ter dado tantas voltas. Fiquei muito feliz com a maneira em que fui recebida, eu e meus filhos.

Para você Carla, eu sempre vou encontrar um tempo; pois, em meu coração e na minha vida você tem lugar garantido. Para tudo nesta vida se dá um jeito.

Se Deus quiser, vamos concluir esse Projeto com êxito, e muita alegria no coração. Se depender de mim, nossa sociedade de esperança estará selada para sempre!

Gosto muito desta nova rotina; pois, eu consigo sentir lá no fundo da alma que posso ser útil.

---

### **Descrição de sua APRENDIZAGEM e outras por DÉLIA**

---

Eu aprendi muitas coisas, e uma delas é que o coração fala mais alto do que tudo; e que, sempre, nos dá respostas que parecem impossíveis; mas, para isso temos que aprender a escutá-lo, porque muitas vezes achamos que os problemas não têm solução; mas, na verdade é que não paramos para pôr a mão no coração e escutar o quê ele tem a nos dizer; e é isso que aprendi, principalmente, a escutar o meu coração.

Por que é importante contar esta história?



Contar a experiência

Agradeço a Deus e ao Projeto, mas em primeiro lugar, a você Carla; por não desistir de nós e de seus sonhos. Espero poder retribuir todo o carinho, atenção, e paciência que você está tendo com a gente. Obrigada por nos dar a oportunidade de entrar em sua vida, adoro você de coração!

---

**Descrição da VALORIZAÇÃO dentro da MORADA e outras por DÉLIA**

---

Na minha morada eu me sinto muito bem, apesar das dificuldades; mas, acima de tudo, eu não abro mão do companheirismo, e do clima bom de estar com meus filhos. Gosto muito da companhia das pessoas, não gosto de ficar só; eu valorizo muito a amizade, e a força que vem do coração de algumas pessoas; pois, ainda existem muitas pessoas que só pensam em fazer o mal.

Estou em um período de mudanças em minha vida; mas, a força e a esperança de que tudo vai dar certo estará sempre em meu coração; pois, quando vejo que estou confusa, eu converso com meu coração; e tudo por mais difícil que pareça, sempre acaba bem.

\*\*

Por que é importante contar esta história?





**OBS/análise: DÉLIA se coloca por inteira. Sempre foi assim.**

**Não havia meio termo: ou era ou não era. Aliás, acredito que seja uma característica das pessoas guerreiras, e uma virtude nas pessoas honestas.**

**DÉLIA descreve pequenos momentos, mas que se tornam promissores para se avaliar a intensidade com que as relações foram construídas ao longo dos cinco anos. E como a Arte passou a ser uma linguagem de estímulo, de construção, e de dizer o “não dito”.**

**Apesar de haver os conflitos entre querer estar de volta ao tempo, DÉLIA persiste na caminhada atual, trazendo a Arte para sua vida e a de seus filhos. Mostrando a eles a importância de um manusear, de forma tão simples, a possibilidade real de uma transformação simbólica pelo prazer, pela alegria, pela magia do instante que se cristaliza para uma vida inteira.**

## Diálogos individuais

---

### Descrição das RECORDAÇÕES e outras por ALÊ

---

Teve uma época em que eu já havia feito parte do C.J (Centro de Juventude). Era um tempo em que eu não tinha muito com o que ocupar a cabeça, até que surgiu esta oportunidade de fazer o que eu gostava, no Projeto Iconografia de um Espaço.

Estas poucas palavras, com certeza, resumem minha infância e adolescência dentro do Projeto, até hoje: "Posso tudo merecer, até mesmo o poder; posso um dia ainda morrer, mas deste Projeto jamais me esquecer!".

\*\*

Por que é importante contar esta história?



**OBS/análise:** ALÊ é mais racional e objetivo. Mas, seu lado poeta também se manifesta: desenha em forma de letras ao expressar o nome do Projeto. Com uma pequena poesia expressa o quê de mais fundo está em seu coração: a força do presente, e a força de estar sempre presente.

Ao longo destes Encontros se permitiu ser o juvenzinho ALÊ, que com muita curiosidade queria conhecer de tudo, e experimentar sem medo.

Manifestou, positivamente, este processo de ir e vir no tempo; porque favoreceu novamente seu despertar para a Arte.

Sentiu-se fortalecido e completo. Como relatou: a ponto de ousar construir as maquetes que se tornaram “coqueluche” nos dias que antecederam ao Natal.

\*\*



Contar a experiência

### Diálogos individuais

---

#### Descrição da SEMENTE e outras por BÊ

---

Logo que se iniciou o projeto, nem eu e nem as crianças havíamos entendido o quê a Carla queria; mas, mesmo assim, quando começou, a Carla dizia não pense o quê desenhar; mas, faça com o coração.

Enfim, o espírito começou a fluir quando os educadores passaram para as crianças a semente deste amor. A partir do momento em que eles se uniam uns aos outros, e trabalhavam com amor, aprenderam a dividir. A partir deste momento, no trabalho começavam a aparecer coisas muito lindas; montamos uma linda exposição com coisas que estariam entulhados nos quintais de suas casas, e vimos que poderiam virar arte.

Os adolescentes aprenderam e traziam objetos que estavam entulhando suas casas e até mesmo os que estavam jogados pelas ruas, todos no sentido de colaborar com o projeto.

Aprendi muito junto com os adolescentes. Quando se tem amor e união, eles são acolhidos e unidos ao trabalho; estes sem lucro e gastos, somente com o momento da troca.

Por que é importante contar esta história?



Contar a experiência

Por que é importante contar esta história?



---

**Descrição da VALORIZAÇÃO dentro da MORADA e outras por BÊ**

---

Dentro da casa eu coloco: compartilhamento, união, amor, que é fundamental para os adolescentes. Onde eles podem perceber, que juntos, podemos mudar muita coisa; desde que seja, com amor, carinho e muita união.

**Como está sendo sua rotina, sua vida e os momentos nos encontros hoje?**

Estou com a vida muito agitada; pois, estamos no final do ano; mas, sempre acolho: com muito amor e carinho. Acredito que onde sempre semeamos uma sementinha, um dia ela vai germinar.

**O que você aprendeu com o Projeto?**

Se cada ser humano semear boas semente teremos boas colheitas.

**O que você valoriza para colocar dentro de sua Morada? (aquela que construímos juntos nos encontros em 2007)**



Contar a experiência

Muito amor, carinho, valorização no ser humano, não importa quem ele seja

**OBS/análise: BÊ é amor, e puro amor incondicional em seu processo de doação e valorização da estima, em todas as pequenas ações que sempre executou.**

**Não me lembro dela chateada ou coisa parecida, porque estava sempre trabalhando, e se dedicando à comunidade.**

**Incansável como educadora, sempre orientou e foi firme nos momentos necessários.**

**Tornou-se minha grande colaboradora com o passar dos anos; e nos Encontros, firmou-se como facilitadora.**

**A fruição fez sempre parte processual de seu comando e planejamento; e os conflitos, sempre, se tornaram soluções.**

**Objetiva e amorosa, ela permeia as linguagens da vida nas vicissitudes que ela se depara todos os dias, no contexto em que atua.**

\*\*





## **2.5 Contar os discursos (pelo processo do grupo)**

---

Realizou-se um processo dinâmico e dialético, sobre a experiência de arte-educação que todos vivenciamos; para auxiliar a compreender os sentidos por eles produzidos. Por meio da memória, e das categorias/temas selecionadas, elaboramos a inserção deste sujeito que cria e que lê; e, concomitantemente, é lido. O processo precisava ser discutido e “sentido” para corroborar na autenticidade de se contar esta história vivida, e registrada em importâncias, relações, e sentidos sobre suas histórias de vida e arte-educação.

Trouxemos, primeiramente, o “Discurso pelo Desenho” que validou o processo de registros da palavra, como registro do pensamento, sobre o processo da vivência da aprendizagem.

Depois, pelo “Discurso pela Memória”, desenvolvemos a análise da criação e execução dos desenhos e objetos.

Por exemplo:

“Eu estava no meu projeto com adolescentes no ponto laranja. Eis, que



Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?

chega a Carla com um lindo projeto, e foi no ponto azul, que iniciamos um projeto que chama Iconografia: pinte com o coração não com a mente”.

**BÊ 2007**<sup>12</sup>

Toda a aprendizagem deve ser integrada à vida; isto é, adquirida em uma experiência real de vida, onde for aprendido tenha o mesmo lugar e função que tem na vida.

(DEWEY: 1980:130.).

O Discurso é no acaso, ou seja, naquilo que não foi conscientemente planejado por seu sujeito executar, e criar, e acaba se tornando um terreno fértil da subjetividade; em que o artista se desvincula de seu julgamento, para mergulhar no prazer simplesmente de fazer. Porque se verificaram processos subjetivos, nestas linguagens artísticas apresentadas; e, conseqüentemente, em seus aspectos relacionais, afetivos e cognitivos. Por se tratar de um processo de elaboração de discurso verbal e de discurso iconográfico, observamos como foram cristalizados na estética de sua produção. A coleta de dados se apresentou como uma narrativa do processo de construção deste discurso; permitindo observar, analisar e



---

<sup>12</sup> BÊ estava descrevendo simbolicamente em cores o seu percurso em sua trajetória de vida no papel como proposta do encontro.





## Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?

interpretar os dados planejados e não planejados por cada sujeito-autor.

Como afirma Dewey, em relação a se permitir arriscar e ir em frente: "Educar é crescer, não já no sentido puramente fisiológico; mas, no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem". (1980: p.116)

Referenciamos o movimento de construção destes objetos, e sua importância como referência pictórica e imagética das crianças envolvidas, estabelecendo as categorias de Ensino e Aprendizagem em sua visão dialogal entre passado e presente, e desveladas, hoje, em seus sujeitos-autores adultos.

Ao analisar o processo da construção e o manuseio dos materiais pelos jovens, valorizamos a troca, o tipo do material; observando-se eventos inesperados oriundos dessas vivências tanto quanto os dedutíveis. Assim, "a intenção de quem vai aprender tem singular importância. Aprende-se através da reconstrução consciente da experiência, isto é, as experiências passadas afetam a experiência presente e a reconstroem para que todas venham influir no futuro". (DEWEY: 1980: 129)



## Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?

Mesmo transcorridos os anos, entre as etapas de criança para o encontro com o adulto, eles mostraram em suas práticas e ações cognitivas, a permanência de valores, retomada da técnica artística e coerência espacial nesta construção.

Signos e palavras constituíram para as crianças, na inicial, um meio de contato social com outras palavras. Vigotski aprofundou em sua pesquisa que as funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se a base de uma forma nova e superior de atividades nas crianças, distinguindo-as dos animais. E complementa que: “para compreendermos a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender seu pensamento. Mas, nem isso é suficiente – também é preciso que conheçamos sua motivação”. (2000:38 e 2003:188).

Observamos a ressignificação das relações sociais, e de aprendizagem, através do uso das práticas das linguagens em Artes Visuais. Lembrando que o nosso contexto tanto histórico como atual é peculiar ao que se refere à área de vulnerabilidade social e cultural.

Concomitantemente, analisamos o resultado do processo da construção, e o manuseio dos materiais, o tipo do material utilizado nas rotinas das oficinas de arte pelas crianças e jovens, na etapa histórica; e convidamo-los a reconstruir essas



Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?

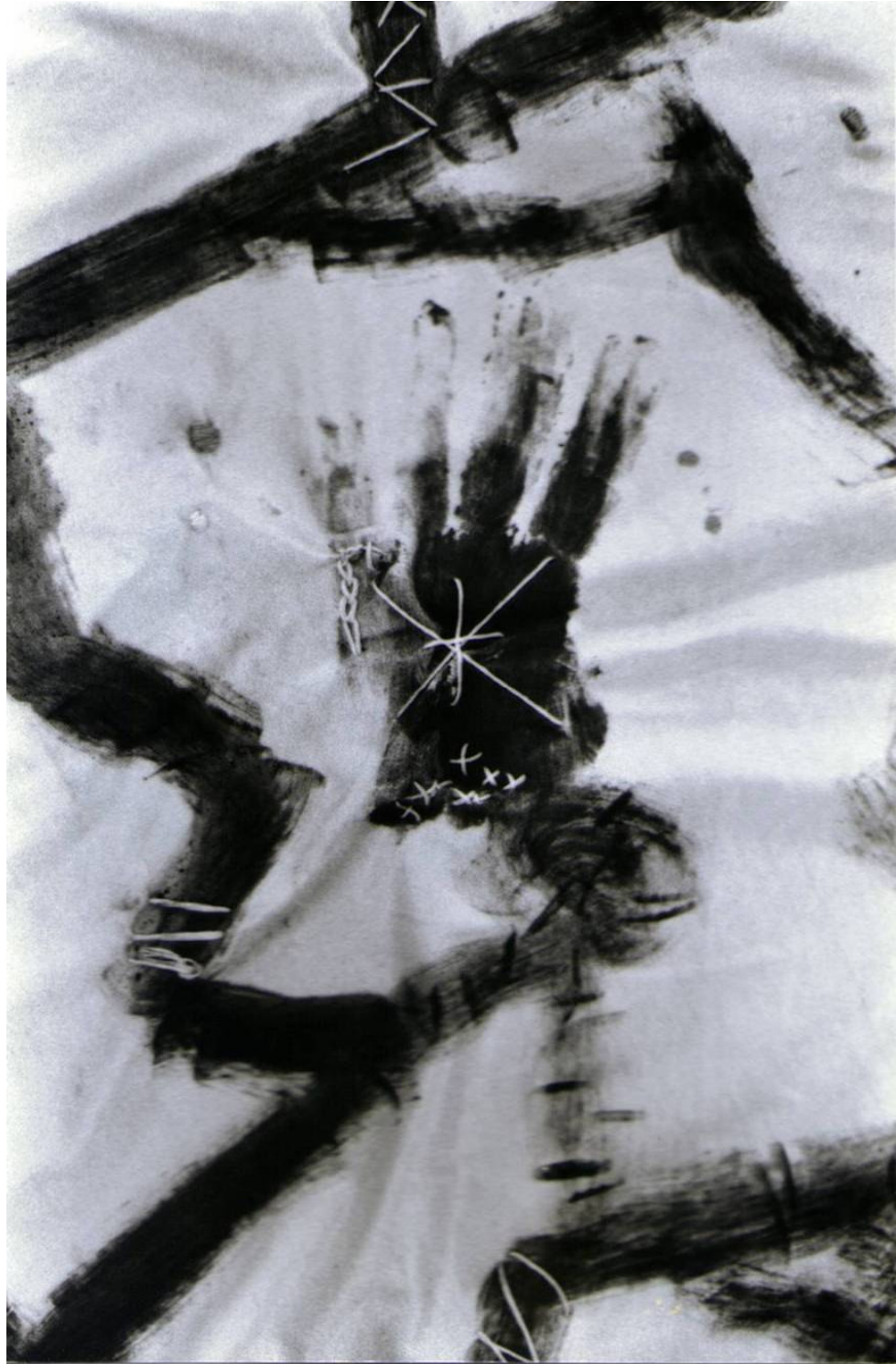


passagens “formativas” à Arte, e a própria construção semiológica dos desenhos.

Estamos começando a falar de signos. Estes serão contextualizados no capítulo 3. Em princípio, signos nos permitem a compreensão e decodificação cultural de cada pessoa em nosso mundo. Não apenas a palavra (signo) impregna e dá sentido à atividade humana ou experiência social das pessoas; mas, a mesma consciência “se constrói e se realiza mediante o material dos signos, criado no processo da comunicação social de um coletivo humano:

“A consciência individual se alimenta de signos, cresce com base neles, e reflete em si, sua lógica e suas leis . Além disso, necessitando toda prática social dos argumentos que dão sentido ou significação a tal prática, a linguagem está presente em todas as formas de atividade humana. Constitui-se, assim, em um dos indicadores mais sensíveis dos processos de inter-relação e interação indivíduo-sociedade e permite-nos tomar contato com as contradições sociais e as posições de poder expressas nas palavras “.VOLOSHINOV, V. N. (1929/1992:36).<sup>iii</sup>





**FIGURA 52**– EXEMPLO DE MÃO BORDADA E PINTADA SOBRE TECIDO DE LYCRA.

---

## Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?



Por intermédio dos relatos de vivências que acompanhamos, estabelecem-se as categorias: cognitiva, afetiva, relacional, transferencial: com o objeto da produção, com o outro, com si mesmo, com a família, com o meio ambiente, entre aquele que aprende e aquele que ensina.

Na visão conciliatória de Traverso-Perez o "outro", introduzido no processo discursivo, nem sempre é uma pessoa física; mas, está constituído por todas as vozes alheias de origens diversas: a família, o meio social, as obras científicas ou literárias, etc. e tem sempre um papel ativo na interação. Ele denomina polifonia de vozes ao fato que nossos enunciados estão cheios de enunciados dos outros, e permeados de suas expressões e valores ". (1999: vol.4, no.1:39-59).

Dados narrativos e interpretativos foram construídos sobre as duas categorias de análise: na primeira (histórica): escolhemos vários objetos trabalhados pelas crianças e jovens: bandejas de isopor pintadas, sacos de rafia pintados; latinhas de alumínio trançadas e coladas; garrafas plásticas reelaboradas de diversas maneiras; jornais trançados; fotolitos; e olhares: muitos olhares sobre planos e recortes; na segunda (atual): a vivência dos jovens, e a construção pictórica e artística dos objetos. Sendo que estes objetos escolhidos são, em tese, objetos ressignificados em suas



## Contar os discursos

memórias, de adultos; assim, não os estamos analisando no passado; mas, o quê a memória destes objetos trabalhados, efetivamente, em um momento de suas vidas quer, hoje dizer; e como estes mesmos objetos nos auxiliam a ler a Arte, através do tempo, para nos permitir analisar a fruição do processo artístico na peculiaridade de suas vidas.

Eles foram escolhidos porque caracterizam alguns dos materiais, em especial, utilizados no processo, como as tintas de parede e os pigmentos.

Esse tipo de análise de Discurso baseia-se, primeiramente, em relatos de vivências atuais, escritos em folhas de papel, pelos adultos do Projeto; e construídos, após o desenvolvimento prático, na elaboração de um objeto na oficina de arte-educação.

Por que é importante contar esta história?



## Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?

Evidenciamos pequenos recortes dos textos escritos, pelos próprios jovens adultos, como expressões-chave; valorizando-se a atenção à análise, para a construção de uma ponte entre o Discurso Verbal (palavra) e o Discurso Não Verbal (imagem/desenho); com o intuito de uma associação subjetiva: entre a narrativa e a produção iconográfica.

O termo "discurso", como a maioria dos termos conceituais, caracteriza-se por uma grande ambigüidade. Tal ambigüidade é, conseqüência, dos múltiplos usos, desenvolvimentos e perspectivas nas diferentes disciplinas e, inclusive, dentro de uma mesma disciplina; mas, segundo diferentes critérios conceituais. (TRAVERSO-YEPEZ: 1999, vol.4, no.1:39-59). Porque se desenvolveu um diálogo narrativo entre as memórias de todos os sujeitos-autores envolvidos, com seus olhares e possíveis validações ou não. Olhares que transitaram entre passado e presente, afetos, relações.



É importante ressaltar que estas memórias, introduzidas nesta pesquisa, se tornam relevantes pelo fato construtivo que estas passaram a serem representadas, iconograficamente, nas ações dos jovens adultos. Porque observamos que os jovens se “libertaram” e se “aventuraram” em busca do novo (conhecimento). Seu lado cognitivo se expandiu, e buscou compreender novas relações, resignificando a aprendizagem. O prazer de aprender se instalou pela permissão de se autorizar ao prazer de experimentar, e vivenciar, essa conquista, em toda a sua totalidade. Houve paciência de aprender e experimentar, aliada à vontade de “viver” aquele momento; tão intensamente quanto possível. Eles se reconheceram em momento de “boniteza”, de autoria. Descobriram-se, individualmente, e também no coletivo; capaz de ser, criar, produzir. Apagaram, momentaneamente, qualquer fissura de aprendizagem de sua memória, “algo” que os impediam a articular em seu conhecimento de forma prazerosa.

Alguns termos aqui utilizados, como por exemplo, “boniteza”, serão melhor descritos e inseridos, contextualmente, com os auxilio de pressupostos teóricos que “dialogam” com presente pesquisa no capítulo 3.

Como Dewey afirma, “Eu me educo através de minhas experiências vividas inteligentemente”. (1980:116)

Vamos narrar algumas das principais memórias levantadas pelo grupo atual, e da qual passo a ser a parte





## Contar os discursos

discursiva, para verificarmos nossas hipóteses iniciais a respeito **de como esses jovens se lêem e como querem ser lidos** no grupo, como processo coletivo, e depois haverá o processo individual.

## Diálogos do grupo

### Contaço

or que é importante contar esta história?

- Percebiam que “a cor mudava o resultado”: a cor precisava ser composta, pensada em que tons e em que quantidade precisava ser utilizada para alcançar aquela tonalidade, por exemplo, de azul.
- “Ficavam deliciadas com as cores que conseguiam produzir”, e quando se conseguia algo diferente e “novo”, essa cor era depositada em garrafas de água, vazias e recortadas pela parte superior.
- A gargalhada era sempre no dia seguinte, para que cada um pudesse “reconhecer” o seu trabalho.
- Detalhe que logo foi aprendido no segundo dia: a tinta após seca, alterava um pouco de cor; e, algumas vezes, totalmente; dependendo de qual superfície tinha sido utilizada por baixo da pintura. (Figuras: 08; 44; 45 e 53)



Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?



**FIGURA 53** – EXEMPLO DE FOTOLITOS PINTADOS, SECANDO NO CHÃO.

\*\*

**Observação do processo**

- As crianças, em sua maioria, nunca haviam tido a “liberdade de experimentar” tinta em abundância; “com as próprias mãos”, poder recuperar pincéis, e manuseá-los livremente.





- Colocar os dedos, e até mergulhar as mãos, em galões de diferentes cores, e “sentir a liquidez do material”. Muito menos, poder “sentir a sensibilidade das texturas”, por onde os pincéis deslizavam.
- Caminhava-se entre eles, escutavam-se suas dúvidas; mas, não se respondia diretamente: “instigava-os a pensar”, a experimentarem, a tirarem suas próprias conclusões sobre a tinta, o trabalho, o material que estavam produzindo.
- O processo todo era uma experimentação: as crianças misturavam, e “compunham, poeticamente, as cores; pegavam um pedacinho de jornal, e iam desfilando, os diferentes matizes que conseguiam, nesse processo “químico”. (figura 54)

## Contar os discursos

### **Análise de DÉLIA dentro do grupo e o processo do grupo**

Verificava-se um processo de autoria; houve uma interação entre o fazer, experimentar e o pensar. (Figura 15 e figura 5)

O que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica, a educação é para a vida social. (DEWEY: 1980:113). Porque a visão de mundo, se auto-desvaloriza. E existe a possibilidade da transformação, dessa visão, que ocorre no processo.

Observava-se a extensão do afeto. A jovem foi afetada pelo processo: se reconheceu na autoria, e expandiu em forma de afeto sua inclusão; principalmente, quando somamos a história de vida e a re-ação de contar esta história com a de DÉLIA.

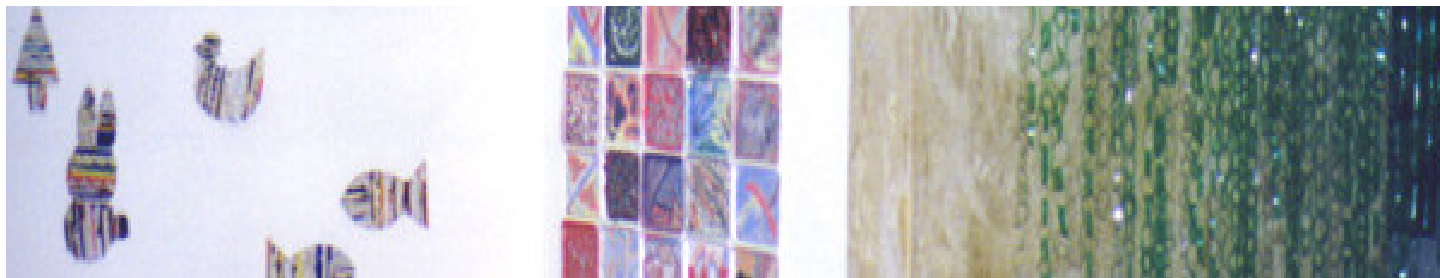
A vivência da corporeidade tornou-se própria de cada sujeito-autor. Juntou-se o material, sua fruidez.

Tudo se tornou uma nova construção deste sentido; aliada a curiosidade do despertar, e se permitir, novamente, no campo da Arte.

\*\*



### Contar os discursos



**FIGURA 54 E 55** – GRAFISMOS EM REVISTAS, EM ISOPOR, CASCATAS DE ANÉIS E “PIANO” – UM ÚNICO RECORTE INTERAGINDO EM DIFERENTES PLANOS DO ESPAÇO EXPOSITIVO DO BANCO CENTRAL DO BRASIL.

---

### **Memórias de DÉLIA pelo olhar do hoje (exemplo de sua atuação no grupo - coletivo)**

“Eu me lembro como se fosse hoje, eu fazendo as pinturas naquele monte de saco de “náilon”. Todos nós brincando, se sujando, nos melando de tinta, aqueles são tempos que não voltam mais.

Nós estamos com a oportunidade de nos encontrarmos de novo, com uma grande amiga nossa: Carla Fatio, uma ótima artista plástica. Nós somos os mais sortudos, por ter lhe conhecido, naquele ano de 2000; parabéns por você ser assim; e obrigado “.



## Contação

Por que é importante contar esta história?

- Eles se organizaram na distribuição do espaço, e sortearam a utilização dos materiais; alguns se prontificaram em ajudar aos menores, com a produção das tintas.
- Não bastava chegar aquele tom, era necessário “repetir o procedimento”, para ter aquela cor em quantidade suficiente, para que outros a utilizassem.
- Era necessário ser um “experimentador incansável...” Não se falava muito; mas, “a sensação de confiança, de entrega, de prazer de fazer e experimentar, reinava, no ambiente”.
- As crianças “repartiam o chão sem brigas, sem discussões, sem sequer estragar o trabalho do outro”.





### **Análise do processo**

Verificava-se o desejo de aprender; valoriza-se a autenticidade, e o prazer de fazer. Tudo se tornava acessível ao desejo.

O ato tornou-se iminente.

A ação ocorre, e o desejo é satisfeito.

O processo referencial se instala. Há a percepção da interferência externa, como riqueza e não frustração.

Há a inclusão.

A autodesvalorização dá lugar ao pertencimento, a exploração de conceitos pessoais; ocupa seu espaço imaginário e físico de produção do conhecimento.

### **Memórias de JCS pelo olhar do hoje (exemplo atuando dentro no grupo)**

“Azul – essa cor azul sou eu antes, amarelo e laranja – essa cores são momentos mais importantes da minha vida com a Carla, e com todas as pessoas que amo”. **JCS**

\*





### **Análise do processo**

Verificava-se um resgate para si e para o outro. Houve uma completude de ações movidas pelo gestual da criação.

Houve a consciência, a percepção da construção do sentido; houve o processo instalado.

Não é mais o outro que me incomoda; mas, os próprios pensamentos.

Pode ser articulado o quê se gosta do que não se gosta.

A possibilidade do prazer, do conhecer, do prazer de fazer.

Poder se permitir explorar, com novos espaços de aprendizagem.

Trabalhar a observação, de si mesmo, e a escuta do outro.

Há um processo transferencial na rede de significações.





Contar os discursos

Por que é importante contar esta história?



### **Memórias de DÉLIA pelo olhar do hoje (exemplo com o grupo)**

“O meu tempo é uma escada, que vou subindo, subindo, subindo até encontrar o meu caminho certo; ou seja, ajudar a minha mãe, que desde quando eu nasci ela cuidou de mim, e é isso, que eu sou hoje. Graças a ela eu sou uma pessoa crescida, trabalho; não gosto de confusão, nem de me meter em coisas erradas. Eu aprendi muito com vc,, Carla, a BÊ, a AS; e muitas outras pessoas que me ensinaram.

“Exatamente alguns anos atrás, quando o meu pai nos abandonou, deixando todos nós pequenos, e minha mãe tendo que trabalhar para sustentar a todos sozinha; aí, começou a minha linha”. **DÉLIA**



### Observação do processo

A criança precisa do adulto para se autorizar. Sem essa concessão, ela não compreende o seu limite e o limite do outro. Seu mundo transcorre no aqui e agora, suas experiências são imediatas.

A experiência ocorre continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo da vida. (DEWEY: 1980:247).

Verificava-se uma possibilidade do jovem interagir com o presente e o futuro, na medida em que como criança concretizava seus desejos, ou abrandava suas ansiedades imediatas. Existia um determinado repertório cultural a ser explorado. Precisava de um adulto, no início, que autorizasse sua ação. Assimilava o conteúdo e passava a organizá-lo como estrutura, encontra a permissão de instalar sua autoria de pensamento, e passa a coordenar sua ação: Investe em si mesmo, trabalha o autoconceito.

Compreendemos que há diferentes formas de aprender, onde saber e conhecimento nem sempre estão alinhados. As crianças experienciam sensações de prazer e desprazer ao lidar com o novo. Quando o novo é prazeroso o prazer de saber se instala e o conhecimento se torna algo simples e acessível.



**Memórias de FMS pelo olhar do hoje (exemplo de outro participante do grupo)**

“Eu recordei o dia em que buscávamos um tecido muito grande, recordo que a parte que bordei do tecido era da cor vermelho e perguntei: Carla, eu posso bordar o meu nome? Daí foi respondido: “faça o que vier do seu coração”; então bordei com o pensamento de quando a Carla olhasse aquele tecido, lembrasse de mim; e, por muito tempo, eu senti saudades daquele dia, e ainda sinto; porque naquele tempo tudo era perfeito, tudo era muito bom, todos aqueles encontros me deixavam ansiosa, com expectativas e sensações que nunca tinha sentido; e adorava aquela camiseta com a borboleta. Uma vez, me disseram que a borboleta significava juventude, e isso tem sentido para mim porque eu cresci, fiquei mais velha; mas, meu coração e o sentimento daquele tempo, toda vez que recordo, não mudou. Ele ainda é jovem, e a Carla também, não mudou nem seu coração, sua juventude, a beleza interior e exterior”.

**FMS**

Por que é importante contar esta história?





**FIGURA 56** - FMS BORDANDO SOBRE TECIDO PARTILHADO COM + 7 CRIANÇAS

---





### **Análise do processo**

Verificava-se uma ligação, entre aquele que ensina e aquele que aprende; pela empatia o emissor e receptor se seduzem, e potencializam seus saberes: como necessidades de comunicação e pertencimento ao grupo.

O ambiente externo se modificava na construção do olhar; porque, na inicial, houve um resgate da apropriação de se compreender a “construir esse olhar”; e depois, introjetá-lo para as mudanças internas de percepção.

Um aspecto especial da percepção humana – que surge em idade muito precoce – é a percepção de objetos reais. (...) Por esse termo, eu entendo que o mundo não é visto, simplesmente, em cor e forma; mas, também, como um mundo com sentido e significado. (VIGOTSKI: 2000:44)

“Quem ensina pode também aprender; onde existe a possibilidade, em dados momentos, da mera observação, de estar apenas participando do processo, e deixar que as iniciativas afluam”.

(MAGALHÃES apud MALANGA: 2003:31)

Verificam-se a aprendizagem com os jovens adultos, não apenas na construção da criatividade, mas na humanização de nossos processos. Porque quando observamos o exercício para se relacionar palavras com a palavra “morada”, observamos que cada qual se colocou em sua experiência; e desvelou mudanças, como o próprio ícone do projeto: uma borboleta = transformação.

Contar os discursos

### Diálogos do grupo

#### Memórias individuais pelo olhar do hoje (exemplos diversos no grupo)

“É positivo porque foi assim que ganhei experiência de vida, aprendi a ser mais responsável, e dar mais valor ao que está ao meu redor.

Esse sentimento vem da mente e do coração.”

**DÉLIA**

“Ao pensarmos a palavra mudança logo vem em mente alguns sentimentos que nos vão transformando, e quando isso ocorre acabamos transmitimos para nós sensações ruins; e com isso, devemos ministrar estes sentimentos de modo que não prejudiquemos ao nosso próximo”. **AP**

“Mudança é transformar, mudar a rotina, fazer algo novo diferente, traçar novos caminhos, novos horizontes, rumos diferentes”. **BÊ**

“Tem coisas que eu tenho muito medo porque eu ainda não consegui superar isso, mas conseguirei”. **JCS**

Por que é importante contar esta história?



## Contar os discursos

“Nossa, mudou muitas coisas hoje, eu me sinto uma pessoa mais madura, crescida, graças a Deus, tenho minhas duas vidas; ou seja, meu filho que para mim é tudo de bom.” **JQ**

“A mudança tem a forma de uma bola/ círculo; pois, é um processo que não tem fim; e cada volta completa ocorrida na bola, é um novo sentido de conquista, angústia, e inquietação de conhecimento que nos é dado”. **AP**

Por que é importante contar esta história?

### Observação do processo

O caminho é compreender os significados das experiências; e com as mudanças, valorizar a autoria e participação em um determinado grupo, comunidade, etnia, etc. O grupo cresceu, e somou às próprias reproduções; o pensamento tornou-se o veículo projetivo de intenções em busca do novo.



### Análise parcial do processo



Em síntese, trouxemos as percepções construídas pelos relatos, oficinas práticas, e reflexões individuais (DÉLIA, ALÊ e BÊ) e em grupo; e passamos a pensar a experiência de forma temática. Desta maneira, indicamos, não só os históricos destas memórias, como passamos a percebê-las, aliadas aos sentimentos; apreciamos o exercício reflexivo de fazer a Arte, passando-a a ser impulsionada: por vínculos afetivos, e a ser inserida, culturalmente, em um espaço de se estar, integralmente e imerso.

Com a construção da “morada” ficou mais fácil visualizar esta experiência sensível.

E nessa estruturação, vamos posicioná-la, a partir do capítulo 3, no “diálogo” com um embasamento teórico-filosófico; ou seja, observadas as narrativas individuais, acima descritas, levamos em consideração, que é necessário validar os aspectos de como cada qual a sua maneira, se “apossa”, se coloca em pertencimento no espaço do Projeto iniciado, e hoje, se descreve em temáticas imbricadas.

No próximo capítulo, utilizaremos o pensamento de autores, por meio de diálogos, a cada um dos temas aqui sugeridos: o problema da experiência em si; o processo artístico e seu percurso técnico e poético; como o belo e autoria se fundem em fruição para o processo estético; Arte em projeto social no espaço da Vila Nova Jaguaré; o professor de Arte, este grande coadjuvante, que em fato, nunca houve

---





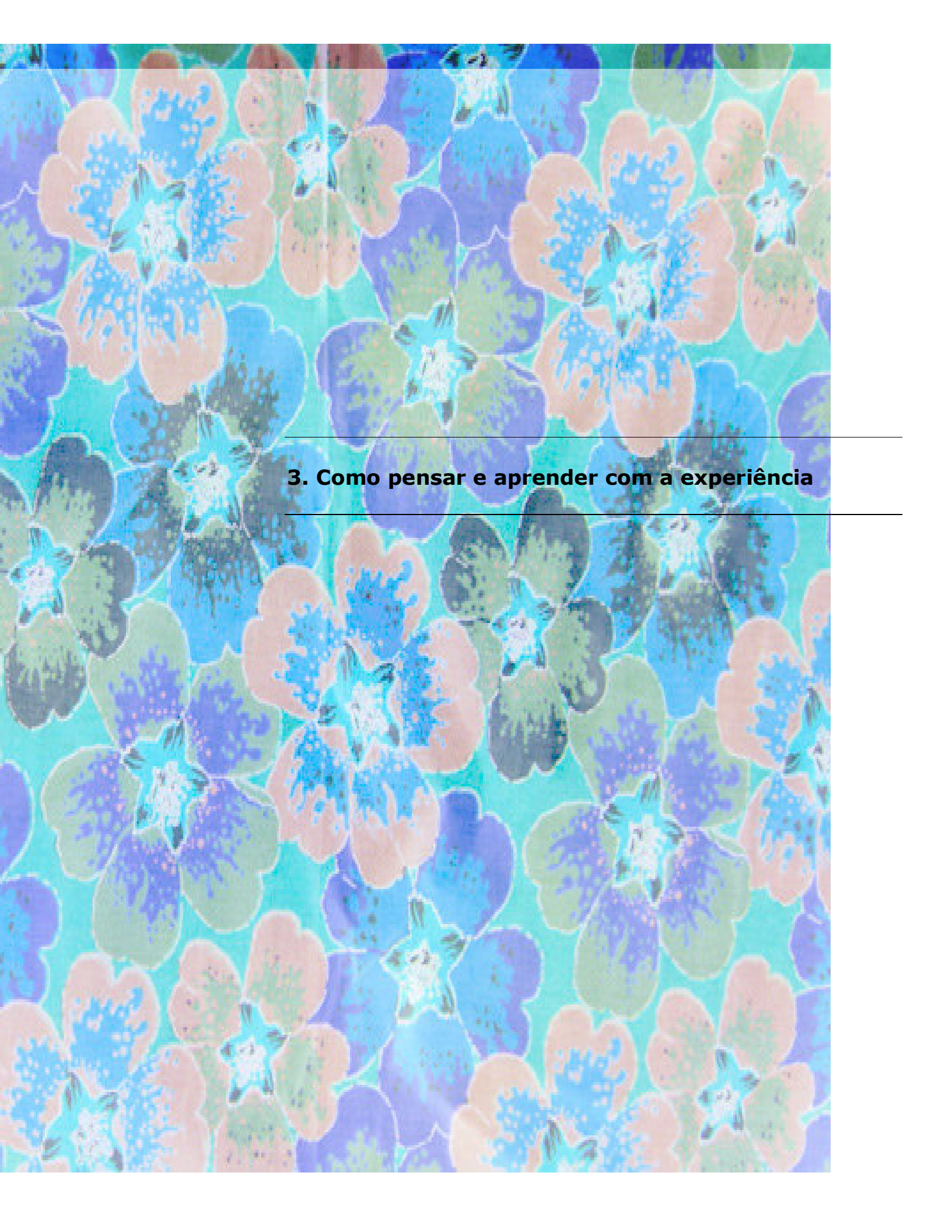
na terminologia da palavra, ao mesmo tempo em que muitos se transformaram em multiplicadores do fazer artístico; e a avaliação e crítica que cada qual acaba estabelecendo.



\*\*\*

Por que é importante contar esta história?





---

### **3. Como pensar e aprender com a experiência**

---

### **3. Como pensar e aprender com a experiência**

---

“A verdadeira paciência, associada sempre a autêntica esperança, caracteriza a atitude dos que sabem que, para fazer o impossível, é preciso torná-lo possível. E a melhor maneira de tornar o impossível possível é realizar o possível de hoje”. (FREIRE: 1987:61)

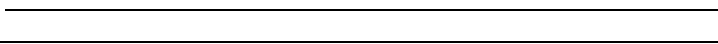
Quando este projeto foi instituído, em 1996, o nome nasceu sem nenhuma preocupação, nasceu também em uma roda, e pensei na simbologia do ícone, e a questão do mapeamento que tinha a intenção de registrar.



Em 2008, percebo a importância neste registro atual do nome "Iconografia de um Espaço: que possibilita a estes jovens também a refletirem sobre as identificações iconográficas, suas memórias e seus processos individuais e artísticos. Reorganizei, enquanto pesquisadora dessas ações, o processo de sentir cada fazer artístico, propiciando a cada integrante do grupo a manipular os materiais, de forma a se permitirem um ato contínuo de ir e vir nestas construções.

O foco, neste presente capítulo, é a reflexão com a construção desse sentido; e não apenas uma visão semiológica da produção; como observamos no capítulo anterior, com a prática nos Encontros; sendo que nos interessa neste momento, avaliar e pensar, concomitantemente, a questão também da linguagem das Artes Visuais, como forma de codificação, percepção, e expressão; valendo-se das leituras propiciadas no capítulo anterior, e nos mostrando, o caminho de como podemos aprender, com esta experiência.

\*





### 3.1 Problematização da experiência

---

O processo foi selecionado e formatado em categorias, que como diria Ana Mae Barbosa: "É o poder de selecionar, de incluir e de excluir. Organizamos nosso mundo com base em atributos comuns". (EFLAND, A. apud BARBOSA: 2005:235).<sup>iv</sup>

Estas categorias foram estabelecidas a partir da construção dos dados por cada integrante do grupo, e posteriormente, analisadas dentro dos temas que se apresentarão neste capítulo, como um processo contínuo e não fragmentado.

Estes dados construídos foram analisados com a ocorrência de dois processos simultâneos: 1) A questão do manuseio de materiais como valor no espaço co-habitado pelo grupo; 2) A transformação e ressignificação dos objetos elaborados, construídos e tornados reais por cada sujeito-autor em suas narrativas de histórias pessoais.



## A problematização da experiência

Esta forma de leitura a respeito das produções do grupo levou-me a distinguir categorias/temas e autores que ajudassem a pensar esta experiência.

O que esses autores, por exemplo, John Dewey, Jorge Larrosa, Paulo Freire, Vigotski, Merleau-Ponty, Moacir Gadotti, Ana Mae Barbosa, entre outros, falam e pensam a respeito da experiência que forma, que ensina que educa; e como podemos dar significado e dar sentido à produção. Autores que se tornaram conciliadores na aquisição de saberes em Arte, Arte-Educação, e em vida.

As disciplinas cursadas no Mestrado fortaleceram a questão da organização intelectual e de escrita.

Paulo Freire<sup>v</sup>, brasileiro, grande educador, desenvolveu um pensamento pedagógico sobre a forma de conduzir a Educação em um período de transição social, cultural e, principalmente, político; trabalhou também com a formação de professores. Ele afirma que a experiência nos ensina que nem tudo que é obvio é tão obvio quanto parece, porque:

Esta postura, em si mesma, implica muitas vezes mais às vezes menos, explicitamente, numa concepção de seres humanos e do mundo. E não poderá deixar de ser assim. É o que o processo de orientação dos seres humanos no mundo envolve não apenas a associação de imagens sensoriais,



## A problematização da experiência

como entre os animais; mas, sobretudo, pensamento e linguagem; envolve desejo, trabalho-ação transformador sobre o mundo, de que resulta o conhecimento do mundo transformado. (...) Assim entendida, a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade. (FREIRE: 1987:42)

As questões abordadas por Paulo Freire, como: associação de imagens, pensamento e linguagem, desejo, trabalho-ação, percepção crítica, entre outras, são abordadas, neste capítulo, como um fio condutor no processo de se aprender com a experiência não só por este autor; e também na ótica de outros pensadores. As interfaces: Arte, Psicologia, Educação, Filosofia, entre outras, são inúmeras se pensarmos em um processo inter e transdisciplinar, em que o sujeito vive sua experiência hoje, em pleno século XXI.

A Arte não é responsável por mudanças e por constituição dos sujeitos como um todo; mas tornar-se-á relevante para a mudança se associada a outros elementos constitutivos de autoria, percepção e inserção deste mesmo sujeito no mundo. Como Freire coloca: "A relação entre consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor". (1987:43)

Por que é importante contar esta história?



## A problematização da experiência

Valor que também passa a ser, neste processo de construção conjunta, possibilidade incrível de troca cooperada e não competitiva. Valor é o próprio processo de transformação que a experiência vem a nos propiciar. Como complementa Garcia em sua dissertação: "Somos seres em constantes transformações, que vivemos e que nos relacionamos da maneira as mais diversas possíveis e nessa relação/ação agimos uns sobre os outros e nos modificamos reciprocamente, a isso chamamos de experiência. (...)". (2008:177)

Nesta experiência objetivamos descrever este valor, e como a apreciação deste tipo de assimilação pela compreensão expõe diferentes vertentes do pensamento humano, e suas respectivas culturas sociais.

Esta é o tipo de experiência que encontramos no estudo de John Dewey<sup>vi</sup>; e que se potencializa na aprendizagem, porque foca seu objetivo momentâneo. A mesma ação ocorre quando desenvolvemos programas ou sistemas complexos em vários meios de produção de imagens ou narrativos, e/ou entre os resultados gerados por estes meios.

John Dewey, americano de nascimento (1859) seria uma das referências (aqui citadas) mais distante do nosso tempo atual em termos de tempo histórico: início do século XX, sendo que seu pensamento permanece mais contemporâneo do que nunca. Escreveu diversos livros; sua pesquisa foi sempre norteadada em cima da experiência do





## A problematização da experiência

sujeito, e as relações que o homem estabelece nesta construção. A ideia básica de seu pensamento sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno.

Como afirma Dewey: "O homem refaz o mundo pelo seu esforço. Presentemente, esse esforço ganhou tal expansão e tal intensidade que tudo está a se refazer com velocidade que nos custa, às vezes, perceber". (1980:134)

Não apenas percebemos o mundo; o construímos por meio de nossas elaborações cognitiva, sensorial e semiológica. De forma que as palavras são construídas e coladas em nossos códigos, que analisaremos na seqüência.

Palavras faladas, palavras escritas, palavras imaginadas, palavras que permitem comandos e ações próprias. Palavras que criam um Universo peculiar e próprio. Paulo Freire nos ajuda a contextualizar, e assim, diz que quando vai percebendo a solidariedade que há entre a linguagem-pensamento e a realidade, cuja transformação, ao exigir novas formas de compreensão, coloca-se também a necessidade de novas formas de expressão. (1987:24)

Observamos muitas palavras ensinadas e assimiladas, que no processo de experiência se colam em seus "sujeitos-autores", e depois, novamente, são descartadas na sociedade ocidental. De uma forma simples e clara, Freire coloca que uma palavra pode ter uma força especial em uma área, e não tê-la em outra, às vezes dentro de uma mesma cidade.

(1987:19)



## A problematização da experiência

Indicamos estes códigos de assimilação ao compararmos as ações executadas por DÉLIA, BÊ e ALÊ, e na seqüência, analisarmos suas respostas. Ao pensarmos em palavras; em imagens que se tornam palavras, símbolos e signos. Palavras que assumem seu território de inserção e respectiva mensagem de decodificação. Para Freire, dizer a palavra é um comportamento humano que envolve ação e reflexão. "Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, criar e recriar, de decidir, de optar". (1987:49)

Por que é importante contar esta história?



## A problematização da experiência

Vigotski<sup>vii</sup> reforça esse pensamento: “Uma palavra<sup>13</sup> nos fazia pensar em seu significado da mesma maneira que qualquer objeto nos faz lembrar-se de outro”. (2000:18). Porque temos uma mente que vê e lê simultaneamente. Temos um rápido poder de associação, sejam pela formação cultural e/ou exposições às diferentes leituras cotidianas, ou seja, pela forma com que somos alfabetizados.

A criança sente necessidade das palavras, e ao fazer perguntas, tenta ativamente aprender os signos vinculados aos objetos. Ela própria, inconscientemente, estabelece padrões para se autoavaliar e, concomitantemente, avaliar simbolicamente o mundo que a rodeia. Como diz Vigotski: “A palavra é para a criança uma propriedade do objeto, por um longo tempo, mais que um símbolo deste; que a criança capta a estrutura externa palavra-objeto mais cedo que a estrutura simbólica interna”. (2003:61)

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>13</sup> Vigotski coloca: Uma palavra que não representa uma idéia é uma coisa morta, da mesma forma que uma idéia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.



## A problematização da experiência

Ela (a criança) parece ter descoberto a função simbólica das palavras. “A fala, que na primeira fase era afetivo-conativa, passa a fase intelectual. As linhas da fala e do pensamento se encontram. Nesse ponto ata-se o “nó” do problema do pensamento e da linguagem”. É interessante observar, que Vigotski refere-se aqui à técnica do uso de “nós” em barbantes como artifício mnemônico entre os índios peruanos.

O uso de pedaços de madeira entalhada e nós<sup>14</sup>, a escrita primitiva e auxiliar mnemônicos simples demonstram, no seu conjunto, que mesmo nos estágios mais primitivos de desenvolvimento histórico os seres humanos foram além dos limites das funções psicológicas impostas pela natureza, evoluindo para uma organização nova, culturalmente elaborada, de seu comportamento. (...) Acreditamos que essas operações com signos são produto das condições específicas do desenvolvimento social. (2003:52).

Podemos pensar nesta questão de função simbólica das palavras, quando observamos as crianças pequenas nomeando seus desenhos após completá-los; elas têm necessidade de vê-los, antes de decidir o que eles são. Na medida em que as

Por que é importante contar esta história?



<sup>14</sup> VIGOTSKI refere-se aqui à técnica do uso de nós em barbantes como artifício mnemônico entre os índios peruanos. Não há referência bibliográfica no texto; porém a partir de outros manuscritos, parece que os exemplos foram retirados da obra de E.B. Taylor e Levy-Bruhl.



## A problematização da experiência

crianças se tornam mais velhas, elas adquirem a capacidade de decidir previamente o que vão desenhar.

Vigotski explica que “esse deslocamento temporal do processo de nomeação significa uma mudança na função da fala. Inicialmente a fala segue a ação, sendo provocada e dominada pela atividade, surge uma nova relação entre palavra e ação”. (2000:37).

Mesmo essas operações relativamente simples, como atar **nós** e marcar um pedaço de madeira com a finalidade de auxiliares mnemônicos, modificam a estrutura psicológica do processo de memória. Elas estendem a operação da memória para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo incorporar a ele estímulos artificiais ou outorgados, que chamamos de *signos*. (VIGOTSKI: 2003:52)

Os jovens da Vila Nova Jaguaré, claramente, se inseriram neste contexto semiológico de compreender suas memórias: como elas lhe faziam sentir, e o quê elas queriam dizer. Não apenas o que queriam dizer; e sim, as várias possibilidades de leitura, associação e interpretação que cada desenho, trabalho, palavra e fala, que se reproduziam, em seus âmagos. Porque esta, de certa forma, se tornou a maneira objetiva de dizer que cada um de nós executa uma operação simbólica de identificação (daquilo que ouvimos, escrevemos; etc.) para o terreno da compreensão e

Por que é importante contar esta história?



## A problematização da experiência

assimilação. Tudo isso nos conduziu aos processos, de se comunicar, e de se permitir a leitura entre trabalhos do grupo.

Como Vigotski contextualiza: "Por trás das palavras existe a gramática independente do pensamento, a sintaxe dos significados das palavras". (2003:160). Objetiva-se que é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. Continua: "É no significado que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala". (2003:05).

Porque ao problematizar a experiência, observamos que existe um sujeito consciente de suas ações e, posteriormente, um sujeito intérprete de sua inclusão, valorizando a própria autoria. Porque a linguagem simbólica, neste caso, passa a ser o centro do binômio ensino-aprendizagem; e o processo de ressignificação é contínuo; e se torna inerente a aprendizagem do humano.

Nesta pesquisa de campo valorizei o prazer de fazer, como um "sonhador de palavras"<sup>viii</sup>, por intermédio de atividades lúdicas, interativas e criativas; para a vivência da prática em oficinas de arte-educação, como foi demonstrado nos discursos analisados no capítulo anterior. No relato descrito do grupo observamos a composição da construção do objeto, mediado pela criatividade de cada um, somando ao prazer de executar o objeto estético, da melhor maneira possível. Por exemplo, ao construir elementos com arame e fios coloridos que se

Por que é importante contar esta história?



## A problematização da experiência

tornaram flores e árvores para o cenário, fomentou-se a aprendizagem e a observação desta aprendizagem, neste sujeito que se autoriza a aprender com suas próprias ferramentas, e se molda pelos seus valores e gostos pessoais.

A soma de tudo isso: palavra e imagem como matérias primas compõe um "cenário" de objetos estéticos com alto valor significativo; lembrando do resultado alcançado pelo grupo, com a construção de uma única morada, em um cenário elaborado poética e artisticamente.

Privilegia-se o conceito que existe no campo da Arte sobre o objeto artístico, aquele que foi criado, executado com esta intenção. Vigotski nos explica a questão que a formação de conceitos. Passa a ser o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou as tendências dominantes. Ele afirma que: "Todas são indispensáveis, porém, insuficientes sem o uso do *signo*, ou *palavra*, como meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema". (2003:73)

Por que é importante contar esta história?



## A problematização da experiência

E acrescenta que na "formação de conceitos, esse signo é a palavra, que em princípio tem o papel de meio de formação de conceito, e posteriormente, torna-se seu símbolo". (VIGOTSKI: 2003:70)

Além da questão de se problematizar a experiência, é importante ressaltar alguns aspectos que compõe esta pesquisa enquanto elementos combinatórios para as análises de autores e narrativas.

Temos o cenário, temos a composição estética; e para falarmos de experiência ou processo artístico é necessário situarmos quem é este sujeito que aprende; como aprende, e porque aprende.

Ao analisar este sujeito que assim age, cria e reflete sobre sua criação, designamos enquanto pesquisa um novo termo: "sujeito-autor". Quem aprende é este sujeito-autor.

Como aprende? O "sujeito-autor", de nada se valerá, se este grupo social do qual interage não passar a compreender também o sentido da narração e o significado nela contidos.

Por que aprende? Estamos falando da construção de autoria de texto por esse sujeito, porque há a finalidade de torná-lo visível, argumentativo, intencional, identificável, com o conhecimento das regras textuais, e controláveis. Porque enquanto "sujeito-autor" ele se reconhece em sua realidade interna, ao mesmo tempo em que se relaciona com a externa, e parte para a construção de sua identidade autora. Aquela certa poética de liberdade, e expressividade que a Arte em si





## A problematização da experiência

propicia como forma de desvelamento e fruição em sua visão mais ampla.

E como é essa experiência? Simbólica, real? Como diz Larrosa<sup>ix</sup> (2005:66): A experiência é o que nos passa e o modo como nos colocamos em jogo, nós mesmos, no que passa conosco. A experiência nasce em nós. Somos nós que a vivemos e a autenticamos. E Larrosa (2005:67) complementa: A experiência é um passo, uma passagem, contém o "ex" do exterior, do exílio, do estranho, do êxtase. Contém o "per" de percurso, do "passar através", da viagem, de uma viagem na qual o sujeito se prova e se ensaia a si mesmo. E não sem risco: no "experim" está o *periri*, o *periculum*, o perigo.

Por que é importante contar esta história?





## 3.2 A valorização do processo artístico

---

O próprio processo artístico é uma experiência. Há várias experiências contidas nesta aprendizagem. Cada experiência torna-se uma base de codificação. Esta base possui categorias que nos auxiliam a estruturar melhor a compreensão a respeito do todo.

Com a experiência refletimos sobre as leituras de palavras e imagens; a língua, linguagem; com a construção de processos artísticos, de sentidos e respectivas análises.

De forma que lemos, observamos, analisamos cada leitura que se fez presente nos discursos de DÉLIA, BÊ, e ALÊ. Poderíamos singularizá-los, e compreender como cada qual se colocou. E agiu diante de seu fazer. Antes do ato de ação deste fazer houve por parte do sujeito uma releitura do



## A valorização do processo artístico

comando sobre aquilo que lhe era solicitado a refletir e criar. Este sujeito ouve, pensa e age sobre o trabalho proposto.

Ao trabalhar em seu mundo de idéias transcodifica a questão, e refaz uma releitura criativa de como será sua resposta sobre o objeto a ser criado e/ou ação proposta. Assim, dentro do processo artístico precisamos compreender a leitura, e qual são seus mecanismos de atuação.

Temos a leitura que se atribui significados. O artista necessita de uma interface poética, e a Arte propicia esse campo subjetivo de liberdade. Porque a Arte permite estas ações e relações. E principalmente nos dias atuais, que por questões virtuais, o processo tecnológico nos propicia novas situações por sistemas que evoluem e nos proporcionam diferentes e "rápidas" leituras. Schopenhauer<sup>x</sup> complementa esta relação: "A obra de arte é somente um meio de facilitar este conhecimento em que consiste aquele prazer. (...) O artista nos permiti contemplar o mundo por seus olhos." E valoriza: "que este artista seja capaz de nos ceder este dom, de nos emprestar seus olhos, esta é a parcela adquirida, o técnico, da Arte." (1980:25)

Aprender com o processo é um passo. Devemos compreender que o contexto em que estes jovens executam a leitura ou releitura artística é muito peculiar. Para entendermos não basta ver, precisam-se ter códigos que os auxiliam a fruição e a comunicação dos mesmos. Este olhar precisa ter sido formado, orientado; e isto, nos facilitam em parte esta questão. Por exemplo, ao enrolar um canudinho de

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

jornal para a construção das paredes da “morada” há muitos significados implícitos neste manuseio.

Há as memórias de aprendizagem do Projeto Iconografia de um Espaço. Como? Eles estão executando ações artísticas a respeito de memórias de aprendizagem, de afeto; releituras de como faziam, e como querem, no momento presente, refazer e o porquê deste refazer.

Ações intersubjetivas, ou seja, ações criadas no intangível, e que ao pô-las em execução tornam-se concretas, no mundo real. E por sua vez, estabelecem relações, que ao se pôr em prática uma idéia, esta suscita mais idéias<sup>15</sup>, e assim, concomitantemente.

Observamos como ALÊ estabelece, metaforicamente, relações com o tempo:

*O tempo é uma forma de condução que temos para poder ir onde nós precisamos ir.*

*O tempo nos dá portas abertas, para seguir em frente e fazer que nos dá vontade.*

*O tempo é o passaporte da nossa existência.*

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>15</sup> Vigotski afirma que as idéias passam por muitas transformações na medida em que se transformam em linguagem. Elas não apenas encontram expressão na fala, mas nela tornam-se reais e adquirem forma.



A valorização do processo artístico

*E o tempo, quem nos dá tempo, de ter tempo,  
de fazer tudo que temos tempo.  
O tempo perguntou pro tempo: qual é o tempo  
que o tempo tem?  
O tempo respondeu pro tempo, que não tem  
tempo de ter tempo para responder pro tempo,  
Que o tempo que o tempo tem, é o tempo que a  
gente tem.*

ALÊ<sup>16</sup>

A poesia acima escrita por ALÊ, por exemplo, nos faz perceber que quando a pessoa estabelece uma identificação em nível afetivo, sensorial ou emotivo com a ação na qual está envolvida, enquanto “buscadora” de suas inquietações internas, ela se entrega ao prazer de fazer, ou pela curiosidade do experimentar. O tempo, aqui explicitado por ALÊ, é a própria metáfora de não se permitir esquecer o belo e a boniteza suscitados no processo artístico. Há toda uma questão filosófica em relação à percepção, estética e ao belo, que com acuidade trataremos neste capítulo.

O importante é compreender que tanto a cultura como a educação não apuram apenas a sensibilidade e o gosto estético; mas, formam cada indivíduo em seu potencial de percepção estética. Para que haja uma fruição deste sujeito sobre o objeto artístico é fundamental que este mesmo sujeito tenha tido vivências artísticas; que o nortearam em sua busca

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>16</sup> ALÊ é um dos sujeitos analisados no capítulo 2. Mostramos que este mesmo sujeito estabelece uma espécie de temporalidade de estar no projeto novamente; e brinca, conceitualmente, com esta possibilidade.



## A valorização do processo artístico

apreciativa pela Arte; e assim, formou a cada experiência um vocabulário próprio, de senso comum, a esta apreciação estética. E há mais um dado a se somar a esta possibilidade de se expor esteticamente: é o tanto quanto cada sujeito se percebe neste quadro sensorial, o quanto de si está realmente envolvido, e o quanto realmente quer ser parte de algo valorado pela Arte.

Com todo este conjunto de ações o sujeito passa a construir um interesse artístico, perceptivo e sensorial em relação a um objeto em questão; e isso, o estimula, mais e mais, a criar e a se tornar parte desta criação.

O próprio Umberto Eco (1991) escreveu sobre a questão da "Obra Aberta", em que qual cada vê o quer, com leituras diferentes. "Uma obra vai trazendo idéias para a outra". No caso das Artes Visuais, vivenciamos um *insight*, um processo sem julgamento, também, na inicial; com várias idéias gerando novas formas e, concomitantemente, um projeto a ser construído. Este que pode ser um objeto, uma *performance*, uma integração de linguagens; que nos traz uma poética, uma estética, uma fruição deste sentido construído e tornado tangível. Quando se torna tangível, torna-se alvo de crítica, porque deixou de habitar o mundo das idéias daquele sujeito e passou a "habitar" também o mundo do outro.

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

E quando pensamos nesta questão de “habitar” o mundo do outro além do nosso próprio, Jorge Larrosa, como mencionamos anteriormente, é outro autor com quem dialogamos em algumas passagens. Espanhol, sua pesquisa tem uma peculiaridade de observar como as palavras se “colam” em ações que as pessoas geram.

Larrosa coloca que na área de Leitura, que esta experiência conversa com palavras, e na área de Artes Visuais conversa com as imagens. E que existe uma relação para se compreender como estes diálogos entre as palavras e as imagens interagem: pela língua. Algo mais amplo, a construção conjunta da língua que escreve; que escuta; que pensa junto. *“Uma lengua que nos permita compartir com otros la incómoda perplejidad que nos causa la pregunta, qué hacer? O las infinitas dudas y cautelas com las que hacemos lo que hacemos”.* (2005:33)

Não é apenas a Língua falada em diferentes dialetos, aquela que comunica uma mensagem para ser decodificada; e sim, a língua também construída pelo sentido que tem à vida; como maneira de se exprimir conceitualmente um valor.

Ao fazer (ato de fazer e/ou executar) propõe-se em nós mesmos a ação. Esta ação está impregnada do desejo de se tornar real. E ao se tornar real, torna-se afetivo por ser de nossa autoria. É, portanto através da sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiada. Freire reafirma: “conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter



## A valorização do processo artístico

condições objetivas ou o pleno exercício da maneira humana de existir". (1983:17)

É como Larrosa coloca: "é uma língua que nos permite viver o mundo, fazer a experiência deste mundo". De uma forma simples, é nosso diálogo com o mundo, com o outro.

A experiência na vida de cada jovem do Projeto Iconografia de um Espaço mostra-se carregado de significados e expectativas. Este sentir o quê se passa, e compreender este sentir, enriquece esta experiência. Ao valorizar o momento presente, dentro da experiência, atribui-se um valor de prazer ao resgatar as memórias; e estas por sua vez, retornam ao sentir deste sujeito e se potencializam no desejo de ali ficarem cristalizadas, no objeto construído artisticamente. Falamos da experiência pela humanidade da língua: *A lo mejor lo que necesitamos no es una lengua que nos permita objetivar el mundo, una lengua que nos dé la verdad de lo que son las cosas, sino una lengua que nos permita vivir en el mundo, hacer la "experiencia del mundo", y elaborar con otros el sentido (o el sin-sentido) de lo que nos pasa.* (2005:32)

Há diferentes autores com diferentes versões a respeito dos conceitos de linguagem, língua, fala e signo lingüístico. Estes, historicamente, foram primeiramente sistematizados por Saussure (1970) em 1916. Saussure diz que a linguagem é "formada pela língua e fala". É uma visão da Semiologia; e que se torna necessária de se explicar em sua base histórica; porque a língua para este autor é "o aspecto social da

Por que é importante contar esta história?





## A valorização do processo artístico

linguagem, já que é compartilhada por todos os falantes de uma comunidade (...)". (GOLDFELD: 2000:17). Lembrando que, estamos falando de um projeto contextualizado, em um meio social peculiar, cuja história nos auxilia no embasamento da construção destas categorias.

Vigotski, contrariando também o conceito de Saussure, diz que a relação entre significado e significante não é estável, estática. "O significado difere no decorrer do desenvolvimento do indivíduo". (GOLDFELD apud VIGOTSKI: 2000:37).

A linguagem promove modificações estruturais, porque coordena (organiza, sintetiza) nossos comportamentos; e ao relatá-los, contribui para que eles se modifiquem.

As interações (os encontros) deflagram mudanças nos sistemas vivos: são as coordenações. A linguagem coordena e relata essas coordenações – ela é a coordenação das coordenações; e nessa ótica, compreenderemos a historicidade humana. (GOLDFELD apud VIGOTSKI: 2000:37). Conseqüentemente, avaliamos a análise de discurso verbal e imagético, no processo da observação da aprendizagem nesta pesquisa.

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

Interessante observar que para Vigotski<sup>17</sup> o sistema de aquisição da linguagem no sujeito não se modifica; mas, se aprimora conforme sua alfabetização "(...) A aquisição da linguagem para este autor não termina quando a criança pode dominar as estruturas lingüísticas, já que os significados continuam evoluindo". (2000:23). Para Vigotski a função inicial da linguagem é comunicativa; é ser um meio de expressão e compreensão. Na verdade a linguagem combina a função comunicativa com a do pensamento. Assim ela, como instrumento de mediação, é orientada, ao mesmo tempo, para dentro do sujeito e para fora do mesmo.

Quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc. (ORLANDI: 2005:62) Este autor se aprofundou nos estudos da Análise do Discurso Verbal, que é mais elaborado na área de Letras. Como estamos construindo uma reflexão conjunta transdisciplinar, é importante esclarecer que: o meio a ser analisado é a área de Ensino e Aprendizagem dentro do campo das Artes; e que esta por sua vez, se submete a grande área de estudo de Humanas. Portanto, estamos em uma rede interdisciplinar, para verificar conceitos e hipóteses pertinentes

---

<sup>17</sup> Vigotski estudou (juntamente com Leontiev e Luria) a relação entre pensamento e linguagem, chegando a conclusões de que o desenvolvimento da fala e do pensamento não são processos paralelos, e que existem pontos de conexão entre ambos, transformando a fala em racional e o pensamento em verbal.



## A valorização do processo artístico

à aprendizagem de um grupo de jovens, submetidos às experiências da Arte em suas narrativas específicas, e direcionadas a um momento destas trajetórias.

Por exemplo, “a obra de arte é sempre uma provocação, uma experiência incompleta, daí, sua abertura que leva o receptor a uma tendência de complemento. Há no espectador o surgimento de uma crise, provocada pelo discurso artístico. Esta crise origina uma emoção. Crise e emoção são resolvidas pelo próprio discurso”<sup>xi</sup>. (MALANGA: 1985:30-31).

Orlandi vai consolidando aspectos conceituais para nos conscientizarmos do valor de cada discurso, que está atrelado às idéias e ao processo artístico: “(...) Falamos a mesma língua; mas, falamos de formas diferentes. Se assim é, o dispositivo que ele constrói deve ser capaz de mostrar isso, de lidar com isso. Esse dispositivo deve poder levar em conta ideologia e inconsciente, assim considerados”. (2005:63). E na ótica de Larrosa este coloca a língua como diálogo, “é o instrumento que permite ao indivíduo receber a ideologia de sua comunidade e também lhe permite atuar nessa comunidade interagindo e expondo suas idéias”. (2000:20).

Larrosa (2005:37) se coloca diante destes falantes e explica: *La lengua de la experiencia no sólo lleva la marca del hablante, sino también la del oyente, la del lector, la del destinatario siempre desconocido de nuestras palabras y de nuestros pensamientos.*



## A valorização do processo artístico

Após a ampliação do vocabulário, que de forma muito rápida vai aumentando, palavras vão ganhando o lugar dos objetos; e assim, substituindo pessoas, ações, desejos. Por exemplo: a criança nesta fase conhece palavras, e as aprende por intermédio da fala das pessoas. Um pouco mais velhas, a situação muda.

Sabemos que a verdade do mundo não se encontra só no "homem interior", pois este só existe porque pode ser dicotomizado do mundo "em" e "com" o qual se fala. (FREIRE: 1983:59)

Há as leituras; as palavras de seus autores que compõe essas leituras; há o signo que nos traz o significado e a construção desse sentido. Não iremos nos aprofundar nesta questão do signo, visto que não é o foco presente da análise central; e sim, apenas indicar pontos de convergência com esta pesquisa.

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

Mesmo em idade escolar, o uso funcional de um novo signo é precedido por um período de domínio da estrutura externa do signo. Da mesma forma, somente para operar com palavras que foram, primeiramente, concebidas como propriedades dos objetos, é que a criança consolida a sua função como signos. (2003:62). E nesta ótica, Vigotski<sup>18</sup> (2000:33) reafirma que, antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. “A criação dessas formas, caracteristicamente humanas de comportamento, produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos”.

Poderíamos lembrar a experiência de ALÊ ao observar que a cor da tinta látex (já seca) mudava a aparência do trabalho no dia seguinte; e pela sua gestualidade, sobre o filme de fotolito, reconheceria desta maneira seu trabalho. Vigotski traz em sua trajetória pesquisada reflexões com relação cognitiva a construção desta palavra. “A relação entre o pensamento e a palavra é um “processo vivo”; o

Por que é importante contar esta história?




---

<sup>18</sup> O método de pesquisa de Vigotski parte de uma abordagem materialista-dialética da análise da história humana, considerando que o desenvolvimento dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral.



## A valorização do processo artístico

pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece na sombra". (2003:190).

Em síntese, é o que vemos no espaço do projeto executado na favela: os elementos mediadores favorecem a compreensão do processo artístico, dentro da história de cada sujeito. Porque o sentido depende da história deste indivíduo, e do contexto; no qual, o diálogo ocorre, ele não preexiste. Assim, Vigotski<sup>19</sup> também introduz a noção do sentido. Afirma que o sentido é um aspecto particular do signo por ser formado com base nas relações interpessoais vivenciadas, pelo indivíduo e da sua história.

Após compreender a leitura, e as palavras que nos dão significados, a língua e a respectiva linguagem, vamos dialogar, sobre o espaço ocupado por estes jovens no desenvolver de suas habilidades artísticas. Este espaço que possui ressonâncias em todos os campos da construção do conhecimento: espaço afetivo, cognitivo, social, cultural, social, político e/ou porque não, um espaço também corpóreo.

Por que é importante contar esta história?




---

<sup>19</sup> Para Vigotski, um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual.



## A valorização do processo artístico

Por que é importante contar esta história?



Para esta compreensão, na inicial, é importante ressaltar que o espaço dentro deste Projeto sócio-cultural foi orientado por uma artista plástica, (eu) como interprete imagética de suas leituras.

Facilitou-se um processo reflexivo de sentir e compreender a experiência da própria pesquisa e, simultaneamente, conciliar pensamentos com ações e re-ações diversas, valorando a interação coletiva no ato de criar. Com esta oportunidade construída com o grupo, faz-se, espontaneamente, a produção do objeto, como o próprio criador sugere: o acolhimento, o manuseio, a transferência deste sentido.

Um processo simbólico de fruição e espontaneidade. De maneira que a espontaneidade torna-se uma ação livre, liberada pela vontade do sujeito em fazer e criar. É importante que este sujeito, apesar de ser orientado em suas ações de produção, possa vir a sentir esta liberdade de criar. Porque liberdade de criar não é um espaço tangível; algo sentido, valorado, corporificado a este sujeito-autor.

Para Schopenhauer em "O mundo como vontade e representação" (1980) este é um estado; um estado em que é a exigência para o conhecimento da idéia, "como contemplação pura, dissolução na intuição, perda no objeto, esquecimento de toda a individualidade, supressão do modo do conhecimento, submetido ao princípio da razão". (1980:26) Este



## A valorização do processo artístico

filósofo tem um conceito próprio da Arte: em sua ótica o campo das idéias vem primeiro do que o principio da razão. E se precisasse resumir sua teoria, seria em uma determinada questão: "são as idéias que constituem a objetividade imediata e adequada da coisa em si, da vontade?" E na seqüência, ele próprio responderia: " É a Arte, a obra do gênio. Ela produz as idéias eternas, apreendidas mediante pura contemplação, o essencial e permanente de todos os fenômenos do mundo, e conforme a matéria em que ela (Arte) reproduz, se constitui em artes plásticas, poesia ou música".

Schopenhauer nos fala deste mundo das idéias ligado ao desejo: ao querer. Muito deste querer observaremos no processo destes jovens da Vila Nova Jaguaré. "Todo querer se origina da necessidade, portanto, da carência, do sofrimento. A satisfação lhe põe um termo: mas, para cada desejo satisfeito, dez permanecem irrealizados. Além disso, o desejo é duradouro, as exigências se prolongam ao infinito; a satisfação é curta e de medida escassa". (1980:26)

Observamos que este desejo de fazer no primeiro instante, é isento de reflexão, é um instinto. No segundo instante, o desejo vai se formando; se tornando forma pelas mãos do criador (aquele que cria); e, começa a surgir a autocrítica em relação à construção do objeto. O sujeito pode ou não avançar em sua maneira de dar forma ao seu objeto, dependendo do grau em que esta autocrítica se instale em seu mundo da razão. Porque Schopenhauer coloca sua ótica de ver





## A valorização do processo artístico

e perceber este objeto em relação à Arte: "(A Arte) Arranca do curso dos acontecimentos do mundo o objeto de sua contemplação, isolando-o frente a si: e este algo individual, que era parte, imensamente pequena, naquela torrente, torna-se seu representante do todo, um equivalente no tempo e no espaço: permanece neste individual, detém a roda do tempo, as relações desaparecem para ela, somente o essencial, a idéia, é seu objeto." (1980:17)

O desejo é fundamental para o processo artístico; elabora o estímulo de permanência, e produz uma espécie de força motriz ao sujeito que tem a vontade de criar. Por isso, é necessário explicar que neste contexto de se dizer esta experiência, os valores que moldaram estes sujeitos, que os transformaram, e que lhes foram ensinados pela família, pela escola, pelo meio social, os auxiliaram a emergir mais conscientes sobre a questão de limites; e com as possibilidades de se fortalecer pelo afeto, no sentido de serem afetados e se afetarem com o processo, e com o contexto. Este desejo é simples, e direto.

Existe um desejo de querer sempre mais: é o desejo de consumo. Um desejo que entra pelos meios de comunicação, e explora cada espectador e leitor. Porque existe a constituição de uma sociedade cada vez mais fragmentada, e que se impõe vertiginosamente, pelo desejo e por esse consumo exacerbado, àqueles que têm e, principalmente, a aqueles que não possuem posses materiais. Que dialoga com o pensamento de Canclini exposto por Seixas<sup>xii</sup>: "É nesse jogo

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

entre desejos e estruturas que as mercadorias e o consumo servem também para ordenar politicamente cada sociedade. O consumo é um processo em que desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados. (...)” (SEIXAS: 2006:193 apud CANCLINI: 2005:65)

O desejo de produção nos importa neste afetar, e não tanto o desejo de aquisição. Apesar de que este sujeito, aqui constituído, passa a perceber a oportunidade de realizar Arte como um “passaporte” ou sobrepassagem, como diria Freire; para um mundo do qual sonha em ter acesso, e ao conquistá-la em seu desejo de criar, passa a se autorizar a este pertencimento subjetivo, e emocional. Simbolicamente, se fortalece nesta ilusão. Por não ter acessos financeiros, a Arte torna-se conciliatória no sentido de trazer um diferencial ao seu cotidiano, e que falaremos desta “boniteza”, na seqüência deste item.

Nesta experiência iconográfica, artística, ao analisar a construção dos dados observamos as ações desses sujeitos em duas visões: a primeira, que ao instigar esse sujeito a potencializar seus saberes que permeavam o pensamento coletivo, tornando-se autor de suas ações, nomeado como “sujeito-autor”; e pelo viés, desta construção simbólica, as virtudes individuais foram assimiladas pelo grupo, fortalecendo-os e transformando-se em linguagem pessoal à

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

construção da “morada” coletiva; como vimos ao final do capítulo 2.

Parte-se do princípio, que dentro da experiência coletiva, há a diversidade; e como é importante compreender esta diversidade como fator positivo. Sendo assim, é um desafio para que cada observador e pesquisador (envolvidos na trajetória em que estão relatando simultaneamente as histórias de vida de seus pesquisados) possam precisar perceber e construir. Porque existe a diversidade, e existe o contexto. Dentro de cada sujeito há um pensamento, um desejo, uma ação para que estes se realizem. Quando trabalhamos no coletivo, os desejos são muitos, e dependem da habilidade daquele que os conduz; não devemos tratá-los como conflitos, por serem diferentes entre si; e valorar a diferença para que cada integrante compreenda e some suas habilidades, como potenciais diferenciados. Surgem espontaneamente virtudes neste contexto sócio-cultural, que passam também a ser valoradas.

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

Por que é importante contar esta história?



Nasce também um espaço corpóreo, a elaboração de um sentir. Uma construção de sensações que perpassam pelo nosso processo artístico. Quando exercitamos a prática ou o conceito em Arte, há uma construção de sensações corpóreas no simples ato de pensar e do executar o objeto artístico. É como se nos permitíssemos incondicionalmente à aventura do desconhecido, de lidar no mundo racional com possibilidades que são difíceis de mensurar. Fluxos de incertezas e habilidades técnicas se misturam em nosso mundo das “idéias”, provocando o nosso “senso comum” para o ato da criação. Porque o desejo imediato é habitar na incerteza ao mesmo tempo em que nos dá o impulso para avançar neste desconhecido que nos amedronta. Assim, no dizer do próprio Larrosa, “a dignidade e a legitimidade da experiência”, compreendendo também que para esse autor, é preciso conceber a palavra experiência com amplitude e precisão. Vivemos uma dicotomia entre negar a razão e aceitar a emoção. E não se trata aqui de idealizar as possibilidades da Arte, em um senso contemplativo, e trazê-la a um patamar acessível de uso.

Larrosa nos ajuda a pensar e elaborar esta palavra como forma própria, com vida, com relações. Ele diz: *Hablar (o escribir) em nombre propio significa abandonar la seguridad de cualquier posición enunciativa para exponerse en la inseguridad de las propias palabras, em la incertidumbre de*



A valorização do processo artístico

*los pensamientos.* (2005:37) Estas relações na ótica da professora Dra. Luiza Christov<sup>xiii</sup> precisam de seis cuidados:

1. Não objetivar, não fazer da experiência uma coisa, não fazê-la previsível e fabricada;
2. Tirar da experiência toda pretensão de autoridade, de dogma;
3. Distinguir experiência de prática e pensá-la a partir da paixão, da receptividade, da abertura do sujeito da e na experiência;
4. Evitar transformar a experiência em um conceito para não confundi-la com algo que pretende determinar o real, mas que pode abrir o real. Como palavra, ela pode ser o que é e mais outra coisa, e mais outra. Sem a pretensão que cerca o conceito de ser uma só leitura do real;
5. Evitar transformar a experiência em um fetiche, um imperativo atrás dos quais todos devam correr para nele se enquadrar;
6. Utilizar a palavra experiência com precisão evitando que tudo possa ser entendido como experiência.

(CHRISTOV, L. apud LARROSA: 2003).

Esses conceitos são exatamente o que esta pesquisa mostra ao leitor: na essência de se buscar não formulas; mas, as possibilidades de trazer a Arte, enquanto experiência, a um reconhecimento e integração sócio-cultural, autenticando cada autoria em sua busca de qualidade de vida, não apenas para si mesmo; principalmente, a uma linguagem inter e transdisciplinar que envolve o outro, a comunidade, um todo. Porque, Larossa (2005), complementa: *Además, se trata de*



## A valorização do processo artístico

*hablar (o de escribir), tal vez de pensar, em dirección a alguien.* Este alguém é o outro que está fora de si. Justamente é o outro que nos permiti estabelecer relações sociais, afetivas, cognitivas, culturais, estéticas, entre outras relações.

Paulo Freire não podia deixar de se interessar também por essas inquietudes; e trouxe em cima desta ótica conciliatória as implicações e reações deste homem que faz o seu mundo. “Essa relação homem-realidade, homem-mundo implica a transformação do mundo, cujo produto por sua vez condiciona a ambas: ação e reflexão”. (1983:17) Não devemos, portanto, banalizar como simples desejo de consumo; e sim, construir um novo paradigma de se ver, sentir e ser parte desta Arte que se torna mais acessível, mais utilizável, e menos contemplativa de si mesma. Porque a Arte é mais do que fazer e criar. É como se nos ocupássemos de “instantes”, que somados vão dando sentido e vida às experiências; só percebemos a experiência “sentida e vivida” depois de um tempo, porque, concomitantemente, a nossa nova descoberta de sentir aquela experiência e reaplicá-la em outra ação; ou no momento em que a dor e o desejo nos afrontam, poder se dar e permitir à autenticidade da ação livre em nós da forma que queiramos expressar; ou que seja, apenas para transformar nosso entorno em melhor acesso visual à nos próprios.

Por que é importante contar esta história?



## A valorização do processo artístico

De uma forma simbólica, o trabalho cresceu em conjunto, em encontros com o grupo, pela construção de “objetos artísticos”, produto da interação e comunicação entre todos nós. De maneira que esses objetos artísticos fossem registrados e documentados de forma sistematizada.

Houve um diálogo entre o objeto, o sujeito-autor e seu “ser-estar” no tempo, que chamamos de memória. Porque ao se permitir percorrer caminhos da Arte, há técnicas artísticas que se acumulam em vivências; e estas vão aos poucos gerando “marcas diferenciadas” em nossos desejos, em nossos atos de criação e produção. Por exemplo, ALÊ<sup>20</sup> trabalhava para si mesmo, apesar de estar no grupo, por isso, foi-lhe único e certo reconhecer seu trabalho sobre aqueles fotolitos pintados. Era seu gesto que estava ali, era sua caligrafia pessoal. Como enfatiza Larossa: *Además, no queremos hablar para todos, porque sabemos que ese todos es, em realidade nadie. (...) Sabemos que hablar y rscribir, escuchar y leer, sólo son posibles por uno mismo, com otros peo por uno mismo, em primera persona, em nombre próprio. (...) (2005:34).*

Por que é importante contar esta história?




---

<sup>20</sup> Continuamos a adotar esta metodologia quando a pesquisa se referir um dos integrantes do processo de pesquisa mesmo com autorização de uso, como forma de preservar sua identidade. ALÊ é um dos três sujeitos analisados no capítulo 2.



## A valorização do processo artístico

Ao longo de todo o processo das “oficinas criativas”<sup>xiv</sup>, observei a dificuldade que as pessoas têm em construir uma imagem subjetiva; talvez seja a autocrítica, ou talvez apenas a falta de permissão para se “soltarem” em suas gestualidades, ou mesmo, a ausência de se sentirem “livres”. É sempre ambíguo o significado quando nos comprometemos a compreender os outros. Como diria Merleau-Ponty<sup>xv</sup>(2002:64-65) “o que é ambíguo é a condição humana”.

As análises dos resultados das leituras construídas pelas histórias narradas e pelos respectivos desenhos mostram como estes discursos desvelaram fruições e transformações identitárias. E vão além, projetam processos para outros campos de pesquisa inter e transdisciplinar na Arte e na Educação, como por exemplo, esse depoimento de BÊ sobre o processo artístico:

“Eu pintei o inicio de um trabalho com adolescentes onde eu percebia a alegria, euforia com que eles participavam daquele trabalho. O colorido mais forte e onde, os adolescentes começavam a perceber a importância daquele trabalho onde eles se deixavam se envolver pela arte de fazer com o coração, e o de colher sucatas, para construir alguma obra de arte nas linhas que fui preenchendo. Cada vez mais forte, e nos momentos em que eu percebia que eles descobriam a arte que eles criavam com sucatas, eu pessoalmente, me animava e os incentivava para eles crescerem cada vez mais”. BÊ<sup>21</sup>

Por que é importante contar esta história?



<sup>21</sup> Continuamos a adotar esta metodologia quando a pesquisa se referir um dos integrantes do processo de pesquisa mesmo com autorização de uso, como





## A valorização do processo artístico

O campo da Arte-Educação propicia esta metodologia, e esta projeção instrumental da Arte, ao nos tornarmos produtores deste fazer poético, valoraram o nosso discurso estético e pedagógico. Assim, concordando com Rizzi <sup>xvi</sup>, reafirmo que necessitamos “enfatizar as conseqüências instrumentais da Arte na Educação. (...) Por ser uma experiência que permite a integração da experiência singular e isolada de cada ser humano com a experiência da humanidade”. (RIZZI Apud BARBOSA: 2002:64-65).

O discurso original da pintura, por exemplo, remonta ao período paleolítico. As pinturas não eram criadas com qualquer intenção de fornecer aos olhos um prazer de ordem estética; mas, constituíam a concretização de um propósito em que o elemento mais importante era que estas pinturas fossem acomodadas em certas cavernas, exatamente em pontos determinados, ou seja, em locais adequados especialmente para o fim a que se designavam. Assim, ressalta-se apenas uma intenção decorativa, ou até mística; e não a questão estética, uma vez que, em geral, essas pinturas ficavam ocultas.

Por que é importante contar esta história?




---

forma de preservar sua identidade. BÊ é também um dos três sujeitos analisados no capítulo 2.



## A valorização do processo artístico

Além da própria Pedagogia, os estudos antropológicos e sociológicos foram sempre coadjuvantes da observação e experimentação no grande empreendimento de explicar o progresso da consciência e do intelecto humanos.

Merleau-Ponty coloca como metáfora que “o mundo do cientista escapa, pois carece cada vez mais ao abraço da percepção”. (1996:79) Sustenta que é necessário considerar o organismo como um todo para se descobrir o que se seguirá a um dado conjunto de estímulos, fundando sua própria teoria a respeito da percepção. Ele se inclina nesse ponto frisando que nossas hipóteses devem ser respaldadas pelo contato com a experiência perceptiva; ou seja, atribuo hipóteses ou pressupostos, quando sentimos e acreditamos que aquilo é verdadeiro, ou tem procedimento para se alcançar uma verdade.

Vivemos um momento diferente em cada época, e porque a cada tempo, novas possibilidades são colocadas no trajeto deste sujeito que se modifica e se constitui pelas relações sócio-históricas; e como esse percurso pode afetar ou não seu processo artístico de integração com este mundo.

Por que é importante contar esta história?





### **3.3 O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza**

---

Em diferentes sociedades valoriza-se a beleza no sentido estético e prático de utilidade; e no âmbito da Cultural Ocidental da produção em massa, quase tudo é rapidamente descartável, e palavras não são exceções: palavras não se fixam por muito tempo; assim, como o próprio consumo, no âmbito da idéias e pensamentos.

Belo, beleza, "boniteza", todos são adjetivos derivados da mesma palavra "ressignificada", ou seja, conforme temos a compreensão do processo em que estamos imersos, submersos. E mais seqüencialmente, da experiência de vida em que estamos atuando; em qual experiência "realmente" nos permitimos ter a consciência, se valorizamos ou não o meio social, a educação e as condições culturais a que estamos expostos.



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

E ao falar destes adjetivos é importante falar do valor da Arte, e a Arte como qualidade estética. Tanto Dewey como os fenomenologistas consideram-na “uma qualidade (potencial/virtual) do objeto, cuja expressividade (conteúdo significativo) só pode ser manifestada na consciência de um sujeito pela estética. O objeto de Arte permanece como incompleto e aguardando sua plena realização como obra de Arte mediante a experiência estética”.<sup>22</sup>

Os jovens da Vila Nova Jaguaré aprenderam em sua experiência artística o valor da percepção estética ao se submeterem a fruição no momento de refazer habilmente cada objeto que escolheram e nomearam. Ao cortar cada pequeno fotolito<sup>23</sup> e pintá-lo, trabalharam com a manifestação do executar (fazer), do sentir (observar a qualidade com que manuseavam cada cor, cada gesto), e do refletir sobre as possibilidades que eles, como autores e criadores impingiam sobre a obra/objeto artisticamente, ou seja, com uma finalidade poética, um valor. E o pensamento de Dewey concilia: “A experiência estética produz este valor, apenas manifesta e atualiza um ato de percepção consciente a

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>22</sup> <http://filosofiajafonsodois.tripod.com/> acessado em 15 de fevereiro de 2008.

<sup>23</sup> Fotolito é um filme transparente e flexível que era usado para produção editorial de revistas e jornais em grande escala. Este filme era sensibilizado (gravado) como em um processo fotográfico, e sua espessura é semelhante às chapas de raios-X ainda estão em uso na atualidade.



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

potencialidade expressiva inerente à forma sensível do objeto”.<sup>24</sup>

Schopenhauer em a “Metafísica do Belo” (2003) considera o belo como um conhecimento existente em nós, e que esclarece nossa concepção de mundo. Todos os homens possuem a capacidade de fruição da obra de Arte, possuem uma receptividade para o belo. O belo é considerado como formas de contemplação, de admiração, de transformação através do olhar. Todas as coisas existentes são belas, para Schopenhauer. Sobre esta inspiração, não se admite um belo universal; e sim, um belo como possibilidade para todos, a partir dos valores de cada ser humano, de cada cultura.

Assumimos nesta pesquisa, as palavras beleza, belo e boniteza no sentido próximo ao de Schopenhauer, e não no sentido de que existe um ideal universal de beleza válido para todos os homens. Valorizamos a inspiração de que existe uma relação entre belo e valores historicamente situados. Porém, admitimos que existam ambientes degradados que se originam da ação humana, e que merecem intervenção educacional. Ao mesmo tempo, em que nesta experiência não foram perseguidos ideais universais de beleza; e sim, foram criadas condições para os participantes inventassem seu espaço mais bonito, perseguindo postura de cuidados consigo e com o outro, e com o entorno, com o espaço.

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>24</sup> <http://filosofiajafonsodois.tripod.com/> acessado em 15 de fevereiro de 2008.



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

Por que é importante contar esta história?



Nosso valor para o belo, conquistado nesta experiência, reveste-se de idéias como: criar o espaço cotidiano na perspectiva de uma expressão que revele modos de um ser que planeja e busca a beleza que lhe faz bem; que supere dominação do espaço sobre o ser que nele vive, e permita relação de mútuo bem estar; que supere a degradação ambiental, e resulte em reconhecimento e satisfação em estar.

Buscamos não só ser parte de um espaço, ser parte da construção da experiência, do sentido; a transformação para algo melhor, e este algo melhor, quando valorizado, transforma-se: em "boniteza, belo, e demais derivados que cabe ao espírito enunciar".

Estamos pensando na experiência em que a Arte possibilitou, individual e coletivamente, aos integrantes do Projeto, mergulhar em seu próprio mundo, descobrindo um novo sentido, em que não estamos lidando com a crítica estética e o bonito padronizado; e sim, a possibilidade de compreender que estamos trazendo o conceito de inserção sócio-cultural à Arte, e ao prazer de fazer prática artística, como manifestação de autoria; e que esta Arte não se reduz ao belo que se reduz a um bonito padronizado; e sim, a uma visão contemporânea de transitar entre diferentes aspectos da construção da alteridade deste sujeito, e muito mais.



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

Por que é importante contar esta história?

Estes jovens foram despertados, por exemplo, para a construção de um novo olhar, um olhar mais poético, não só na construção de cores, texturas dos materiais utilizados nas oficinas de Arte; e concomitantemente, perceberam que seu espaço de moradia também se transformava pela ausência de ratos e ratazanas que diminuía; de garrafas plásticas, sucatas em geral que não eram mais largadas como lixo, nos bueiros. É este "belo" que vem da construção da identidade, do brilho que uma ação correta no momento certo provoca em nosso espírito. Um belo que é o lugar da dignidade, do afastamento da sujeira. Porque, de forma bem realista não há o espaço físico para se executar a "boniteza" da Arte, sozinho e contemplativamente na favela; existe o outro sempre "colado" a você, quer você queira ou não. Os espaços físicos simplesmente não existem. Estes sujeitos crescem nesta condição, e passam a aceitar como senso comum. A Arte traz de volta um espaço simbólico de se estar sozinho no mundo das "idéias", ao mesmo tempo em que provoca no sujeito executor a proposta de transformação e compartilhamento do objeto.



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

De forma singular Magalhães coloca em sua dissertação que “o compartilhar é um importante meio de viabilizar uma formação, em que, a partir da troca de conhecimentos, fazemos nossas descobertas, resgatamos nossas trajetórias, descobrimo-nos enquanto sujeitos; reavaliemos nossas capacidades e ampliamos uma visão do mundo”. (2008:29) Este é outro “olhar” sobre o verbo compartilhar que é tão importante quanto à ótica de se perceber o que se está fazendo, e como se está trabalhando os conceitos artísticos. Assim, concordo com este aspecto porque quando o sujeito da ação se apossa da autoria de ser parte de algo maior, desperta em si, o pertencimento. E quando este pertencimento é autenticado pela construção do sentido, do sentir, valorar a “boniteza” dessa integridade; a boniteza da autoria da ação, ou seja, este se torna o “sujeito-autor” desta boniteza. E sucessivamente, este integrante quer compartilhar aquilo que aprendeu. Foi isso que se sucedeu aos jovens e crianças que participavam do “Projeto Iconografia de um Espaço”.

Falamos da “experiência” no item inicial deste capítulo, no senso de se legitimar a experiência como foco central desta pesquisa, ao problematizá-la. Assim, ao falar da experiência e seu processo artístico precisamos compreender a experiência estética do sujeito que criou, e interagiu com aquele objeto.

Por que é importante contar esta história?





O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

Por que é importante contar esta história?



Compreendamos: Falando da experiência, observamos a construção do pensamento estético para a experiência estética, perceptiva, e sensorial. É importante lembrar que a experiência estética na concepção de Dufrenne <sup>xvii</sup> possui três noções fundamentais: objeto estético, a experiência estética (em si mesma), e o objeto estético. E esta experiência estética pode ainda se desdobrar em três dimensões: experiência estética da Natureza, experiência estética da Criação Artística, experiência estética em face da obra de Arte que conforme o discurso poder-se-á aprofundar. Para o sujeito ser dotador de um pensamento estético, este precisa se tornar possuidor de elementos e códigos artísticos para a fundamentação de sua reflexão pessoal. É um sujeito que já viveu experiências estéticas, trabalhou sua sensibilidade, e foi afetado pelo objeto estético. Possui qualidades sensíveis para se tornar um observador competente, e concomitantemente, um pensador competente com sensibilidade especificamente estética. Como reafirma Bachelard (2000): “É a forma que se revela na experiência estética; e mesmo a imaginação material é qualidade formal do verbo poético que a solicita, enquanto o sonhador de materiais é um sonhador de palavras”.

A realidade do pensar foi objetivada em cada Encontro a que o grupo se propôs. Os sujeitos analisados manifestaram suas opiniões e reproduziram algumas respostas baseadas na realidade em que estavam inseridos.



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

Moacyr Gadotti <sup>xviii</sup> é um pensador atual, que nos provoca colocando que o que é importante é aprender a pensar: a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. “O processo de aprendizagem não é neutro. É preciso pronunciar-se sobre esta realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada”. (2000:31).

Porque segundo Larrosa (2005:26), devemos reavaliar também a questão da verdade relacionada à compreensão destes valores: *“Yo he aprendido eso de algunos amigos especialmente sensibles a lo que podríamos llamar la forma de la verdad...”*

Esse sujeito, então, passa a se modificar conforme a cultura em que está inserido, e se individualiza pela forma de se identificar, ou não, nessas relações.

Quais aspectos que queremos compreender com esta pesquisa? Explicitamente estão os aspectos artísticos ligados à produção do grupo como um todo, e implicitamente estão os aspectos estéticos ligados à percepção, e ambos vinculados ao conhecimento de cada sujeito e ação a respeito do objeto.

Este sujeito, aqui exposto, produz um tipo de Arte. Para este sujeito-autor, sua ação artística possui qualidade estética porque ele gosta do objeto que cria. Mesmo não inscrito no mercado de Arte, é outra relação valor que aqui se estabelece. Não nos referimos ao belo da concepção hegeliana que faz parte da construção da discussão da Arte há séculos. De uma forma generalizada, a Arte e a Cultura passam a serem praticadas por seus valores intrínsecos, porque estas

Por que é importante contar esta história?



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

assumem um patamar estético e social em suas relações, valorizando o realismo da história deste homem, tornando-se mediadora de uma linguagem (a Arte) ainda pouca acessível para a maioria da compreensão sensível das pessoas.

Para perceber este “belo” é necessária a sensibilidade artística, que em cada sujeito-autor representa uma realidade específica diante de sua experiência de vida.

Nossas experiências de vida são resultados de várias atividades que nos afetaram; e por meio da aprendizagem, do conhecimento adquirido, amadurecemos, e adquirimos “juízos do gosto” que enriquecem e moldam este sentir.

Os tempos mudam, e seus sujeitos também são diferenciados; por exemplo, não podemos dizer que o homem atual é o mesmo sujeito encontrado em tempos da Idade Média.

Essencialmente uma cultura é definida por suas redes de conversação, que percorrem e compõem; saber conversar é saber construir um universo cultural, um discurso verbal. Em diálogo permanente com um todo e com todos. Como enfatiza Gadotti: “Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente. “Sentido” quer dizer caminho não percorrido, mas que se deseja percorrer, portanto, significa projeto, sonho, utopia”.(2000:5). Vai-se além da exploração do espaço corpóreo, do sentir, do mundo das idéias, como analisamos no processo artístico. Entramos em um mundo não tão tateável, e assumimos riscos individuais.

Por que é importante contar esta história?



## O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

Para muitos jovens, o Projeto Iconografia de um Espaço representou um sonho, uma utopia. Como vimos no relato de DÉLIA que ficou esperando por anos o retorno, o retorno de uma experiência, de uma boniteza que sentiu, vivenciou, criou e multiplicou.<sup>25</sup>

O pensamento de Gadotti torna-se importante como contraponto, nesta sociedade fragmentada de consumo e de mentes vazias de conteúdo. Ele edifica em suas palavras de como a beleza existe em todo o lugar. “Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar”. (2000:5).

Este sonho produz uma imagem em nossa mente. Essa utopia constrói reforços como estímulos visuais que são decodificados pela linguagem. Assim, quando a linguagem se estabelece por intermédio de imagens, sejam estes ícones (reais/objetivas), ou abstratas (subjetivas/do ato da criação), podemos supor que tanto quanto saber decodificar (códigos de uma cultura) é saber ver; e assim, estabelece-se um discurso imagético construído de bases iconográficas. Porque a linguagem não acontece nos interlocutores, e sim, no “entre”, no espaço comum, criado entre eles e por eles (receptor-emissor)<sup>26</sup>.

Por que é importante contar esta história?




---

<sup>25</sup> Este relato detalhado está a partir da página 215, capítulo 2.

<sup>26</sup> Como analisamos mais detalhadamente no item 3.2: a valorização do processo artístico.



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

Moacir Gadotti enfatiza a necessidade de aprender “com”, porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade que estabelecemos, pela realidade em que vivemos a nossa experiência. E só aprendemos porque somos seres inacabados. Não conseguimos sobreviver se abandonados à própria sorte. “Porque aprender implica em sua série de habilidades que se manifestam; não é acumular a fonte de conhecimento; mas sim, o importante é valorar a reflexão, o pensar e como pensar a si mesmo na ação, pelo diálogo com o outro, e o monólogo que se estabelece em conjunto”. (2000:26-7).

Existem enunciados aqui de histórias de vida; de sonhos, muito sonhos incompletos; e uma experiência bela que precisa ser contada, analisada e compreendida não só pelos participantes e envolvidos nesta história; irmos além das fronteiras sutis de uma área de vulnerabilidades sócio-culturais e financeiras.

Por nascer em um Projeto Social criado pelos padrões de liberdade que só a Arte poderia acessar neste meio, as histórias se fazem presentes em seus sujeitos-autores, criando um espaço de autenticidade para a transformação, um pedacinho que nosso Planeta está precisando para a própria renovação.

Estas histórias foram construídas, restabelecidas no coração, no pulsar de vida dos jovens da Vila Nova Jaguaré. Não só jovens e crianças se modificaram pela boniteza que as

Por que é importante contar esta história?



O belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza

ações geraram; também, pais, professores e outros reavaliaram seus papéis coadjuvantes na comunidade. Validaram sua sensibilidade em ações de, por exemplo, preservação ambiental (catando garrafas plásticas e latinhas em bueiros, nas vielas, para a transformação artística deste objeto), e melhoria estética de seu espaço. Lembrando que em uma área de vulnerabilidade sócio-econômica, ratos e esgotos correm a céu aberto.

Se cada sujeito, autor de sua história, passa a potencializar seus saberes, e na troca com o outro oferece suas habilidades para complementar à criação; aquilo que o outro não sabe fazer, ou não tem em si como especificidade; então, essa passa a ser uma ótica que valoriza a aprendizagem, e que legitima a criação da Arte como processo da vida; e, não apenas, como disciplina ou técnica. Observamos a “experiência do ser”, a vivência em seu meio social, política, econômico, do ser cultural.

Estes sujeitos da história se perceberam capazes de produzir o “belo”. Belo, boniteza de ser algo melhor em prol de algo maior. Oportunidade de experimentar a cor, dar brilho à sua vida, e se perceber capaz de mudar, de se transformar, e multiplicar esta beleza também para os outros.

Como diria Paulo Freire. “Boniteza de ser gente”, porque em sua ótica não há como deixar de conciliar boniteza e alegria no processo de ensinar e aprender. Sonhando o homem é capaz de refazer seu mundo, seu egoísmo e hipocrisia diante da falta, da carência.



Gadotti complementa este pensamento: "É o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende. Mas é no coletivo que se aprende". (2000:27).

### 3.4 Arte em Projeto Social

---

Falar da Arte, geralmente, nos suscita um aspecto poético e estético; mas, falar de Arte em uma área de extrema pobreza nos conduz, no mínimo, às inquietações e estranhamentos de como a atividade artística acontece e se desenvolve. Acontece, primeiramente, porque existe um espaço físico em que as pessoas já se relacionam, e um espaço afetivo em que as pessoas se permitem experienciar à construção de um sentir; se sentem parte, são afetadas e querem compartilhar.

As pessoas nascem, e em geral, se moldam aos seus contextos sociais e costumes culturais. Os espíritos inquietos sempre buscam melhorias independentemente de contextos e/ou costumes.



## Arte em Projeto Social

Esta pesquisa também trata de uma especificidade: como produzir Arte quando a área é extremamente paupérrima de recursos?

Estamos falando de uma área de extrema vulnerabilidade social, uma favela, como já mencionado.

Freire coloca em parte esta questão: "Àqueles e aquelas que vêem estas populações como "naturalmente inferiores ou incapazes" e atribuem a esta "inferioridade" todas as deficiências materiais que caracterizam uma favela, sugeriríamos que discutissem, um dia, com favelados sobre o que significa sua existência". (1987:58)

Precisamos falar de contextos de organização social, política, étnica e econômica para chegar às interferências culturais na vida de um cidadão; em outras palavras, há uma rede complexa de significados e significações que tece um pano de fundo na história deste sujeito.

Seixas complementa este pensamento, quando afirma que "para superar essa situação angustiante, o indivíduo busca um novo universo cultural de referência, a partir da qual consiga reconstruir sua identidade, e voltar a ter, o sentimento de pertencer a uma comunidade". Mas, soma a este pensamento ao inserir a complexidade com que se dá o processo, ou como ele mesmo coloca, "jogo cambiante instável e dinâmico, onde cada indivíduo atua como mediador dos significados culturais, intertextuais, disseminados no meio social"; explicita que há um processo dialético, no próprio sujeito para que não se massifique, e reassuma sua





## Arte em Projeto Social

identidade, sem abdicar do desejo de participar desta sociedade. (2006:185)

Partindo do pressuposto que somos seres de afeto, seres desejantes, mediadores de uma realidade, a busca de alteridade é também inerente ao ser humano, pois, pela construção de nosso sentir, tal qual a nossa corporeidade, nossa visão, “enxergamos” o outro; podemos afirmá-lo, real, concreto, realizável. Porque vivemos em diferentes culturas e falamos diferentes línguas; a Arte fala um só sentido de compreensão: a percepção e o que isto provoca na construção de sentido neste sujeito.

Como bem coloca “Dufrenne (1972:46): “A Arte autêntica gera sempre a sua própria língua, a Arte exige autenticidade”.

Na mediação social de um projeto, tudo se torna uma oportunidade de aprendizagem e crescimento humano no senso comum em que há escassez de comida, de materiais, de formação... Cada passo desses jovens representa em seus pequenos (e grandes) universos o significado de uma pequena (e grande) vitória, em direção às possibilidades de ter, possuir “algo unicamente seu”.

Por que é importante contar esta história?



## Arte em Projeto Social

O pensamento de Vigotski instiga a esta ação: "Segundo a nossa concepção, o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual". (2003:24). Porque, complementa: "O pensamento social é dirigido. À medida que se desenvolve, vai sendo cada vez mais influenciado pelas leis da experiência e da lógica propriamente dita. O pensamento artístico, ao contrário, é individualista e obedece a um conjunto de leis próprias especiais". (2003:14-15).

Devemos relacionar que haja a correta noção que tanto os significados como os sentidos vão se modificando pelas vivências e relações interpessoais do indivíduo, em suas diferentes aprendizagens.

O nosso mundo de comunicação é uma rede complexa, intrincada de signos e significados. E ainda mais, é a forma operacional de nossa mente, entre sinapses e conexões que se estabelece uma via de acesso decodificado à língua e a linguagem<sup>27</sup>, como já se considerou anteriormente. Seixas identifica dando uma visão mais ampla, trazendo os valores: "A comunicação humana, portanto, é feita por meio de signos

---

<sup>27</sup> Para Vigotski, um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.



## Arte em Projeto Social

lingüísticos, criados por convenção dentro de certo grupo social; e também, por meio de valores simbólicos atribuídos por uma sociedade a qualquer tipo de bem importante para as relações sociais multidimensionais". E integra também, colocando a questão da linguagem e da comunicação que precisam "ser diferentes em geral para poderem ser compreendidas por pessoas diversas". (SEIXAS: 2006:205)

Freire avança neste processo de linguagem e da comunicação, adicionando a percepção, e explicita que ao perceber que a realidade social é transformável; que sendo feita pelos homens, pelos homens pode ser mudada; "que não é algo intocável, um fado, uma sina, diante de que só houvesse um caminho: a acomodação a ela". E complementa que a "percepção ingênua da realidade vá cedendo seu lugar a uma percepção que é capaz de se perceber; que o fatalismo vá sendo substituído por uma crítica esperança que pode mover os indivíduos a uma cada vez mais concreta ação em favor da mudança radical da sociedade". (1987:39-40) Se corroborarmos com essa definição, tornamo-la essencial para a compreensão do conteúdo contextualizado, no projeto Iconografia de um Espaço, em formas: histórica, geográfica, narrativa, verbal e não-verbal de seu desenvolvimento cognitivo. Porque o indivíduo está inserido em uma sociedade, dividida em culturas<sup>28</sup>, e contextualizada geograficamente no mundo.

Por que é importante contar esta história?



## Arte em Projeto Social

A formação da identidade deste indivíduo está ligada também ao seu processo histórico-cultural familiar. E falamos de uma identidade latina, como diria Canclini: "hoje, a identidade é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas". (SEIXAS: 2006:199 apud CANCLINI: 2005:131)

E neste quesito, Paulo Freire soma a questão social vinculada à estrutura versus o condicionamento da percepção pessoal. Porque "no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontra, sua percepção começa a mudar, embora isto não signifique ainda a mudança da estrutura. Poderá dizer-se que a mudança da percepção não é possível antes da mudança da estrutura, na razão mesma de seu condicionamento por esta". (1987:39-40) Enfatiza, também, a urgência de se estimular à consciência libertadora, e o valor que o próprio cidadão cria a si mesmo.

Por que é importante contar esta história?




---

<sup>28</sup> Mundo dividido por culturas foi objeto de Tese defendida por Samuel Huntington, falecido em 27 de dezembro de 2008; e ganhou maior repercussão e autenticidade após o ataque de 11 de setembro aos USA." Este autor sustentava que o mundo contemporâneo está dividido em áreas hegemônicas, definidas por características civilizacionais próprias".(SEIXAS apud HUNTINGTON:2006:175)



## Arte em Projeto Social

Por que é importante contar esta história?



Vivemos em um mundo dividido, sociedades que estão cultura e financeiramente em declínio, ou em vias de fragmentação ascendente. Para continuar existindo, ou se fortalecendo, a realidade sócio-cultural e econômica na atualidade é pluralista, ou seja, aberta à realidade de muitos. Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que o homem responde aos desafios deste mesmo mundo, na ampla variedade; na medida em que não se esgota em um tipo padronizado de resposta. Pluralidade não só com reação aos diferentes desafios que lhe faz o ambiente, mas também com relação ao próprio desafio.

Como comenta Freire: "O conceito de relações da esfera puramente humana guarda em si conotações de pluralidade, de criticidade, de consequência e de temporalidade". (1983:62) Como ele bem observou em suas jornadas investigatórias: "A ação cultural que se orienta no sentido da síntese tem seu ponto de partida na investigação temática ou dos temas geradores, por meio das quais os sujeitos iniciam uma reflexão crítica a respeito de si mesmos, percebendo-se como estão sendo. (1987:36)

Os indivíduos quando se percebem como estão sendo e atuando, impigem, a si mesmos, um grau maior de autoria, e conseqüentemente, admitem assumir maior responsabilidade. O mundo socioeconômico necessita desta visão de cidadão pertencente a categorias plurais.



## Arte em Projeto Social

Por que é importante contar esta história?



E esse pluralismo é fundamental no campo das Artes e de Ensino Aprendizagem, porque reforça a importância de se saber como a minha experiência se liga à experiência que os outros têm dos mesmos objetos; “a percepção, ainda, aparecerá como fenômeno paradoxal que nos torna acessível o ser”<sup>29</sup>. (MERLEAU-PONTY: 1996:49). Segundo Merleau-Ponty, quando o ser humano se depara com algo que se apresenta diante de sua consciência, primeiro o nota e o percebe em total harmonia com sua forma, a partir de sua consciência perceptiva. Após perceber o objeto, este entra em sua consciência e passa a ser um fenômeno.

A Arte, na atualidade, enquanto processo, quebra paradigmas e os reconstrói simultaneamente de formas diferenciadas, porque em sua complexidade estabelece relações que legitimam as formas de manifestação cultural em nossa era de globalização. Cada cultura compõe “cenários”, cada continente aceita estes “cenários”, e constitui leis próprias de cada País, ou acordos<sup>xix</sup> entre os países como vemos na América Latina.

---

<sup>29</sup> Merleau-Ponty sustentava que é necessário considerar o organismo como um todo para se descobrir o que se seguirá a um dado conjunto de estímulos, fundando sua própria teoria sobre a percepção.



## Arte em Projeto Social

Por que é importante contar esta história?



Fala-se de globalização, fala-se de uma estratégia contemporânea de importação e exportação de produtos. Seixas coloca que a globalização produz constantes interações entre sistemas de produção e culturas diferentes que estão em centros distintos; mas, que são integrados funcionalmente. (2006:179) E observo que no quesito cultural funciona de forma semelhante, ou seja, quanto maior a diversidade, maior a possibilidade de interação e integração de parceiros que venham a complementar àquilo que não temos. Cada indivíduo passa a atuar como mediador de significados culturais. O jovem da favela não está longe disso; está exposto e fragilizado; está inserido como mediador de linguagem visual, de desejos de consumo, e de construção sócio-cultural para seu ambiente.

O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. Freire nos fala como a cultura consiste em recriar e não em repetir. "O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo". (1983:30-31)

Em nossa experiência observamos, não raras vezes, como no processo de decodificação de uma situação de favela, a análise aprofundada da situação ia fazendo possível a sobrepassagem de um estado de percepção no qual – poderíamos dizer com uma metáfora que talvez não expresse bem o que queremos descrever – os favelados se achavam



## Arte em Projeto Social

Por que é importante contar esta história?



“assumidos” pela situação, por um outro em que eles a “assumiam”. Esta análise por parte dos favelados reflete atualmente aspectos ideológicos das classes dominantes introjetados por eles, mas também, algo fundamental que lhes pertence e em que se amuralham instintivamente para defender-se e preservar-se. Suas atividades noturnas, seus bailes, sua música, o uso do corpo, seus gestos, sua maneira de andar, de vestir, suas crenças, sua ironia, seu humor, seus códigos de companheirismo, sua forma de despertar-se de situações difíceis, sua semântica, sua sintaxe, tudo isto constitui sua linguagem como “linguagem total” e são valores que compõem aquela muralha e que, mesmo tocados pela ideologia dominante, não se entregam totalmente a ela. (FREIRE: 1987:57)

Quando Paulo Freire coloca estas questões, observamos que os movimentos suscitados pela reelaboração de objetos artísticos acontecem em nível mais intrínseco à realidade deste sujeito-autor. Ele, por ser de uma área de favela, não quer repetir padrões que a sociedade “cobra”, e nem repetir, exatamente, igual a algo que construiu (objeto/ação) em sua infância; sente inconscientemente a necessidade de se proteger, de não se render às regras; e sim, estimulado pelo novo momento de acolhimento, de ter o prazer em fazer, ser reconhecido, precisa recriar com sua própria autoria aquilo que leu; que viu; que sentiu; está em suas mãos, sobre sua responsabilidade, e “gosto”.





E qual é a história que queremos contar? Nossa história quer contar diferentes faces de interpretação desta pesquisa. Queremos avaliar como as pessoas focadas na área de Ensino Aprendizagem percebem incursões informais de grupos que se mobilizam a terem uma oportunidade diferenciada em suas vidas.

Existem os contextos (sociais, geográficos, financeiros, étnicos, etc.), existem as situações implantadas pela sociedade (escolas, instituições, postos de saúde, hospitais, etc.) que nem sempre dão conta da demanda local em termos de prestação de serviços. Existem os profissionais divididos em suas especificidades, existem os idealistas, ou se preferirem, voluntários, que se desprendem de suas responsabilidades; momentaneamente, e estabelecem um período a mais em sua jornada diária de dedicação a esta ideal/ideologia que escolhem. Sua dedicação pode ser voltada a uma instituição, um grupo, uma igreja, enfim, um local em que pessoas se reúnam e partilhem. Porque como Freire diz: "O homem se identifica com sua própria ação: objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história". (1983:31)

Por que é importante contar esta história?



## Arte em Projeto Social

O tempo para estes jovens passou; mas, os objetos criados ali permaneceram, e foram re-avaliados nos Encontros programados. O próprio exemplo é a poesia do tempo elaborada por ALÊ.

Paulo Freire discorre sobre um homem que transcende o próprio tempo, e somente este é capaz de discernir porque “na capacidade de discernir estará a raiz da consciência de sua temporalidade, obtida precisamente quando atravessando o tempo, de certa forma até então unidimensional, alcança o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã”. (1983:63)

Estamos falando de uma forma de comunicação e como avaliá-la. Toda a comunicação contém elementos. Estes elementos precisam ser vistos: “quem diz o que, a quem, de que maneira e com qual finalidade”. (1985:20)

Observamos como os processos de pesquisa de Dewey<sup>30</sup> de pesquisa e de Vigotski sobre o comportamento humano se tangenciam em relação à valoração do pensamento social.

Nesta pesquisa valoramos a Arte como conceito de propiciar ao ser, sujeito-autor, morador de uma área de favela seu real pertencimento, e ter a Arte como meio, como potencial e valor deste cidadão que cria, e que se autoriza para também ancorar seu pertencimento: geográfico, étnico e

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>30</sup> Dewey contestou esta distinção – e tal como Vygotsky, concebia o conhecimento e o seu desenvolvimento como um processo social- integrando os conceitos de sociedade e indivíduo.



sócio-cultural; e não a monopolização da Arte em projeto social como ferramenta de inclusão e dominação.

### 3.5 O professor de Arte

---

Na visão de Dewey (1980:118) comunicação é educação. Nada se comunica sem que dois agentes em comunicação – o que recebe e o que comunica – se mudem ou se transformem de certo modo. “Quem recebe a comunicação tem uma nova experiência que lhe transforma a própria natureza. Quem a comunica, por sua vez, se muda e se transforma no esforço para formular a sua própria experiência.

Há assim uma troca, um mútuo dar e receber. Neste sentido, toda relação social que seja realmente vivida e participada é educativa para os dela partilham”.

Por que é importante contar esta história?



## O professor de Arte

É interessante neste ponto, porque apesar de Dewey<sup>31</sup> ser focado na aprendizagem que uma experiência nos proporciona, nos marca para a vida, simultaneamente desvela o sentido desta experiência para a comunicação, e a formação que está relacionada <sup>xx</sup>. Como reforça: "Educação é vida, viver é desenvolver-se, é crescer. (...) Vive-se aprendendo, o que se aprende leva-nos a viver melhor". (1980:126-127)

Elaboramos um mundo à parte, enquanto seres no processo de aprender; e projetamos, enquanto seres que ensinam aquilo que introjetamos de nossa cultura, com direito a todos seus paradigmas e pré-conceitos.

Nesse sentido, a Pedagogia que defendemos concebida na prática realizada numa área significativa do Terceiro Mundo, é em si, uma pedagogia utópica.

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>31</sup> Para Dewey era de vital importância que a educação não se restringisse ao ensino do conhecimento como algo acabado – mas que o saber e habilidades que o estudante adquire, possa ser integrado à sua vida: como cidadão, pessoa, ser humano.



## O professor de Arte

Utópica não porque se nutra de sonhos impossíveis, porque se filie a uma perspectiva idealista, porque implique um perfil abstrato de ser humano, porque pretenda negar a existência das classes sociais, ou reconhecendo-a, tente ser um chamado às classes dominantes para que, admitindo-se em erro, aceitem engajar-se na construção de um mundo de fraternidade. (FREIRE: 1987:58)<sup>32</sup>

A real motivação destes jovens adultos a contarem as suas histórias, foi por conta de processo utópico de pertencimento; ou seja, um “eterno retorno”<sup>xxi</sup>.

Existem paradigmas diários que nos instigam a ir a frente, à passividade da aceitação, ou ao contrário, fortalece-nos para enfrentá-los, desconstruí-los, e novamente, sermos hábeis nas soluções desta reconstrução.

Por que é importante contar esta história?



---

<sup>32</sup> Nota do autor: De qualquer maneira, quando a educação não é utópica, (...) é porque o futuro perde sua real significação ou porque se instala o medo de viver o risco do futuro como superação criadora do presente que envelhece.



## O professor de Arte

Por que é importante contar esta história?



Ana Mae Barbosa (2001) nos posiciona a respeito da importância da reflexão dos projetos pedagógicos em Arte-educação e como esse papel é afetado pelo modo como o professor e o aluno vêem o papel da Arte, da Comunicação e Cultura fora da escola.

Vigotski defende uma abordagem teórica e, conseqüentemente uma metodologia que privilegia a mudança. "O seu esforço de mapear as mudanças ao longo do desenvolvimento deve-se em parte, à tentativa de mostrar as implicações psicológicas do fato dos homens serem participantes ativos e vigorosos de sua própria existência; e de mostrar que, a cada estágio de seu desenvolvimento, a criança (o ser em formação) adquire os meios para intervir de forma competente no seu mundo e em si mesma". (VIGOTSKI: 2000:163).

A comunicação humana é feita não só por meio de signos lingüísticos, criados por convenção dentro de certo grupo social; mas, também por meios de valores simbólicos atribuídos por uma sociedade a qualquer tipo de bem importante para as relações sócio-multidimensionais. (2004:204).

São esses valores que observamos como solidariedade, dignidade, compaixão, que permeiam o enredo cotidiano de muitas destas pessoas que, já por não terem "posses



## O professor de Arte

materiais”, se alicerçam em despojamentos físicos, e se voltam ao bem comum; porque esse é o padrão que se observa nos moradores de áreas de barracos e papelões: como precisam uns dos outros, praticam e exercem outras relações sociais de sobrevivência e convivência.

O Professor, educador, e aqueles que ainda mantêm a chama da paixão de ensinar, envolvem-se no trabalho como extensão de sua própria vida, de seu ser e de sentir a valoração do outro, passo-a-passo; como uma sementinha plantada, e que começa a germinar.

Este educador, no sentido mais amplo das Ciências, aquele que ajuda a formar, se vê em constante processo reflexivo de suas ações e interações com os alunos, com o seu fazer pedagógico; e seu repertório pessoal se amplia na busca de conhecimento sempre com o intuito de aprimoramento. Um projeto que nos move pela construção do sentido de pertencimento e, simultaneamente, em acolhimento.

E o espaço institucional, a sociedade, os alunos? Como estes realmente nos vêem e vêem a si próprios? O papel do professor está cada vez mais complexo, não só no processo de ensinar; e principalmente, na forma de se relacionar com seu mundo acadêmico e com seus alunos.

Quando estes profissionais atuam na faixa etária infanto-juvenil, existem os videogames, TV e outras tecnologias que abastecem o imaginário destes pequeninos. Este profissional precisa de muito talento para corresponder às muitas expectativas destes alunos diante dos meios de



## O professor de Arte

comunicação versus prática docente versus gratificação instantânea; e este profissional precisa também estabelecer uma nova relação de valores na transmissão desses moldes de formação.

O professor também considera que o território de formação proporciona reflexões sobre a prática da sala de aula, a metodologia utilizada, as situações e estratégias de aprendizagem, suas avaliações, o plano de aulas, com procedimentos mobilizadores em que o aluno se torne capaz de interagir com o ensino e aprendizagem. (GARCIA: 2008:114)

Freire, como grande educador, coloca que há o papel da prática na constituição do conhecimento, e conseqüentemente, o rol de reflexão crítica sobre a prática. "A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade, vai sendo comprometida em termos corretos, na análise daquelas relações antes mencionadas". (1987:49) Enfatizando que o fundamental é a que informação seja sempre precedida e associada à problematização do objeto, em torno de cujo conhecimento ele dá esta ou aquela informação. E Freire continua: "Desta forma, se alcança uma síntese entre o conhecimento do educador, mais sistematizada, e o conhecimento do educando, menos sistematizado – síntese que se faz através do diálogo. Porque a prática está compreendida em situações concretas que são codificadas para serem submetidas a análise crítica". (1987:54-55)

Por que é importante contar esta história?





## O professor de Arte

O pensamento de Paulo Freire objetiva que se tenha em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar; mas, num contexto: concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto. (1987:17). E este pensamento tornar-se-á conciliador com a pesquisa aqui em questão, porque falamos da experiência, falamos de viver o sentimento que esta experiência provoca em nós.

Larrosa usa o termo “paixão”, que precisa ser real e vivê-la intensamente uma de cada vez. *Si la experiencia nos da lo real como singular entonces la experiencia nos singulariza. (...) El lenguaje de la experiencia elabora la reflexión de cada uno sobre si mismo desde el punto de vista de la pasión.* (LARROSA: 2005:37)

A temporalidade faz parte de nosso processo de nos inserirmos em contextos de afeto, no sentido de sermos “afetados” e, conseqüentemente, afetar a outro; seja pelo nosso pensar, seja pelo executar e/ou experienciar. Como analisamos nas falas anteriores de cada jovem adulto, que hoje vive a experiência, e se permitiu voltar a senti-la. Valorou a expansão desta memória, e percebeu com o tempo, o quê lhe permitiu refletir com o distanciamento sobre aquela ação infanto-juvenil; e transcodificado por sua mente adulta, lhe proporciona o conforto de saber que fez, e que foi parte realizadora desse processo vivido, realizado, e multiplicado em sua vida. O pensamento de Schopenhauer fala em como este processo está nas pessoas: “Há que admitir como presente em

Por que é importante contar esta história?



## O professor de Arte

Por que é importante contar esta história?

todos os homens, a menos que haja alguns totalmente incapazes de qualquer prazer estético, esta capacidade de conhecer as idéias nas coisas, exteriorizando-se assim, momentaneamente, de sua personalidade”.

Exemplifico, uma outra citação da pesquisadora Garcia em sua dissertação: “Os professores autores dessas narrativas mostraram ter posturas de educadores contemporâneos; pois, levam em conta a intensidade e a velocidade do nosso tempo, que exige dele um educador-pesquisador, ou seja:

Aquele que estuda, pesquisa, experimenta, vivencia artístico-esteticamente e valoriza seu processo de formação de vida enquanto arte-educador e valoriza a formação continuada como lugar de desafios, aprendizagens, diálogos, vivências, trocas de experiências, estando aberto para o novo olhar na construção de conhecimentos sobre eles mesmos e sobre sua própria vida”. (GARCIA: 2008:170-1)

Analisar a codificação em sua “estrutura profunda” é por isso mesmo, repensar a prática anterior e preparar-se para uma nova e diferente prática, se este for o caso. Daí a necessidade, antes referida, “de jamais se romper à unidade entre o contexto teórico e o contexto concreto, entre teoria e prática”. (FREIRE: 1987:54)



## O professor de Arte

Seixas enfatiza que “o fenômeno da comunicação humana em suas múltiplas formas parece ter evoluído juntamente com todos os aspectos da vida individual e social do homem”. (2006:208)

Enfrentamos situações que passam a ser até bizarras, violentas, e não discursivas se avaliadas na ótica da aprendizagem.

E pesquisando outras dissertações na UNESP, identifiquei que muitos pesquisadores no Instituto de Artes valorizam um processo simples; fundamental para trazeremos a experiência em Artes a um novo “olhar” como diagnóstico dos novos tempos:

Primeiramente o sujeito que olha não pode olhar sozinho, e para ter acesso a estes códigos de leitura precisa compreender sua fruição estética e o porquê de sua inserção sócio-cultural naquele estado da Arte.

Concordo, portanto com Magalhães: “Não devemos deixar nossos sujeitos expostos às imagens, sem que façam uma leitura crítica refletindo sobre as mensagens veiculadas por elas, considerando que a leitura de imagens depende do que está diante e no interior do sujeito que olha”. (2008:38)

Segundo, devemos investigar com acuidade o papel do educador junto aos seus educandos, e como perpassa vínculos e estímulos de aprendizagem neste pequeno círculo de confiança: “O Educador, nos momentos em que precisa estar junto com o educando, deverá com ele compartilhar experiências, bem como atuar como um mediador que não



## O professor de Arte

Por que é importante contar esta história?



traga respostas prontas; mas, que conduza o discípulo aos questionamentos, e às incertezas; pois, o conhecimento nunca se completa e nos impulsiona para a busca de novos saberes”.

(MAGALHÃES: 2008:47)

E terceiro existe a própria história deste Educador a ser contada, valorizada e multiplicada. Neste quesito encontrei vários mestrados na UNESP com um trabalho muito interessante, e próximo a esta pesquisa no que tangencia compreender o processo de fruição da Arte em nível cognitivo e sensório-cultural na ótica de um educador. Por exemplo, nomeio a pesquisa de Garcia que coloca “como esse professor transitou por experiências com a Arte desde a infância; e conseqüentemente, com o aprender a aprender, podemos perceber que ele acredita ser possível construir conhecimento; assim, reconhece a arte como meio de construção dos saberes”. (2008:109)

Tão simples e direto, faço destas palavras os sinônimos de reverberação da própria experiência desta pesquisa aqui analisada.

Larossa coloca no valor deste ser, que se torna o “grande inventor-experimentador de si mesmo é o sujeito sem identidade real, nem ideal; o sujeito capaz de assumir a irreabilidade de sua própria representação, e de submetê-la a um movimento incessante ao mesmo tempo destrutivo e construtivo”. (2002:66).

A intenção não é avaliar o professor de Arte; citá-lo no intuito de esclarecer que este educador pode atuar não apenas



em instituições formais de aprendizagem; espelhar-se nesta pesquisa para se projetar em outros campos de acesso à informação, e formação. Corroborando para que este aprender contínuo seja uma das especificidades para elevar a Arte a uma nova categoria do Conhecimento.

Como coloca Dewey, “o Universo é um conjunto infinito de elementos que se relacionam de maneira a mais diversa possível. A multiplicidade e variedade dessas relações o fazem essencialmente precário, instável, e o obrigam a perpétua transformação”. (1980:113).

Por que é importante contar esta história?





### 3.6 A avaliação

---

O que é avaliar para este grupo? Avaliar primeiramente é perceber o que está acontecendo, quais relações estão sendo elaboradas no sentido da comunicação, de valoração e de pertencimento.

Este grupo quer saber aonde chegar. Que ter a certeza que sua história possa estimular a outros não só a fazerem, mas a contarem a sua história para não se esqueceram do que eles fizeram.

A própria avaliação torna-se um fenômeno porque manifesta tantos significados, têm interferências de nossa interpretação, e a percepção do outro que leu e decodificou, e trouxe de volta a nós como mensagem; e cada qual tem sua história; como todo o fenômeno que se manifesta, hoje, tem sua história no sujeito que o está manifestando.



## A avaliação

Por que é importante contar esta história?



Dewey coloca exatamente isso: "Vida, experiência, aprendizagem – não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos. (1980:115). Para Dewey o indivíduo somente passa a ser um conceito significativo quando considerado parte inerente de sua sociedade.

Estes jovens querem avaliar e serem avaliados para mostrarem ao mundo que aprenderam, e com orgulho, potencializar e multiplicar este conhecimento. Observamos no pensamento de Dewey que a atividade educativa é "sempre uma resposta a estímulos específicos ou gerais, nascidos do próprio organismo e do meio ambiente em que o indivíduo vive". (1980:119).

E além de que, toda a teoria de educação de John Dewey insiste como ponto principal, na "restituição da aprendizagem ao caráter natural que ela tem na vida". (1980:131). Porque o fim da Educação não é a vida completa; a vida progressiva, vida em constante ampliação, em constante ascensão. (1980:134).

Observamos pelas análises dos dados construídos que os sujeitos no ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Freire reforça esta idéia que "nesta perspectiva, os alfabetizados assumem desde o começo da ação, o papel de sujeitos criadores". (1987:49) É outra forma de ❖

---

## A avaliação

compreendermos a alfabetização imagética e sensorial; ou seja, a própria fruição que acontece entre o sujeito que cria seu objeto, e aquele que facilita esta mediação. "Porque a codificação de um lado, faz a mediação entre contexto concreto e teórico; de outro, como objeto de conhecimento, mediatiza os sujeitos cognoscentes que buscam, em diálogo, desvelá-la". (FREIRE: 1987:49)

Procedemos ao processo de avaliação pela crítica que instala ao ler as leituras do mundo e na tentativa de reproduzi-las. Estar no mundo é ter acesso e a possibilidade de se integrar aos diversos acessos que a ciência da comunicação nos oferece, tanto no mundo real, como nosso imaginário que estabelece conexões. Freire estabelece que "este ser "temporalizado e situado" ontologicamente inacabado "- sujeito por vocação, objeto por distorção - descobre que não está na realidade; mas também, que está com ela. Realidade que é objetiva, independente dele, possível de ser reconhecida; e com a qual, se relaciona". (FREIRE: 1983:62)

Assim, queremos nos referir não somente ao momento e ao lugar nos quais se dão a criação e a transmissão das informações ; mas, inclusive à maneira por intermédio da qual o particular lugar, e o preciso momento em que se realiza esse processo comunicacional são compreendidos, avaliados, sentidos por quem participa desse processo. É importante a construção destes dados junto com o grupo do Projeto

Por que é importante contar esta história?





## A avaliação

Iconografia de um Espaço para auxiliá-los a se situarem nesta temporalidade.

A análise destas relações começa a aclarar o movimento dialético que há entre os produtos que os seres humanos criam ao transformarem o mundo e o condicionamento que estes produtos exercem sobre eles. (FREIRE: 1987:49) Quando verificamos os relatos, principalmente de DÉLIA, o condicionamento de espera não interfere em seu processo criador, ao contrário, a estimula a produzir, mais e mais, como se corresse para justificar em produção a ausência dos anos, neste fazer e interagir com o objeto.

Método é o modo pelo qual a experiência se processa, e assim, não se distingue da experiência, como também o seu objeto – a matéria – dela não se distingue. (...) Não é nenhum conjunto de fórmulas ou regras pedagógicas; o modo porque devemos dirigir a vida das crianças para o máximo crescimento e o máximo estímulo ao aprender.

Estes estímulos de orientar e dirigir a vida das crianças para se potencializarem em seu merecimento, sempre norteou o pensamento de BÊ; aliás, foi justamente por ter esta aptidão generosa que me recebeu de braços abertos, na construção conjunta desta aprendizagem; desde a etapa inicial até a retomada dos Encontros em 2007, sendo cada momento compreendido por todos; e valorado a multiplicação.

Por que é importante contar esta história?



## A avaliação

A criança no Projeto estabelecia se queria trabalhar ou não, escolhia o grupo pelos materiais que eram oferecidos, e traçava inconscientemente um plano de tempo e de execução em cima daquela atividade. A criança se apossava daquilo que lhe era direcionado, e somente depois de saciar sua curiosidade pelo manuseio e experimentação, retornava ao nosso mundo "real". Alguns grupos permaneciam em silêncio, quase contemplativo, e a maioria focada no objeto em execução; outros dialogavam e brincavam com as dificuldades.

Estas questões perceptivas foram lembradas em vários momentos dos Encontros atuais, porque quando eram crianças me perguntavam algo, algum sentido do que estavam fazendo ou construindo; e eu, calmamente, sempre respondia: "façam pelo coração e não se preocupem que tudo está certo". Não queria interferir na ação executória para não perderem a ludicidade da própria execução. Hoje, com eles adultos, respondi da mesma maneira... .

Assim, como a pesquisadora e professora Dra. Luiza Christov coloca: "Curiosidade provocada é processo que impulsiona a procura de mapas sobre trajetos que poderão ser respostas ou dúvidas recolocadas, com melhores focos no perguntar e na visualização de estações de embarque". Percebemos, portanto, que muitos autores em seus pressupostos nos sugerem que o caminho é a ponte entre a vida e a Arte, e a grande transformação é compreendermos simplesmente "como", e não porquês.

Por que é importante contar esta história?



## A avaliação

A prática de ensino, seja formal ou não, nos faz perceber outras contingências antes ignoradas pela falta de oportunidade de sermos conduzidos. Porque ao falarmos de modalidade de pensamento, estamos nos referindo à maneira pela qual o sujeito se apropria de um conhecimento, transforma esse conhecimento, e é transformado por ele.

Por assim dizer, a interpretação e a descrição se inter-relacionam, distinguindo-se a questão da compreensão. Há a análise em duas formas de interpretação: "primeiramente, é preciso considerar que, a interpretação faz parte

do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta, e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise; e em segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso, é necessário introduzir-se um dispositivo teórico, que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação." (LARROSA: 2005: 60-61)

Por que é importante contar esta história?



## A avaliação

Por que é importante contar esta história?



O pesquisador deve ter como objetivo a compreensão das relações intrínsecas entre as tarefas externas, e a dinâmica do desenvolvimento, e deve considerar a formação de conceitos como uma função de crescimento social e cultural global do adolescente, que “afeta” não só seu conteúdo; mas, também o método de seu raciocínio. (VIGOTSKI: 2003:73).

A avaliação é para toda a vida. Por exemplo, uma má compreensão avaliativa sobre o desenho de uma criança por parte de seu educador pode frustrá-la, a ponto de inibi-la a continuar manuseando artisticamente qualquer material; e por equívoco de interpretação, esta mesma criança passa a se identificar como não competente o suficiente, ou mesmo “não boa”, gerando um efeito devastador em sua formação.

Junto com o processo avaliativo é necessário um “olhar que cuida, que mantém, e que também estimula” seus educandos.

Miriam Celeste Martins <sup>xxii</sup> nos fala de um “olhar que rompe com barreiras, inércia de se aceitar tudo simplesmente”. Ela nos coloca uma questão provocativa: “Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado, nos estereótipos, produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira. (...) A ferramenta básica nesse aprendizado da construção do olhar sensível e pensante é a observação. (...) “Olhar-pensante” procura formas de olhar. Procura no próprio objeto a forma de



## A avaliação

compreendê-lo. Percebe as diferenças do que já conhece; e faz relações” (MARTINS apud WEFFORT: 1996:10-11). Ela nos faz pensar e construir, como ela mesma coloca rizomas, para estabelecermos as relações. Porque a avaliação e a própria postura nos comprometem enquanto formadores de opinião.

Em síntese, os temas apresentado em forma de itens neste capítulo se tangenciam: problematização da experiência; valorização do processo artístico; o belo, a beleza, e a autoria dessa boniteza; Arte em projeto social; o professor de Arte; e a avaliação. Compreendendo que para moderar esses embasamentos teóricos, escolhemos convidar os três sujeitos-autores, DÉLIA, ALÊ e BÊ, minuciosamente mencionados, no capítulo 2, a trazer a temática relacionada aos seus pensamentos e memórias dos caminhos de ir e vir.

Confirmamos que estamos em constante transformação, porque estamos em constante aquisição de novos elementos, que vão aos poucos possibilitando uma nutrição cognitiva e afetiva. Assim, cada qual exerce sua autoria, e passa a compreender essa fruição no processo artístico-estético. Porque não somos neutros, somos parte.

Por que é importante contar esta história?



## A avaliação

Nenhuma experiência é passiva. Nossa vida é uma grande teia de vivências, acertos e desacertos que nos moldam para uma aprendizagem maior. Nosso processo é ensinar e aprender e vice-versa.

\*\*\*



Por que é importante contar esta história?





---

## **Considerações finais**

---

## Considerações finais

---

### **O que aprendemos com a experiência?**

Como um processo aberto e contínuo, chegamos a algumas considerações ao se refletir o todo do processo da experiência desta pesquisa.

Somando-se a análise da coleta de dados desde a etapa inicial, e no momento presente, com o resgate de algumas das memórias, percebemos que quando há a interação subjetiva do aprender, desenvolve-se uma nova percepção de comunicação, facilitando o despertar do prazer de fazer; e, conseqüentemente, o prazer de ser autor. Os jovens, inseridos





## O que aprendemos com a experiência?

no projeto, viveram a experiência; e trouxeram para suas vidas adultas este afeto.

Compreende-se que todo o processo apresentado não reúne apenas um universo organizado de forma visual; e, também nos fornece subsídios conceituais sobre a questão da vivência de uma experiência estética, não só, para nos fazer leitores de uma fruição poética; e sim, para elencar outras categorias conceituais de organização formal dos objetos.

O sujeito se torna parte, simbolicamente, deste objeto; cria uma aproximação pelas relações vinculares que se estabelecem pela rotina, pelo puro ato de criar. Torna-se parte daquilo que manuseia e cria, familiariza-se com o objeto, interage e age, espontaneamente, a partir desta familiaridade.

Passamos a desenvolver uma metodologia de como proceder à identificação, a análise e a interpretação do conjunto formal de cada objeto, respectivamente. E com esse processo de análise fenomenológica dos dados construídos pelo grupo/família, investigamos os resultados aprendidos com a experiência.

Os roteiros dos encontros propostos pelo grupo foram se modificando, conforme as dinâmicas estabeleciam vínculos de proximidade com suas memórias afetivas; e pela prática cognitiva exercida, com autonomia e prazer individual. Cada sujeito se manifestava de forma simples e direta, naquilo que queria fazer, continuar ou deixar de lado.

Por que é importante contar esta história?



O que aprendemos com a experiência?

Por que é importante contar esta história?

Colocaram-se em evidência vários recortes de leitura visual da forma. Seu ineditismo é porque passa a ser um instrumento valioso à concepção dos trabalhos, e também a constituir para o grupo como um todo e para o indivíduo, uma base de reflexão sobre os aspectos de sua prática projetual e artística. Cada um passou a auxiliar ao outro nesta releitura dos objetos construídos, instigando a percepção, e um novo olhar sobre aquilo que tomava forma, cor, e textura, a cada Encontro. Convidando-o a rememorar momentos prazerosos de sua história, para instigá-lo a fazer o melhor uso de seu talento, com resgate de sua auto-estima, aliado aos seus processos subjetivos de “ser-estar” no mundo, seu processo identitário, “iconografando” sua criatividade e flexibilidade. E de certa maneira, este exercitar, constitui no próprio indivíduo uma ferramenta que o auxiliará a perceber/valorizar, constantemente, estes valores em seus vínculos de relacionamento, tanto pessoais como profissionais.

A criança que participava diretamente do Projeto começou a adotar seu novo comportamento na escola do bairro, bem como dentro de casa, e isso, passou a se refletir em seu comportamento ao longo da vida: como espelhamento aos seus próprios irmãos, primos, filhos, enfim, à própria família e amigos próximos. Portanto, ressaltamos que se enraizaram as iconografias assimiladas, pelos depoimentos formais, em cada experiência vivida na fase infanto-juvenil.



## O que aprendemos com a experiência?

Por que é importante contar esta história?



Este fator ficou mais evidenciado, por exemplo, com a presença dos filhos pequenos de DÉLIA, e de outros que esporadicamente, também, estiveram presentes nos Encontros iniciais. A maneira que a BÊ auxiliava na leitura de cada proposta, e com a vinda de sua própria família, em alguns dos momentos das oficinas práticas. Outro exemplo é MJC, não só como a matriarca da família/grupo; mas, convivendo com esse comportamento entre seus filhos, sobrinhos, e hoje netos. Valorizando as mudanças comportamentais que se sucederam; relatou-nos, espontaneamente, que por esta razão colaborou, intensamente, para que todos, ou pelo menos, a maioria estivesse presente em cada Encontro agendado; devido a importância com que isso marcou positivamente sua família ao longo dos anos.

O Projeto Iconografia de um Espaço veio e muito a colaborar em certa estabilização de padrões éticos e sociais em relação ao ambiente. Uma consciência ecológica maior por conta do olhar de se recuperar sucatas. Ressaltando a análise pela ótica da pesquisa fenomenológica, se valida que estes jovens nunca se envolveram com drogas, assalto, ou violência ativa. Foram vítimas sim, de outras situações inerentes a uma área da favela, como coletamos em alguns dos depoimentos. Em um sentido maior, a Arte associada aos valores da família, do Núcleo Sócio-Educativo, e ao Projeto, corroborou a que estes jovens tivessem um desempenho positivo e diferenciado, ao longo de todo o processo.



O que aprendemos com a experiência?

Levantamos algumas questões específicas, e gostaríamos de situá-las:

### **Como esses jovens adultos se lêem, e como querem ser lidos?**

---

Analisamos que as linguagens artísticas foram um fator desencadeante da aprendizagem, da comunicação e da valorização do humano, mediante a produção de um novo sentido; feita num movimento subjetivo por crianças e adolescentes excluídos de oportunidades contínuas de formação. Porque se compreende por produção do sentido, as habilidades potencializadas, e valorizadas em cada indivíduo, que se autoriza a aprender; e simultaneamente, se autoriza a receber o conhecimento por outro, pelas experiências de sua própria vida, como processo ensino-aprendizagem.

Por que é importante contar esta história?



Como esses jovens se lêem, e como querem ser lidos?

Ao denominar relações que se estabelecem com o meio em que o sujeito está inserido, este sujeito se autoriza a “registrar”, interiormente, este aprendizado; porque encontra significado em sua ação e vice-versa. Esses fatores ficaram evidenciados nos discursos imagéticos, e em suas respectivas narrativas e análises no capítulo 2 e 3.

Vivenciam-se diretamente “situações-problema”, com esta questão de ensinagem em área suscetível de déficit de aprendizagem, relacionados à dualidade que permeia muitos educadores. Percebe-se também, uma vicissitude no processo dessa forma de ensinar e aprender. E, positivamente, analisando também por uma visão semiológica, verificamos que ao se comunicar e interagir cada jovem na pesquisa, se desenvolveu como ser lingüístico; e construiu signos inseridos em sua cultura, tendo como anteparo a família, a escola, o Núcleo e o Projeto. Porque este jovem se sentiu protegido e acolhido; e assim, com maior confiabilidade neste respaldo, aceitou o desafio e se permitiu se arriscar neste enfrentamento. Lembrando que, estas crianças e jovens por serem de um meio social paupérrimo de recursos financeiros, habitacionais, educacionais; vivem em constante vulnerabilidade moral e social.

Por que é importante contar esta história?



Como esses jovens se lêem, e como querem ser lidos?

Pensar esta experiência e valorizar a memória do grupo me fez também analisar categorias em forma de Discurso. Porque pela construção dos dados, observamos como a Arte corrobora a validar a inserção do ser criativo versus o ser lingüístico; ou seja, como cada ponto foi construído e pensado junto, ficou mais fácil perceber os discursos individuais, no sentido de liberdade de criar, e/ou a própria automação intrínseca entre o sujeito e o objeto artístico.

Como selecionamos apenas 3 dos sujeitos-autores para não ficar exaustiva ao leitor a maneira com que cada um se colocava, e ao submeter em temas, conseqüentemente, surgiram imagens destes temas, muitas imagens que precisavam ser lidas e recolocadas em uma ótica própria e de fácil compreensão.

Passamos a nos perguntar qual o paradigma desta Arte? Em fato, algo ficou no entrelinhamento da proposta da pesquisa. Validamos o contexto e o grupo conceitual, que se estabeleceu na formação de associações estéticas. Porque o prazer se desvela quando o sujeito-autor se permite explorar seu imaginário, e se coloca, para uma nova realidade perceptiva. Houve situações históricas sociais contextualizadas para uma realidade física, e outra para a consciência do efeito de se permitir um distanciamento do cotidiano; em que a Arte, neste caso, foi a facilitadora desta língua de comunicação e permissão desta transitoriedade. Cada momento de contato

Por que é importante contar esta história?



Como esses jovens se lêem, e como querem ser lidos?

com o objeto e o fazer o objeto causou uma “re-ação”. A Arte uniu este sujeito em seu próprio espaço de reconhecimento.

Propõem-se um paradigma que não descarta a aprendizagem do passado; e sim, que o submete a uma nova ordem, conseqüentemente, com atitudes e valores em consonância com um profissionalismo implicado nessas transformações. O que me faz lembrar uma citação de Ana Mae Barbosa: “sem história não podemos construir identidade”. Valorizamos, nesta pesquisa, a história coletiva de um grupo que cresceu e se metamorfoseou em suas vivências; se transformou após uma experiência de contato artístico. Esse se permitir fazer, na construção cotidiana de algumas horas, meses, anos, não sublimou sua expectativa como ser humano de se tornar especial em sua forma de catalisar a criatividade. Permitiu-lhe flexibilidade de enfrentar situações reversas, e a polivalência desta forma nova de enxergar suas possibilidades. De alguma forma, a Arte o fortaleceu em sua auto-estima. Permitiu-lhe a leitura de si mesmo e do outro.

Compreendemos que a Arte e as diversas formas de Comunicação podem vir também a ampliar, multiplicar e ressoar valores enraizados em nossa cultura dentro do contexto histórico-social. Houve a produção de uma ativação dentro de um processo histórico social, mediado pelo valor ético de cada integrante, de cada “criador” de seu processo. E a respeito de uma visão pedagógica, necessita-se abordar os problemas que caracterizam as grandes mudanças no Ensino da Arte nos últimos anos, porque por meio de um saber

Por que é importante contar esta história?



Como esses jovens se lêem, e como querem ser lidos?

consciente e informado, se torna possível o exercício deste binômio ensino-aprendizagem, e conseqüentemente, as várias possibilidades de se exercer esta leitura.

Em síntese, estes jovens se lêem inseridos em um contexto de dificuldades; querem ser lidos, no presente, como jovens que venceram estas dificuldades, e são capazes de externalizar pela Arte este sentimento de pertencimento.

\*

Por que é importante contar esta história?







## **Existe o afeto de ser afetado, ou apenas o afeto afetuoso de uma aventura plástica e poética dessas leituras?**

---

Em todo o processo da pesquisa, e em nossas indagações diárias da própria vida, verificamos que cada vez mais, em diferentes áreas do conhecimento, a Arte está sendo inserida, principalmente, por seu cunho de criatividade.

Na Economia, na Política, na Área Social, entre outras, traz em seus *slogans* esta interface. Portanto, ao analisar cada estudo individual das trajetórias desses jovens, concomitantemente, analisando seu perfil sócio-econômico como cidadão, passamos a validar alguns aspectos, desta rede transcultural porque:

1. Observamos que a criança/ jovem precisa aprender e ser ensinado a ousar; e a usar a linguagem da Arte, como mecanismo de



Existe o afeto de ser afetado, ou ...?

estímulo; para, intermitentemente, desenvolver diferentes variações de novas interpretações, dentro de seu contexto sócio-econômico regional, como novas formas de ludicidade e resiliência;

2. Percebemos que os artistas, artesões, facilitadores da Arte e da Cultura, e os profissionais da Comunicação, em geral, têm procurado renovar a linguagem e a função social da Arte; citando alguns exemplos:

A. Quando analisamos relações subjetivas de valorização e inclusão de crianças e jovens pelo processo de aprendizagem não institucional (não formal), aliadas ao prazer de ser (Cultura) e fazer (Comunicação), e através da utilização das diferentes formas de linguagem, passa-se a distinguir as criações artísticas, culturais e comunicacionais, das outras modalidades de conhecimento humano;

Por que é importante contar esta história?



Existe o afeto de ser afetado, ou ... ?

Por que é importante contar esta história?

B. Olhando para o objeto estético/artístico construído neste processo peculiar, pensamos na ótica da psique humana: a forma é o elemento catalisador de nossa origem psicológica e psicopedagógica das leituras que fazemos de nós mesmos, e como a projetamos, sobre a ótica de nosso aprender, e perceber. Tão simples e pressupõe tantas variantes, de uma mesma leitura. Assim, cada tema proposto gerou diversos discursos imagéticos pelo grupo que sempre aceitava as suas próprias reações individuais na diversidade de operacionalizar o fazer. Como e de que maneira fazer: individual ou coletivamente; se fizermos de tal maneira dará certo, ou devemos experimentar tal caminho. Nestas indagações sobre o objeto, foram sendo construídas as interpretações da palavra a respeito da imagem; e se enriqueceu a leitura da forma.



Existe o afeto de ser afetado, ou ... ?

Por que é importante contar esta história?



3. Na visão da Educação, e também, de acordo com momentos da vida, damos prioridade a um ou outro dos diferentes espaços pedagógicos do aprender. Refletimos se o homem precisa ou não se localizar como um fruidor, para alavancar outras possibilidades de inclusão, e percepção da sua Arte; como parte de um processo cultural de comunicação e conciliador das diferenças.
4. Com as oficinas práticas constatamos que uma das possibilidades da Arte é que estabelece não mais uma linguagem; e sim, prioritariamente, uma nova língua, capaz de se comunicar, nos mais diversos idiomas do Planeta; e aplacar as mais diversas idiossincrasias. A Arte propicia uma construção de sentido individual e simultaneamente coletiva.
5. Com a ajuda dos teóricos, indicamos que a palavra e imagem se alinham cada vez mais e velozmente neste mundo, onde a Comunicação prioriza a produção cultural e massifica a produção de sentido a este estudo da Arte. Valoramos a autoria deste



Existe o afeto de ser afetado, ou ... ?

sujeito que busca a boniteza em sua rotina.

6. No quadro de análise geral constatamos que se torna cada vez mais importante, o espaço de trabalho para o artista-educador, que reverbera as polaridades de sua função, na transformação social e cultural de um mundo mais humano e afetivo.

Entendemos estas habilidades sendo potencializadas e valorizadas em cada pessoa; que, individualmente também, se autorizou a aprender, e a receber o conhecimento por outro, pelas experiências de sua própria vida, como processo Ensino-Aprendizagem, e como produção de sentido.

Neste descrever simbólico, consideramos que em cada trajetória pessoal e social construiu-se um sujeito-autor, e este foi afetado por sua escolha. Esse afeto (de afetar e ser afetado) ainda incluiu duas ações do conhecimento: comparar e transformar. Porque esses primeiros multiplicadores, potencializando seus saberes, os reconstruíram para a comunidade de jovens e adultos, ali estabelecidos, sobre um novo "olhar".

Este "olhar" torna-se, na área de Artes Visuais, o próprio executor para a fruição do espectador. A obra para existir precisa ser não só apresentada; mas, executada junto ao público que o valida, pela sua própria mediação cognitiva e

---

Por que é importante contar esta história?



sensorial dos elementos que caracterizam, a composição visual apresentada; e assim, decodificada por este espectador. Obra e sujeito interagem.

### **Quais os sentidos por eles produzidos sobre a experiência de arte-educação que vivenciaram?**

---

A linguagem da Arte foi utilizada para acessar esses processos de construção, e re-construção que passaram ao longo de período de diversas ausências descritas; e para poder observar o processo como um “fenômeno” de reconhecimentos múltiplos nessas histórias que emergem em seus discursos plásticos.

Por que é importante contar esta história?



Quais os sentidos por eles produzidos...?

Quando falamos da morada, falamos da nossa casa “interna”. Para uma contextualização imagética, dos resultados elaborados pelo grupo, na tentativa de reconstruir histórias individuais, elaboramos a morada coletiva que afetivamente trouxe “cantos” de uma casa, como trechos de uma vida, pontos de inserção, “nós” atados ou não, de experiências, de vivências. Por estes “nós” simbólicos, com suas múltiplas intersecções, poderiam, também, simplificar a experiência como um registro cristalizado do processo, em um determinado tempo (aquele momento); e ao contrário, trazer à vivência a visão, compreensão temporal (vários tempos) dos reencontros com a experiência, com o processo, com a própria percepção.

Nos reencontros programados não só tratamos do espaço interior, como o do exterior. Vivenciamos a história dos materiais utilizados na época, pelo manusear das mãos calosas de trabalho, e recordamos este fazer. Potencializamos a união do grupo pela criatividade e flexibilidade.

Essas crianças anteriores que “sujaram” suas mãos nas tintas<sup>33</sup>, em que a oportunidade da Arte se fez presente em sua rotina, querem hoje ter seu espaço de leitura; querem ser lidos e inseridos. Não têm a pretensão de artistas; e sim, a possibilidade de ter a Arte como processo de formação a transformar seus desejos em valores, de se inserirem em uma

Por que é importante contar esta história?



<sup>33</sup> Termo utilizado por **MJC** em um de seus depoimentos.



sociedade menos violenta, menos racista, menos preconceituosa.

Querem conquistar a possibilidade virtuosa de produção, como foi o caso de ALÊ que ao se deparar com sua própria história de vida junto ao Projeto Iconografia de um Espaço, reativou em seu presente a construção de moradas elaboradas, e confeccionadas para uma renda auxiliar, mesmo sendo grato de carregar sacos e sacos de farinha, todos os dias.

### **E esta pesquisadora, o que aprendeu com a experiência?**

---

Na época inicial do Projeto era artista e não educadora formal. Ao longo dos anos foi um processo de referendar minhas próprias categorias de assimilação do conhecimento; pois, me tornar oficialmente (com diplomas) aquilo que sentia em meu coração, foi um grande desafio. O “Projeto Iconografia de um Espaço” me fez reavaliar também minha trajetória, e me instigou à formação acadêmica.





E esta pesquisadora, o que aprendeu com a experiência?

Nomeio-me artista-educadora, cuja fruição maior perpassa pelas possibilidades de se compreender a subjetividade com que a Arte nos flerta.

Existe uma diferença sensível entre ser arte-educadora e artista-educadora. A primeira formação, de arte-educadora, é constituída por pessoas que sempre buscaram o processo de educar e partilhar no coletivo, o conhecimento pela linguagem da Arte: a Educação pela Arte; mas a segunda formação, a de artista-educadora, é a qual me incluo; e passa, primeiramente, por experiências pessoais de se educar para a Arte como artista, em um processo solitário de *atelier*, de tintas, e tantos monólogos. A incerteza, a autodisciplina solitária de produção, enfim, concatenam para a construção de um "olhar" que se despoja das próprias vicissitudes, se cura pelas inúmeras tentativas de erro e acerto, se equilibra no silêncio; e ressurgi destas "cinzas" com mais força para a troca com o coletivo. O artista-educador é aquele que passou pela experiência, e quer compartilhar a experiência como processo vivido em sua própria "pele".

Eu fui me modificando com esta experiência, e eles (vim a descobrir com este retorno) também se modificaram de uma forma sensível, para um conceito transversal de eliminar a sujeira, a violência e a pobreza, mesmo que, temporariamente, de seus dias.

Nesta ótica, me vi apenas como a artista que vai educar; e fundamentalmente, a artista que se educa ao educar, e é deste afeto que estamos narrando.



Por que é importante contar esta história?





## Considerações em construção

---

Ao trabalhar as Artes Visuais, facilitando a transformação de uma realidade paupérrima e destituída de beleza, o sujeito percebe (percepção) que é capaz de transformar, simbolicamente, esta própria realidade de vida; e como essa experiência deu um sentido à sua história, colocando-o em contato com o belo, a boniteza; com a estima; e valorando como as palavras e imagens entram e saem desta produção.

Considera-se nessa pesquisa que o amor é uma das formas de se ensinar e de se promover a transmissão do conhecimento. Porque a possibilidade, acima descrita, gera o amor que, simbolicamente, gera afetos, gera re-ação, conflito, inteireza para ser verdadeiro, e coragem para ser descrito; precisa ser fundamentalmente: compreendido, assistido, ajudado, em suas dificuldades, seguido de um "olhar



### Considerações em construção

benévolo” e confiante de uma facilitadora. O processo partilhado é fruto deste amor.

Estes jovens se tornaram seus próprios autores, edificando o processo de resgate afetivo e social, aos longos dos anos, para culminar nos adultos que modificam histórias dentro do mesmo contexto urbano, gerando valorização do capital humano, e a produção de bens; gerando a experiência, gestando a Vida.

\*\*\*\*\*



Por que é importante contar esta história?



---

## **Bibliografia**

---

## Bibliografia

---

ALLESSANDRINI, C.D. *Oficina criativa e psicopedagogia*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. (citado)

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Ana Mae Tavares (org.). *Arte e Cultura-educação: leitura no subsolo*. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Arte/ educação contemporânea: consonância internacional*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BOSI, A. (org.) Aguiar, F; BOSI, E; et al. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. (citado)

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Revista e Ampliada. 35ª Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: 2005. (citado)

DEWEY, J. *Experiência e natureza; lógica: a teoria da investigação; a arte como experiência; vida e educação; teoria da vida moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

ECO, U. *Obra aberta*. (8.ed.) São Paulo, SP: Perspectiva, 1991.

FATIO Carla Francisca. *A iconografia da subjetividade no desatar dos nós*. Pesquisa *Stricto-Sensu*. (dissertação de Mestrado). São Paulo: UNISA, 2005.

\_\_\_\_\_. *Psicopedagogia: nós em nós - a importância da linguagem da arte no afeto da educação*. Pesquisa *Lato-Sensu* (Monografia da Especialização). São Paulo: UNISA, 2003. (citado)

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1987. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (O mundo hoje, v.10)

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Educação e Mudança, v.1)

FUNARI, Eva. *Nós*. 3ª ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 2000. (citado)

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. São Paulo: Cortez, s/d.

GIKOVATE, Sílvia. *Corpo, espaço de significações e de saberes: um estudo sobre Merleau-Ponty e algumas considerações sobre Rudolf Laban*. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 2001.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2ª Ed. São Paulo: Plexus, 2000.

LARROSA, Jorge & Skliar, Carlos. (orgs.) *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche & a educação*. 2ª. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Pensadores & Educação)

MALANGA, E. *Comunicação & bale*. São Paulo: Edima, 1985.



\_\_\_\_\_ (org.) *Psicopedagogia e semiologia: uma interdisciplinaridade produtiva*. São Paulo: Memnon, 2003. (Temas da Psicopedagogia, livro 6).

MARIOTTI, Humberto. *As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins, 1996; 2002.

MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo - poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FDT, 1988. (citado)

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. (2ª ed.) São Paulo: Cultrix, (1970)(citado)

SCHOPENHAUER, Artur. *Metafísica do belo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_ *O mundo como vontade e representação: III pt*. São Paulo: Abril, Cultural, 1980. (Os pensadores)

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_ *A psicologia da arte*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

\_\_\_\_\_ *Pensamento e linguagem*. 2ª Ed/ 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WEFFORT, Madalena Freire. (org.) *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Artcolor, 1996. (Séries Seminários).

### **Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado**

GARCIA, Amélia Natalina Constante. *Experiências de vida e formação continuada de arte-educadores*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes: São Paulo, 2008.

MAGALHÃES, Ana Cândida Paoletti. *O educador e a leitura de imagens*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes: São Paulo, 2008.

SEIXAS, Renato Braz Oliveira de. *Identidade Cultural da América Latina nas mensagens publicitárias: aspectos dos processos de integração cultural global*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – PROLAM (Programa de Integração Latino-Americana): São Paulo, 2006.

### **Sites de acesso**

Estética (apontamentos) <http://filosofiajafonsodois.tripod.com/>  
acessado em 15 /02/2008;

Diversos autores e filósofos: <http://www.wikipedia.com>  
acessado em 10/12/2008

DUFRENNE, M.

[http://www.tede.ufop.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=248](http://www.tede.ufop.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=248) acessado em 15/10/2008

<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=34463008> acessado em 10/12/2008

<http://recantodasletras.uol.com.br/resenhasdelivros/418829>  
acessado em 10/12/2008

LARROSA, J.

[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/julho2007/ju364pag06.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/julho2007/ju364pag06.html) acessado em 15/9/2008 (2005)





<http://www.pedagogico.com.br/edicoes/12/artigo2257-1>  
(2002).

Plano Diretor/Centro de Juventude/ Secretarias:

[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/planodiretor\\_regional/0001](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/planejamento/planodiretor_regional/0001)

\*\*

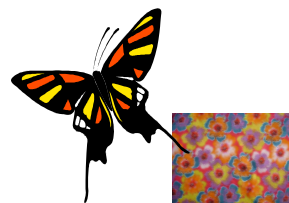


## Comentários

---

1. Diante do volume em páginas dessa dissertação, optou-se por não colocar os anexos, citando os respectivos:
  - A) Os jornais de época que originariam a documentação específica de registro do Projeto Iconografia de um Espaço (1996-2000);
  - B) Os textos manuscritos de cada sujeito participante dos Encontros;
  - C) Os materiais escritos e desenhados dos demais integrantes;
  - D) As autorizações assinadas de uso de imagem de cada um.
  
2. Compete ressaltar que as autorizações assinadas de uso de imagem de cada integrante estão disponíveis mediante solicitação pelo email: [carlafatio@gmail.com](mailto:carlafatio@gmail.com) e [carlafatio@yahoo.com.br](mailto:carlafatio@yahoo.com.br); ou pelo site: [www.carlafatio.com](http://www.carlafatio.com)

\*\*



**OBS:** as notas de finais de capítulos foram automaticamente transferidas para esta posição por causa do sistema de conversão de arquivos em um único documento.

### Notas do capítulo 1

---

Não há.

### Notas do capítulo 2

---

<sup>iii</sup> Foram 11 encontros: dez encontros de trabalho e um de lazer.

Relato que o *Programa Revelando São Paulo* é um programa estadual da Secretaria de Estado da Cultura desde 2005, sendo que sua criação se deu há 11 anos, quando o Diretor Cultural, **TM**, pela Abaçai Cultura e Arte idealizou este projeto inovador de contemplar municípios que realmente valorizam suas raízes locais e a tradição geracional pela Arte e pela Cultura.

<sup>iii</sup> VOLOSHINOV, V. N. (1929/1992) *El marxismo y la filosofía del lenguaje*, Madrid: Alianza (Obra original publicada em 1929) Apud TRAVERSO-YEPEZ, Martha. *Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social*. Estud. psicol. (Natal), jan./jun. 1999, vol.4, no.1, p.39-59. Disponível na World WideWeb:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413294X1999000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X1999000100004&lng=pt&nrm=iso)> ISSN 1413-294X. Nota: *Martha Traverso-*



Yépez, é Doutora em Psicologia pelo Departamento de Psicologia Social da *Universidad Complutense de Madrid* (Espanha), é professora visitante no Departamento de Psicologia da UFRN. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Psicologia, Caixa Postal 1622, Natal, RN, CEP 59078-970. E-mail: [traverso@ufrnet.ufrn.br](mailto:traverso@ufrnet.ufrn.br).

### Notas do capítulo 3

---

<sup>iv</sup> Ana Mae Tavares Bastos Barbosa atualmente está aposentada da pós-graduação em Arte-educação da Escola de Comunicação e Arte (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Mesmo aposentada continua sendo disputada como orientadora de mestrados e doutorados. É uma educadora brasileira, pioneira em arte-educação. É a principal referência no Brasil para o ensino da Arte nas escolas, tendo sido a primeira brasileira com doutorado em Arte-educação, defendido em 1977, na Universidade de Boston. Em 1987 desenvolveu com apoio em sua "proposta triangular", o primeiro programa educativo do gênero, ainda é a base da maioria dos programas em Arte-educação no Brasil.

<sup>v</sup> Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro. Destacou-se por seu trabalho na área da Educação Popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia Mundial, tendo influenciado o movimento chamado Pedagogia Crítica. A obra de Paulo Freire ultrapassa esse espaço e atinge toda a educação, sempre com o conceito básico de que não existe uma educação neutra: segundo a sua visão, toda a educação é, em si, política.

<sup>vi</sup> John Dewey (1859-1952) foi um daqueles raros filósofos universitários que soube aliar uma investigação permanente do saber em múltiplas áreas, a uma invulgar capacidade de materializar projetos comunitários. Filósofo pragmatista (*instrumentalista*), acabou por se tornar, todavia mais conhecido, como o





---

grande filósofo da educação moderna. Americano de nascimento seria a referência mais distante do nosso tempo atual em termos de tempo histórico: início do século XX, mas seu pensamento permanece mais contemporâneo do que nunca. Escreveu diversos livros, mas sua pesquisa foi sempre norteadada em cima da experiência do sujeito, e as relações que o homem estabelece nesta construção. A ideia básica do pensamento de John Dewey sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno.

<sup>vii</sup> Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) fez seus estudos na Universidade de Moscou para tornar-se professor de Literatura. O objetivo de suas pesquisas iniciais foi Criação Artística. Foi só a partir de 1924 que sua carreira mudou drasticamente, passando Vygotsky a dedicar-se a Psicologia Evolutiva, Educação e Psicopatologia. A partir daí ele concentrou-se nessas áreas e produziu obras em ritmo intenso até sua morte prematura aos 37 anos, devido à tuberculose. Apesar de ter vivido pouco tempo, Vygotsky alcançou vastos conhecimentos não apenas na área da Psicologia, mas também das Ciências Sociais, Filosofia, Lingüística e Literatura.

<sup>viii</sup> Sonhador de palavras é um termo designado metaforicamente por Gaston Bachelard (1884-1962) porque este fala de palavras, fala de sonhos que é o grande arquétipo criador deste homem. Foi um filósofo e poeta francês que estudou, sucessivamente, as Ciências e a Filosofia. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à Filosofia da Ciência. Seu pensamento continua atual. Para ele o conhecimento ao longo da história não pode ser avaliado em termos de acúmulos, mas de rupturas, de retificações, num processo dialético em que o conhecimento científico é construído através da constante análise dos erros anteriores. Interessante também compartilhar, que encontrei o mesmo termo “sonhador de palavras” expresso nos textos aqui citados de Mikel Dufrenne.

<sup>ix</sup> Jorge Larrosa Bondia é professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. É doutor em Pedagogia e realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne em Paris. Foi professor convidado em várias universidades européias e latino-americanas. Dentre as suas diversas publicações, destacam-se *La experiencia de la lectura* (1996); *Pedagogia profana* (1998); *La experiencia de la lectura. Ensayos sobre literatura y formación* (1999); e Larrosa, Jorge & Skliar, Carlos(orgs) *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. BH: Autêntica (2001). Tem influenciado inúmeros educadores com questões polêmicas. Já esteve no Brasil para proferir inúmeras palestras.





<sup>x</sup> Schopenhauer, filósofo, (1788-1860) nos fala da representação estética de mundo que vemos. Fala das teorias de Platão e Kant, e se opõe a este último; nos fala da vontade, do desejo, do sublime, do belo.

<sup>xi</sup> Eliana Branco Malanga foi minha orientadora de Mestrado na UNISA – Universidade de Santo Amaro, na área de Psicopedagogia, em 2005. Esta me ensinou a observar os efeitos que a emoção no campo da análise discursiva do objeto provoca nos sujeitos que estão experienciando o processo de criação. Publicou inúmeros artigos, e dois livros citados na bibliografia.

<sup>xii</sup> Renato Brás de Oliveira Seixas possui Bacharelado em Direito pela PUC/SP (1986); Mestre e Doutor em Integração da América Latina pelo PROLAM/USP (Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina) na área de Comunicação na América Latina. Atualmente é professor da EACH, da USP, no Curso de Lazer e Turismo e no curso de Marketing, em disciplinas de Direito Aplicado ao Marketing, Planejamento e Gestão de Empreendimentos de Lazer e Turismo, Planejamento e Gestão de Eventos, e Problemas da Globalização Contemporânea; pesquisador do NUPRI – Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da USP; Advogado militante em São Paulo especializado em Direito Internacional, Direito de Mercado Financeiro e de Capitais, Direito Empresarial, Direito Contratual, Direito do Consumidor; entre outras atividades.

<sup>xiii</sup> Luiza Helena da Silva Christov possui Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professora Titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Realizou estágio de Pós-Doutoramento junto à Universidade de Barcelona com a orientação do prof. Dr. Jorge Larrosa Bondía. Foi assistente de pesquisa da professora. Dra. Bernadete Gatti, junto à Fundação Carlos Chagas; leciona Psicologia da Educação e Didática, e assessora a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo e o Instituto Paulo Freire; entre outras atividades. Tem um grupo de pesquisa credenciado pelo CNPQ e UNESP: Linha de Pesquisa: Linguagem e formação docente. Nome do grupo: Arte e formação de educadores. Os estudos desta linha têm como objetivo analisar o potencial da linguagem artística para a produção de sentido, conferida à própria experiência por docentes em formação.



---

<sup>xiv</sup> Oficinas criativas é um termo utilizado por Cristina Dias Alessandrini para designar os espaços de ocupação pela Arte. Alessandrini atua como arteterapeuta e psicopedagoga. Autora de vários livros, como por exemplo: ALLESSANDRINI, C.D. *Oficina criativa e psicopedagogia*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. É Mestre em Psicologia pela USP, Doutorado em Psicologia da Aprendizagem pelo Departamento de Psicologia da USP. Membro fundador do Instituto de Estudos do Futuro desenvolve programas de aprimoramento de educadores para a paz.

<sup>xv</sup> Maurice Merleau-Ponty (1908 -1961) foi um filósofo fenomenologista francês. Apesar de grandemente influenciado pela obra de Edmund Husserl, Merleau-Ponty rejeitou sua teoria do conhecimento intencional, fundamentando sua própria teoria no comportamento corporal e na percepção. Sustentava que é necessário considerar o organismo como um todo para se descobrir o que se seguirá a um dado conjunto de estímulos. Para Merleau-Ponty, o ser humano é o centro da discussão sobre o conhecimento. O conhecimento nasce e faz-se sensível em sua corporeidade.

<sup>xii</sup> Maria Christina de Souza Lima Rizzi é professora titular/ coordenadora do Departamento de Artes da ECA/USP. Tem experiência na área de Artes, Museologia, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: arte-educação, educação ambiental e museologia.

Mikel Dufrenne (1910 – 1995) foi um filósofo francês. Conhecido como fundador do “existencialismo”, e particularmente por seu trabalho: *The Phenomenology of Aesthetic Experience* (1953). Após situar o pensamento do autor no contexto geral do movimento fenomenológico, investiga-se a releitura que este faz do conceito de intencionalidade, que foi o ponto de partida que lança nova luz sobre as relações que na experiência se travam entre sujeito e objeto.

<sup>xviii</sup> Moacir Gadotti (1941) é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) desde 1991 e o atual diretor do Instituto Paulo Freire em São Paulo. Gadotti é licenciado em Pedagogia e Filosofia, mestre em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (Suíça) e livre docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui várias publicações voltadas para a área de educação entre elas: *Educação e poder*. (Cortez, 1988), *Paulo Freire: Uma bibliografia* (Cortez,

---

1996), *Pedagogia da Terra* (Petrópolis, 2000) e *Educar para um Outro Mundo Possível* (Publisher Brasil, 2007).

<sup>xix</sup> Um exemplo próximo seria o acordo entre os países do eixo latino-americano, MERCOSUL; que mesmo instituído há alguns anos ainda não conseguiu adesão de todos os países do continente. Outro exemplo seria a Europa que instituiu uma moeda comum: o “Euro” para facilitar o comércio e o turismo, apesar de nem todos os países europeus também aderirem. A Globalização é uma consequência destes acordos para facilitar o trânsito entre as fronteiras.

<sup>xx</sup> No laboratório-escola que dirigiu junto a sua esposa Alice, na Universidade de Chicago, as crianças bem novas aprendiam conceitos de física e biologia presenciando os processos de preparo do lanche e das refeições, que eram feitos na própria classe. Este elemento de ensino com a prática cotidiana foi sua grande contribuição para a Escola Filosófica do Pragmatismo. Mas esta iniciativa fracassou, após três anos, e Dewey viu-se forçado a deixar Chicago. Criou, então, a famosa Lincoln School, em Manhattan (Nova Iorque), que também falhou em pouco tempo.

<sup>xxi</sup> Termo utilizado por Frederic Nietzsche em seus livros: “o Anti-Cristo (1978) Assim Falava Zaratustra (1961)”. Na atualidade sua pesquisa enquanto filósofo e grande pensador foi considerado como o ponto de partida para o pensamento contemporâneo.

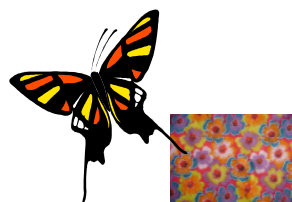
<sup>xxii</sup> Miriam Celeste Martins possui Mestrado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo (1992) e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1999). Atualmente é docente do curso de pós-graduação “Educação, Arte e História da Cultura” na Universidade Presbiteriana Mackenzie e sócia-diretora do Rizoma Cultural; entre outras atividades. Foi docente e coordenadora do Grupo de Pesquisa Mediação arte/cultura/público do IA/UNESP. Tem atuado na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais nos seguintes temas: mediação cultural, arte, ensino de arte, currículo, educação e formação de educadores.

\*\*





Por que é importante contar esta história?



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)